



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**O LUGAR DO TEXTO LITERÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS:
O CONTO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

ROSÂNGELA FRANCISCO FORTI

RIO DE JANEIRO

2015

**O LUGAR DO TEXTO LITERÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS:
O CONTO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa Mestrado Profissional em Letras como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientadora: Ana Crélia Dias.

RIO DE JANEIRO

2015

**O LUGAR DO TEXTO LITERÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS:
O CONTO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

ROSÂNGELA FRANCISCO FORTI

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa Mestrado Profissional em Letras
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientadora: Ana Crélia Dias.

Data da aprovação: ____/____/____

Banca examinadora

Ana Crelia Dias – ProfLetras UFRJ – Orientadora

Georgina da Costa Martins – UFRJ

Armando Ferreira Gens Filho - UERJ

Suplentes:

Fernando Maués de Faria Jr – ProfLetras – UFPA

Maria Fernanda Alvito de Oliveira - UFRJ

LISTA DE ABREVIATURAS

LD – Livro Didático

CM – Currículo Mínimo

PNDL – Programa Nacional do Livro Didático

SEEDUC – Secretaria Estadual de Educação

IDERJ - Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado do Rio de Janeiro (IDERJ)

SAERJ - Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro

IDERJ - Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado do Rio de Janeiro

SAERJINHO - Sistema de Avaliação bimestral da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

PLE – Plano de Leitura Escolar

EJA - Educação de Jovens e adultos.

FNDE – Fundação Nacional para o Desenvolvimento da Educação

GLD – Guia de Livros Didáticos

AGRADECIMENTOS

A palavra agradecimento lembra-me pertencimento que por sua vez remete-me as minhas raízes como ser humano, como pessoa, como mulher, como menina, como criança e lembro-me de minha avó descendente dos índios Goytacazes... ficou impregnada em mim a imagem dela acorada contando histórias para os netos. O jeito peculiar de senta aproximava-nos, pois ela assemelhava-se a nossa estatura física... estava bem ali ao nosso nível de visão... . Eram mágicos aqueles momentos, maravilhosos cheios de prazer... . quase indescritíveis. Diria que essa época presenciou o nascimento do meu amor por histórias. Obrigada vó Laurides, apesar de já ter ido contar histórias no céu há tanto tempo, continua aqui dentro de mim a me encantar. Minha mãe Cici (Iracy), continuou a tradição, entretanto de forma atualizada, comprava-me livros de histórias infantis, minha primeira mestra, ensinou-me o que significa amor incondicional, incansável em sua máquina de costura sempre ajudou o papai a nos sustentar. A você, mãezinha querida, a quem tenho muito que agradecer. Ao pai Valcir, batalhador que sempre por seu nome zelou, quero dar-lhe meu louvor! Obrigada por tudo de valor que um dia me ensinou, amo-te meu velho! Cehyl, esposo amado, lutamos juntos por isso vencemos: obrigada, obrigada, obrigada! Por todo amor, apoio, paciência e dedicação, sem você seria muito, muito mais difícil. Meus príncipes, Gabriel Olavo e Pedro Victor, cada um ajudou-me do seu jeito não foi fácil não é meninos? Contudo, vencemos mais esse desafio juntos. Filhos amados como agradecer-lhes se foram tantas as contribuições? Tantas as abdições? Enfim, chegamos ao final feliz! Meus sobrinhos queridos: Ander, Caio Alexandre, Paulo Vinícius e Thyanne, também devo o meu agradecimento. “Há amigo mais chegado que um irmão”, diz o sábio Salomão em seu livro de Provérbios, e vocês Geraldo Sérgio, Yeda e família são amigos desse tipo. Pelo incentivo, pelo estímulo, por dividirem comigo e com a minha família momentos tão especiais, ofereço minha gratidão. A minha querida irmã Anete Rodrigues por todas as palavras de ânimo, pelas orações por sempre poder contar com ela! À Prof.^a Dr.^a Ana Crélia Dias, minha orientadora e exemplo profissional, pela paciência pelo estímulo e principalmente por compartilhar comigo o amor pelo que faz, tornando sua intermediação como educadora uma verdadeira injeção de ânimo e crédito à educação - suas aulas foram presentes que recebi! Obrigada!

Então, como eu dizia no início no texto, agradecimento, combina com pertencimento – pertence a todos vocês que direta ou indiretamente corroboram comigo – esse grande momento!

Ao meu DEUS, meu maior tesouro, devoto todo o meu louvor e gratidão!!!!!!
Porque só Ele é digno de toda adoração!

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus, meu amado Pai Eterno, ao meu cônjuge Cehyl, aos meus filhos Gabriel Olavo e Pedro Victor e a meus preciosos pais Iracy e Valcir.

RESUMO

Vivemos numa sociedade letrada, portanto a leitura, especialmente a leitura crítica é imprescindível para a aquisição de conhecimentos e para que se usufruam seus direitos como cidadão. Tendo isso em vista o propósito desta pesquisa é investigar o lugar do conto nos livros didáticos de Língua Portuguesa, adotados por escolas públicas de um município da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Clarificar qual é a posição que o conto ocupa para assim, analisar se as abordagens que os LD vêm fazendo corroboram ou não para o letramento literário, haja vista que esse tipo de letramento é o que capacita o leitor para a contemplação e reflexão de uma obra literária. A partir da análise do Currículo Mínimo da Secretaria Estadual de Educação e do processo de seleção de livros didáticos a pesquisa avança para analisar as abordagens feitas por duas coleções de tais publicações selecionadas. Apresento os resultados tanto os exames aos documentos oficiais, quanto das análises das coleções de LD adotados, bem como entrevistas realizadas com professores de algumas escolas da região supracitada. Concluí que apesar de o LD ser a principal porta de entrada de literatura nas escolas da região pesquisada e dessa publicação ser rodeada de várias ações preconizadas pelo PNLN, ainda assim existem muitas lacunas nesse processo, o que desemboca na subutilização desse material e, conseqüentemente em sua mínima contribuição para a formação de leitores literários. Após as investigações, proponho uma análise de um dos contos utilizados nas coleções analisadas.

Palavras-chave: contos; letramento literário; livro didático.

ABSTRACT

We live in a literate society, so the reading, especially the critical reading is essential for the acquisition of knowledge and for that they promise their rights as a citizen. Therefore, the objective of this research is to investigate the place of history in textbooks of Portuguese Language, adopted by the public schools in Baixada Fluminense, a region in Rio de Janeiro. Clarify what is the position that the tale takes to thereby analyze whether the approaches that the LD have been doing corroborate or not for the literary literacy, given that this type of literacy is what enables the reader to contemplation and reflection of a literary work. From the analysis of the Minimum Curriculum of the State Department of Education and textbook selection process, this research advances to analyze the approaches made by two collections of such selected publications. Present the results of both tests to official documents, as the analysis of LD collections adopted, as well as interviews with teachers in some schools the above region. I concluded that although the LD be the primary literature gateway in schools in the region researched and this publication is surrounded by various actions recommended by PNLD, still there are many gaps in the process, which ends at the under-utilization of this material and consequently in its minimal contribution to the formation of literary readers. After investigations, I propose an analysis of one of the stories used in the analyzed collections.

Keywords: stories, textbooks, literary literacy

SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
INTRODUÇÃO	16
I - LIVRO DIDÁTICO: SELEÇÃO E USO NA ESCOLA.....	22
1.1. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	<u>22</u>
2. CURRÍCULO MÍNIMO E OS CONTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL	28
2.1- Análise da proposta da transversalidade do conto no CM.	28
3- OS CONTOS NAS COLEÇÕES ESTUDADAS.....	33
3.1-Antes de abrir as páginas da primeira coleção .. Erro! Indicador não definido.	33
3.2- Abrindo as páginas da primeira coleção	31
3.3 As seções e subseções do capítulo um	45
3.4 - Apresentação do capítulo dois	56
3.5 - Apresentação do capítulo três.....	62
3.6 - Apresentação do capítulo quatro.....	65
3.7- Os contos do quarto volume da primeira obra.....	69
3.8 - Abrindo as páginas da segunda obra.....	70
3.9 -Os contos do primeiro volume da segunda obra.....	81
4- PROPOSTAS DE TRABALHO COM CONTO DO LIVRO DIDÁTICO.....	97
4.1 A Sequência Didática.....	99
4.2- Proposta de trabalho com um conto maravilhoso.....	102
CONCLUSÕES	130
REFERÊNCIAS	134
ANEXOS	138

PRÓLOGO

Antes de começar a tratar do trabalho, buscarei situar o leitor acerca de minha experiência profissional como docente, bem como familiarizá-lo tanto com as instituições nas quais baseei minhas investigações, como com a clientela com a qual tenho trocado experiências. Principiei minha prática em 2000 ministrando aulas na rede particular de ensino, nos cursos fundamental e médio. A partir de 2008 encetei na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, como professora nos segmentos: fundamental dois e médio e em 2014, assumi, interinamente, a coordenação pedagógica. Atuo na Baixada Fluminense, em São João de Meriti, em três redes de ensino: particular, estadual e municipal. A escola estadual funciona em três turnos oferecendo os ensinos fundamental, médio e educação de jovens e adultos; atende a cerca de mil e quinhentos alunos. Possui acesso à internet, é equipada com uma única sala com TV, DVD, localizada no segundo andar, o projetor de multimídia e a caixa de som, ficam guardados no primeiro andar, por questões de segurança patrimonial, então sendo assim, para ter condições de exibir um filme, por exemplo, ou exibir um PowerPoint, em suas aulas, o professor terá de: 1º) agendar, com boa antecedência, tanto a data, quanto o horário; 2º) planejar sua aula atentando para dois detalhes importantes: o período indicado para ser trabalhado o tal conteúdo segundo o currículo mínimo e a disponibilidade dos equipamentos; 3º) submeter-se a transportar do primeiro para o segundo andar, os dois últimos equipamentos mencionados acima. Existem nove turmas no turno da manhã, logo, apenas um ou dois dos docentes poderão usar os equipamentos citados se o fizerem em horários alternados e se estiverem empenhados para transpor todos os obstáculos a fim de tornar suas aulas mais atraentes e interessantes.

Tomei, como exemplo, apenas a escola estadual atual, conquanto já labutei em outras unidades escolares estaduais como professor contratado, ou fazendo hora extra (GLP- gratificação por lotação prioritária), e encontramos dificuldades semelhantes.

Logo, posso afirmar que os recursos com os quais as escolas são equipadas são insuficientes para atender a demanda da clientela que atende.

A carência de recursos não permite que os docentes programem sempre boas práticas pedagógicas, apesar dos PCN preverem igualdade no ensino para todos os alunos da rede pública, constatei que na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro esse direito não é efetivado, tendo em vista o relato acima. O desenvolvimento do leitor literário é prejudicado, porque o docente depende de alguns desses recursos para que suas aulas e atraiam a atenção de seus alunos e desta forma se tornem mais produtivas.

Os textos principais com os quais, presumivelmente, o professor terá que trabalhar, estão contidos nos LD, contudo, tais leituras não foram selecionadas por ele para seus alunos, levando em conta a realidade daquela comunidade, portanto para que os textos possam ser melhor utilizados serão necessárias várias adaptações. Com as inúmeras atividades com as quais se deparam todos os dias, as quais são inerentes a profissão, os mestres preferem abster-se desse material, já que sua utilização acarreta em aumento de trabalho. Tendo esse fato em vista o auxílio que essas publicações poderiam fornecer é desprezado. Como não há exigência quanto ao uso do LD, como há nas escolas particulares, por exemplo, os professores antepõem-se ao seu uso. Apontei uma, de uma série de razões, para que assim os mestres procedam, pois considerarei as demais no próximo capítulo onde abordarei alguns aspectos processo de escolha do livro didático e sua adoção por parte.

Percebi que a maioria dos mestres opta por trabalhar com seus alunos lançando mão de textos selecionados por ele mesmo. São aquelas leituras que lhe caíram no agrado, quer seja pela temática, quer seja pela beleza ou pela mensagem, enfim algo lhe chamara atenção e geralmente é essa fruição que o mestre deseja compartilhar com seus alunos. O professor que tenciona ampliar os conhecimentos literários de seus alunos costuma munir-se de uma boa coletânea de textos literários, com os quais já tenha, familiaridade, pois esse é um quesito essencial tanto para o docente, quanto para o discente, para o letramento literário seja promovido.

Os textos vão sendo selecionados e utilizados paulatinamente, formando uma coletânea própria com a qual o mestre acostuma-se a lidar, por essa razão sente-se mais confortável, mais seguro, pois sabe de antemão como será a recepção dos alunos àquele material, tem mais facilidade de promover a interação entre o texto e os alunos, etc..

Donde se conclui que o professor que é leitor de textos literários obtém chances inigualáveis de tornar seus alunos leitores literários, ao passo que um docente que não é leitor, dificilmente obterá êxito nesse intento.

Além de textos literários o professor de literatura necessita ainda de outros recursos, para promover com maior produtividade a literatura em suas aulas, portanto o LD que portam tais textos é tão somente nosso ponto de partida, não queremos apontá-lo como único recurso, haja vista que o docente pode dispor também do uso de filmes, slides, dramatizações de textos pelos alunos, recitais de poesias autorais ou de poesias conhecidas, enfim pode lançar mão de recursos variados que possibilitem uma mediação frutífera.

A criação de eventos que visem o compartilhamento de leitura de textos entre os próprios alunos e, entre a escola, os alunos e a família, por exemplo, tendem a cooperar de forma significativa para a formação do leitor de literatura. Acredito que dessa forma valores serão agregados e os alunos se sentirão estimulados a se envolverem com a leitura, e assim sendo descobrirão que ler um texto literário, não é simplesmente ter a capacidade de decifrar signos, o ato de ler vai muito, além disso, pois a leitura desenvolve a criatividade, a imaginação, permite que o leitor compreenda melhor o mundo e amplie a visão que faz dele, amplia o vocabulário, permite a capacidade de escolha, enfim a leitura faz o leitor adentrar outro mundo, o da literatura.

Além de tudo isso, tenho constatado, através da prática, que a leitura dá sentido à vida. David Barton e Mary Hamilton, (2004) ¹ consideram que a leitura é capaz de “dar sentido às vidas por meio das práticas cotidianas”.

Almejo oferecer aos alunos oportunidades de descobrirem sentido para suas vidas através do desenvolvimento do ato de ler e do acesso a textos literários. Tenciono levá-los a trilhar por um itinerário que visa à descoberta de que todos já possuem em seu âmago um pouco desse mundo – o da literatura. Presumo que esse caminho seja ainda oculto para muitos.

Era costume, e ainda o é para alguns, contar histórias para as crianças em casa, dessa forma suas mentes vão sendo povoadas de seres, afora aqueles que já trazem em

¹ “La literacidad entendida como práctica social”, Escritura y sociedad. Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Virginia Zavala, Mercedes Niño-Murcia y Patricia Ames, editoras. Red para el desarrollo de las ciencias sociales en el Perú. IEP y Universidad del Pacífico, 2004.

suas memórias assim que nascem. Quando vão para a escola os infantes continuam ouvindo narrativas ao mesmo tempo em que vão sendo alfabetizados a fim de que aprendam a ler e a escrever e tornem-se leitores autônomos.

Acredito que uma das razões para que os contos maravilhosos ainda hoje sejam tão significativos reside no fato de que em na bagagem cultural dos seres humanos encontram-se os mesmos arquétipos que portam os contos infantis. Eles estão lá adormecidos, são despertados e veem para o consciente quando ouvimos um conto maravilhoso.

Em julho de 2014, passei a “contar histórias” para os alunos das escolas da Secretaria Municipal de Educação de São João de Meriti ao ser convocada para integrar o quadro de funcionários efetivos, como docente. Por se tratar de atuação muito recente, temi que as observações, acerca dos contos, contidos nos livros didáticos, adotados por essa secretaria, soassem como precoces. Por essa razão decidimos que nossa pesquisa seria mais baseada no âmbito da Secretaria Estadual de Educação onde já acumulo alguma experiência, portanto é onde encontrei melhores condições para observar e pesquisar o objeto de estudo da pesquisa. Contudo, ao iniciar a andança por esse caminho, logo percebi que as duas redes – a estadual e a municipal - selecionam e adotam publicações das mesmas coleções, pois se baseiam nos livros que já foram pré-selecionados através do PNLD - Plano Nacional do Livro Didático. Portanto, diante desse saber, optei por pesquisar em ambas as redes, dessa forma ora estarei me referindo à escola estadual, ora à municipal, intencionando que a pesquisa forneça subsídios que auxiliem na criação de materiais estratégicos que venham cooperar na formação de leitores que apreciem literatura. Pressuponho que os contos nos livros didáticos não têm sido tão explorados tanto quanto poderiam ser, e que o lugar do texto literário necessite de ser alargado; por isso debrucei-me acerca dessa busca, visto que, anseio por conectar alunos ao texto literário, através dos contos.

Constatarei, tanto através de leituras de relatos, como também por vivências que várias bibliotecas carecem da atuação de um agente de leitura² que favoreça o letramento literário. Pois, nas escolas às quais analisei esse agente não tem desempenhado suas atribuições com o máximo de aproveitamento quanto deveria a fim

² Assim são denominados, nas escolas estaduais, do Rio de Janeiro, os servidores que trabalham nas bibliotecas.

de cooperar com o professor e os alunos. Os agentes agem dessa forma por diversas razões, e uma delas está baseada nas lacunas deixadas em sua capacitação profissional.

De acordo com informações da SEEDUC, disponibilizadas em março de 2015, em 2013, a formação atingiu 514 agentes de leitura; no ano seguinte, o número cresceu em 83%, passando para 943 agentes formados. Ainda assim não me parece suficiente já que ainda não percebemos a presença desses profissionais devidamente capacitados atuando em todas as escolas, ou ao menos nas quais pesquisamos.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende investigar o lugar do texto literário em livros didáticos: o conto no ensino fundamental II, tendo em vista três pontos: 1º) o fato de serem essas publicações uma das portas de entrada de textos literários, em especial dos contos, nas escolas; 2º) a constatação a que chegou Cosson, em 2006, de que a literatura está perdendo, cada vez mais, seu espaço; e 3º) o pressuposto de que o lugar que os livros didáticos destinam a abordagem do texto literário, o conto, seja ínfimo.

Selecionei duas coleções de livros didáticos destinados ao ensino de Língua Portuguesa. A primeira trata-se da coletânea Português/linguagens; William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães; - 7ª. Edição, especificamente o volume do sexto ano. E a segunda que vou considerar é a Jornadas.port. Língua Portuguesa, de Dileta Delmanto e Laiz, B. de Carvalho. Os volumes do sexto e do nono ano que são os que portam contos.

Detectei, através da prática, que um alto índice dos discentes chega à sala de aula, no 6º ano, sem ter sido alfabetizado, ou então é analfabeto funcional; sendo esse um dos fatos que predominantes para que muitas reprovações ocorram ao final do ano letivo.

Outro detalhe que me despertou a atenção foi ter percebido que existe uma grande procura por vagas nas escolas públicas, para o sexto ano. Mas apesar disso, o número de turmas dos anos de escolaridade seguintes, o sétimo e oitavo ano diminui, ou seja, muitos ficam reprovados essa é uma das razões da evasão nessa faixa etária. Vários deles, de famílias carentes, começam a trabalhar, durante o dia, exercendo atividades que visam o ganho de alguns trocados, tais como: ajudando a lavar carros ou a empacotar compras, por exemplo. Esses meninos ao serem reprovados, desistem da escola, pois julgam que prosseguir nos estudos é tarefa difícil, ainda mais sofrendo algumas carências de ordem financeira. Às vezes, alguns retornam, mas para estudar no terceiro turno e, não raro optam pelo EJA a fim de remirem o tempo.

Acredito que os livros sejam “os melhores colaboradores dos professores na educação leitora e literária” dos alunos, assim como nos aponta Colomer (2007, p. 9).

Por essa razão, esta pesquisa visa investigar o lugar do texto literário, especificamente dos contos, nos livros didáticos, tendo em vista ser esse tipo de publicação, um dos poucos recursos com os quais o professor pode contar para auxiliá-lo na árdua tarefa de minorar as imensas dificuldades dos alunos, referentes tanto à leitura quanto à escrita, encontradas especialmente, nas turmas dos sextos anos.

Alunos que chegaram ao sexto ano sem capacidade leitora como se tornarão leitores de textos literários? O professor de Língua Portuguesa desse ano de escolaridade tem diante de si um duplo desafio: o de promover tanto a capacidade leitora quanto o letramento literário ao mesmo tempo. Como desempenhar esses papéis com a formação que possui? Apesar de os papéis serem intrínsecos exigem ações com enfoques diferentes. Qual o lugar que o texto literário, em especial os contos ocupam nessas aulas com tais características? Imagino que se é pré-requisito ser leitor para tornar-se leitor literário os professores dos sextos anos preocupam-se mais em torná-los leitores que em promover formação literária para seus alunos. Para investigar qual o lugar do texto literário no fundamental II, partindo dos sextos anos e em especial dos contos é o intento dessa pesquisa.

Sabedores de que os LD são o principal veículo dos textos literários aos quais os alunos têm, conforme já aponteí acima, examinei essas publicações para analisar os contos que oferecem e como são trabalhados.

Essa pesquisa foi circunscrita ao material do sexto ano, em virtude da necessidade de um trabalho de continuidade de formação do leitor literário, que sofre abrupta mudança quando o aluno migra para essa etapa da escolaridade. Apesar de não referir-se especificamente ao 6º ano, julgamos que citar Hypólito seja relevante, pois corrobora com o que estou buscando mostrar.

Hoje nossa escola se encontra em uma situação de baixa qualidade do ensino. Os resultados da escola disponível para as classes populares são preocupantes: um índice de evasão e repetência muito grande; uma produção de analfabetos funcionais extraordinária; um ensino completamente desvinculado das necessidades da população, tanto em termos de conteúdos quanto de métodos, que não forma adequadamente aqueles que permanecem na escola. (HYPÓLITO, 1991, 4)

Apesar de Hypólito ter nos apontado esses aspectos relacionados à escola pública no ano de 1991, percebo que seus apontamentos são pertinentes ainda em 2014 porque grande parte das escolas públicas permanece oferecendo um ensino de baixa qualidade para as classes mais populares, como uma das provas desse fato basta olhar para os baixos resultados alcançados no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, por tais instituições. Seria necessário criarem-se cotas para alunos de escolas públicas se o ensino oferecido fosse de excelência?

As dificuldades encontradas pelos alunos no ensino fundamental I em Língua Portuguesa e que não são sanadas repercutem no fundamental II logo no primeiro ano desse segmento – o sexto ano. As causas para que os alunos cheguem a tal grau de escolaridade portando tantas dificuldades pertencem a uma série de fatores, apontarei apenas três deles como exemplo, por considerá-los relevantes para o estudo a que me proponho: alto índice de violência dentro dos próprios lares, no entorno das comunidades onde se localizam as escolas públicas; salas superlotadas, falta de maior investimento em educação por parte dos governantes.

Segundo Terzi (1995) as classes menos favorecidas sofrem grande desvantagem com relação às mais favorecidas socioeconomicamente, no que tange a educação e, em especial, à leitura. Fato é que os mais pobres só entram em contato com o material escrito, na maioria dos casos, na escola. Em muitas situações, as crianças oriundas dessa faixa social não costumam ter um adulto letrado em casa, que possa promover ações que as introduza na cultura letrada.

Recorrendo a Freire (1989) informei-me de que a leitura do mundo precede à leitura da palavra. No caso dos alunos das redes repúblicas, constatei que eles chegam à escola com sua leitura de mundo que não dialoga com a leitura escolar; ou seja, nem sempre a escola tem capacidade de acolher a leitura de mundo desses alunos porque os professores não são formados para se apropriarem desse saber prévio dos alunos, pelo contrário, há no meio do corpo docente, muitos que concebem à educação como uma estrada de mão única e não de mão dupla. Ainda portam a ideia da educação bancária em que os alunos estão diante deles apenas para receberem instruções, orientações, etc. e não para realizar uma interação, uma troca de saberes.

No que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa, em comunidades populares, o que ocorre na realidade é que o professor e o aluno falam duas línguas diferentes: Os

professores privilegiam o português da norma culta enquanto o aluno valoriza, obviamente, a sua língua, a popular identificada com sua comunidade. Não se entendem muita vez. Como pode o professor planejar aulas contextualizadas sem conhecer bem, ou conhecer ao menos um pouco, o contexto da comunidade onde estão inseridos seus alunos? Como o aluno se interessará por aulas tão desconectadas com sua realidade? Muito há que se investir na formação dos profissionais da educação para que se chegue a bom termo, para que a o ensino ofertado a essas populações melhore.

Pensando no local onde se situam as escolas pesquisadas, existem poucas livrarias que oferecem livros, fora os didáticos, no período de início das aulas. Após essa fase sobram apenas alguns poucos exemplares de livros paradidáticos que não foram adquiridos por alunos, acompanhados de alguns títulos de publicação que visa à autoajuda. De literatura? Quase nada. Ou seja, o professor da Baixada Fluminense não pode contar com livrarias como locais de promoção da leitura literária.

Portanto, o acesso à literatura é praticamente voltado apenas para o âmbito escolar, mais precisamente pelo veículo LD. O contato com o material escrito se dá através, quase sempre, por meio do professor. Mesmo nesse espaço único, a aproximação dos aprendizes com o livro ainda encontra uma série de obstáculos, tais como: a falta de biblioteca em condições de uso, a escassez de funcionário (s) para atuarem nelas. Não raro, com o que me deparei foi com pilhas de livros que vão empoeirando-se e desgastando-se sem que ninguém os utilize, por um lado e por outro lado existem alunos leitores que desejam ler que anseiam por ter acesso a livros paradidáticos, contudo as bibliotecas, de um modo geral: 1º) não funcionam ou funcionam, mas precariamente; 2º) São utilizadas, muitas vezes, apenas como depósitos de livros.

Investiguei com o propósito de aplicar os resultados oriundos dessa pesquisa em planejamentos de materiais voltados para a leitura de textos literários, que visem promover acesso dos alunos à leitura literária. Apropriei-me, inicialmente dos materiais que tenho em mãos - os livros didáticos e os contos neles contidos - e investiguei, se dá a abordagem dos contos em tais livros e de que forma são aplicados em sala de aula, especialmente os contos maravilhosos.

I - LIVRO DIDÁTICO: SELEÇÃO E USO NA ESCOLA

O propósito deste capítulo é analisar o processo de escolha do livro didático de Língua Portuguesa em escolas públicas de ensino fundamental II, na região da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, RJ. Considerar esse sistema é relevante, porque o lugar que o texto literário ocupa nas escolas está atrelado ao espaço destinado aos livros didáticos. Portanto trata-se de uma gradação: 1º) examinar o lugar do LD; 2º) analisar o espaço do texto literário, especificamente o conto no Ensino Fundamental II.

A criação do livro didático de Língua Portuguesa esteve diretamente relacionada ao propósito de suprir carência de formação de professores, uma vez que a demanda desse profissional aumentou muito com a abertura da escola à classe popular. Tanto é que a partir de 2003, conforme, Bezerra nos aponta, surgiu o livro didático (LD), criado para suprir as deficiências dos professores, conforme nos informa Tagliani:

A concepção de livro didático que se tinha, então, é de estruturador das práticas docentes em função da intensa ampliação do sistema de ensino e de processos de recrutamento de docentes mais amplos e menos seletivos. (TAGLIANI, 2009, P. 304)

Fazer análise de um livro didático para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa exige a determinação de critérios que operacionalizem o processo de investigação e acarretem discussões sobre o método de ensino e aprendizagem.

1.1. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)³

O material didático passa por um sistema de exame e avaliação, considerando-se, principalmente, a adequação didática e pedagógica, a qualidade editorial e gráfica e a pertinência do manual do professor para uma utilização orientada do LD.

³ É um programa capitaneado pelo MEC com o objetivo de selecionar, adquirir e distribuir gratuitamente livros didáticos às escolas públicas do país criado a partir de 1985, conforme disposto no seu sítio oficial: www.fnnde.gov.br, em substituição ao Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental – PLIDEF, extinto, a partir de então. Somente a partir de 1996 teve início o processo de avaliação pedagógica dos livros didáticos (PNLD/1997)

Especialistas examinam as coleções e elaboram resenhas dos livros aprovados, que passam a compor o Guia de Livros Didáticos- GLD⁴. Esse material apresenta resenhas e quadros esquemáticos, informando quais são os pontos fracos e fortes, das coleções. O Guia é oferecido às escolas, a fim de instrumentalizar os professores e coordenadores pedagógicos envolvidos no processo de escolha do livro didático.

Então, até chegarem às mãos dos discentes os LD passam por um longo processo de seleção. Conforme já descrevi acima, e a continuação desse processo se dá quando a FNDE envia as coleções selecionadas, às escolas, juntamente com o GLD. Após o envio, é solicitado às instituições que escolham duas coleções para ser adotada, e informe qual é a primeira opção e qual é a segunda. A escola recebe os livros, de acordo com a disponibilidade do material.

Para as escolhas das coleções os profissionais envolvidos no processo deveriam não só dispensar mais atenção e dedicação, como também munir-se de conhecimentos e informações, para não ocorrer de optar por coleções, utilizando-se de critérios sem aprofundamento, entendendo o engessamento determinado pelo uso do LD apenas como direcionador das atividades professor-aluno.

Para me situar com mais segurança acerca do assunto, não me restringi apenas à experiência própria, antes busquei informações junto a meus pares, dos quais ouvi relatos acerca de como se realizam as escolhas dos LD em suas escolas, comentários os quais citarei aqui por julgar relevante trazer a público tais informações circunscritas apenas àqueles que participam de tais reuniões.

As coleções selecionadas em grande parte não são as adequadas ao projeto político-pedagógico, à realidade sociocultural da escola, e também ao contexto escolar engendrado pela relação aluno e professor. Como consequência percebi que as coleções acabam sendo deixadas de lado pelos professores como mostrarei no resultado da pesquisa realizada com professores de escolas públicas da região da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

Portanto, o LD é um material que custa ao governo valor vultoso de verba pública e que não atinge, eficazmente o alvo para o qual foi almejado. Em um país com

⁴ O Guia do Livro Didático é uma publicação do MEC que tem como finalidade auxiliar os professores durante o processo de escolha dos LD. Publicado anualmente, sua distribuição para as escolas é gratuita.

tantos cidadãos analfabetos ou analfabetos funcionais⁵, o PNLD necessita aprimorar-se em suas ações a fim de que esses investimentos na construção de materiais que limitam o aprendizado sejam reavaliados e mais bem aproveitados.

Desde a década de 70, especialmente a de 80, o LD é tido por alguns professores, como material didático que visa como objetivo precípua ganhos financeiros para quem os produz e comercializa. Alguns docentes também o consideram como um cerceador da ação livre do professor, em sala de aula, com seus alunos. Essa teoria ainda é bem arraigada no cerne de alguns, pelo que notei e pelo que afirma também, Rojo e Batista (2003, p. 49). Segundo os autores, essa ideia urge ser modificada, para que se avance em termos de qualidade e adequação às exigências atuais que são inúmeras, advindas do âmbito cultural, social e regional.

O LD não deve ser, de maneira nenhuma, o único material utilizado pelo professor. Portanto, o mestre não é tolhido de selecionar textos para serem apresentados aos seus alunos, por causa da existência do LD, muito pelo contrário, com esse material em mãos o docente já tem garantido pelo menos alguns textos com os quais pode trabalhar. O que resta ao professor é fazer as adaptações de acordo com a realidade de seu público alvo.

Investiguei criticamente os LD com o intuito de que as observações resultantes venham a corroborar com o aprimoramento da formação do leitor de textos literários, para que quem sabe, além de leitores esses aprendizes, também se tornem escritores de textos literários, para si mesmos, para sua comunidade ou, quem sabe, até para além dela.

Os professores que não utilizam o LD alegam que o material é inadequado para seus alunos. A inadequação, segundo a maioria, reside no desajuste à realidade de seus alunos, das propostas contidas nas publicações. Os alunos não têm quase nenhuma autonomia na resolução das questões, dessa forma dependem constantemente do auxílio do docente. Assim sendo, os professores optam por abdicarem do LD e preferem preparar suas próprias ferramentas e utilizá-las em todas as turmas, da mesma série, com as quais trabalha.

Após pesquisa, confirmei o fato de que o LD não tem sido usado por grande parte dos professores das escolas públicas, pois nas dez escolas pesquisadas na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, cheguei aos seguintes resultados:

ESCOLAS	NÚMERO DE PROFESSORES	ADOTAM	NÃO ADOTAM
C.E. Anibal Viriato – SJM	4	0	4
C.E. SÃO JUDAS TADEU – NVI	9	0	9
E.M. Vereador Hécio Chambarelli – NVI	4	2	2
C.E. Duque Costa – SJM	16	5	11
E.M. Dr. Getúlio de Moura – DQC	5	2	3
E. M. Jardim Glauca – BFR	4	1	3
E. M. Ernesto Pinheiro Barcellos – BFR	5	0	5
E. M. Professor Samuel Brust – MAC	15	0	15
CIEP 114 Maria Gavázio Martins – SJM	7	2	7
C.E. Casemiro Meirelles – SJM	8	0	8
TOTAL	77	12	67

FONTE: Questionários aplicados pelo autor entre dez/14 e maio/15

Sobre as informações apresentadas, utilizei siglas para simbolizar os nomes dos municípios, sendo São João de Meriti – SJM, Belford Roxo – BFR, Duque de Caxias – DQC, Nova Iguaçu – NVI e Macaé – MAC.

Apesar de algumas pesquisas apregoarem que o LD é adotado por muitos professores de escolas públicas, não é o que acontece em nossa região, conforme pude constatar, o LD aparece como forma complementar ao trabalho. Fiz também um levantamento com uma escola do interior do estado do Rio, no município de Macaé, expressando um padrão semelhante ao da Baixada Fluminense. Outros pesquisadores, em regiões distintas, também chegaram à mesma conclusão, segundo alguns artigos aos quais tive acesso. Portanto, essa publicação não atinge o objetivo para o qual foi criado, apesar de obedecer a uma série de critérios ao ser avaliado.

Examinei o conjunto das obras observando a variedade de tópicos; a clareza das instruções e da organização das propostas e sua gradação; abrangência de conteúdos; presença de revisões periódicas, autenticidade dos materiais; explicação e prática do vocabulário – me certificando também acerca do lugar que o texto literário ocupa, se ele é tão somente pretexto para estudos de gramática ou se são desenvolvidas estratégias que levem a desfrutá-lo enquanto obra artística, o que de fato o é, se tais

estratégias desenvolvidas instrumentalizam o aluno para que ele conquiste autonomia. Ainda atentei-me por averiguar como as duas coleções, em questão tratam o material destinado ao professor a fim de saber se há alguma instrução para o professor utilizar nas abordagens dos textos literários que favoreçam a formação do leitor literário.

Até aqui discorri acerca de professores, LD, escolas, mas pouco mencionei sobre aluno, mas afinal qual é o lugar desse ser nesse processo? Notei que sua presença seria fundamental, já que estão sendo tratados assuntos do interesse dele, porém sua participação é desconsiderada, não lhe é concedida voz, nesse processo, não é convidado a participar dele, cabendo-lhe apenas o ato de receber o livro que não escolheu e ler os textos, com os quais, muita vez, não se identifica, para ao final, dizer ao professor que nada entendeu.

Anelo por contribuir em transformar essa realidade, atuando de duas formas: primeiro analisando qual é o lugar do texto literário, em especial, os contos, em duas coleções de livros didáticos, no ensino fundamental II. E segundo, a partir dessa checagem, cooperar, inicialmente com as escolas em que atuo para que a literatura reconquiste seu espaço.

Parti do pressuposto de que o acesso a textos literários não é franqueado aos aprendizes, especialmente nas comunidades mais carentes onde está localizado um grande número das escolas públicas do Rio de Janeiro. Ambiciono utilizar os textos literários dos próprios LD em particular os contos aplicando a teoria do letramento literário de Rildo Cosson, conforme demonstrarei mais adiante.

Acredito que alunos formados como leitores proficientes de textos literários serão beneficiados em seu desenvolvimento cognitivo e na sua aprendizagem transformando-os de fato em pessoas que atuam como verdadeiros cidadãos, desfrutando não só do prazer de ler, como também de bens culturais.

Como afirma Cosson (2006), para que haja letramento literário, necessário se faz que o aluno tenha ao menos sido iniciado no letramento linguístico.

O professor ao ofertar textos literários aos alunos deve também disponibilizar do tempo necessário para que eles se dediquem à leitura e desfrutem o que há neles de artístico de belo, de rico. Agindo dessa forma o mestre enriquece seus alunos, contribuindo para a ampliação do vocabulário deles, para torná-los alunos leitores literários autônomos, cidadãos livres, para escolherem o que desejam libertos dos

entraves que lhes cerceiam a vida nessa sociedade que utiliza primordialmente a leitura, como fonte de informação.

2. CURRÍCULO MÍNIMO E OS CONTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1- Análise da proposta de transversalidade do conto no CM

O ensino fundamental brasileiro não segue um currículo padronizado, contudo a LDB de 1996, conforme o artigo 26 determina que seja obrigatório, no Ensino Fundamental: “... o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, a Educação Física e o Ensino Religioso”.

Então, a fim de garantir paridade na qualidade da educação para todos os alunos das redes públicas brasileiras do ensino fundamental, foram criados, pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) e publicados em 1997 e 1998, respectivamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1ª a 4ª séries (BRASIL. MEC, 1997a) e de 5ª a 8ª séries (BRASIL. MEC, 1998).

O documento pretendia oferecer a proposta ministerial para a construção de uma base comum nacional para o ensino fundamental brasileiro e ser uma orientação para que as escolas formulem seus currículos, levando em conta suas próprias realidades, tendo como objetivo do ensino de 1ª a 8ª série a formação para uma cidadania democrática um documento, denominado Parâmetros Curriculares Nacionais - Os PCN. Primam por garantir que todos os brasileiros desfrutem os resultados das pesquisas realizadas para a educação, investem em técnicos e professores, especialmente naqueles profissionais que se encontram mais distantes dos grandes centros de desenvolvimento.

Os PCN de Língua Portuguesa indicam como objetivos do ensino fundamental, que:

os alunos sejam capazes de compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação, compreender a cidadania e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; devem: posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente,

identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente. (PCN, 1997, p. 69)

A necessidade de adaptar-se “o sistema educacional às necessidades de uma economia globalizada”, conforme lemos acima, provocam cada vez mais falhas, na área do ensino, pois irregularidades ocorrem no sistema desde o começo da criação do ensino escolarizado, e as elas vão se somando outras falhas que surgem e não são solucionadas e assim, paulatinamente, se agregam àquelas existentes. Na educação pública que se pratica hoje há tantos rombos que me faz sinto, muita vez, diante de um “buraco negro”... os problemas vão só aumentando de tamanho, tornando a educação, como uma muralha que foi construída, e ainda está de pé, porém fragilizada, cheia de falhas em sua estrutura.

Recorrendo-me mais uma vez ao artigo de PORTELA (2015), “o sistema educacional brasileiro, (...) encontra-se repleto de falhas, não apenas, sob o aspecto estrutural, mas, principalmente, de um pensamento uno que vise realmente à melhoria do ensino e da aprendizagem.” (PORTELA, 2015, p. 2). Como pode um professor de Língua Portuguesa abordar sintaxe se seus alunos não sabem sequer reconhecer um verbo?

Identifiquei o CM como uma ferramenta tal qual a citada por MUGIANY (2015), com o “propósito de adaptar cada vez mais o sistema educacional às necessidades de uma economia capitalista globalizada.” (p. 5) já que sua aplicação aos alunos é fiscalizada e os resultados revertidos em ganhos financeiros para as instituições que o cumprem devidamente. Tendo os professores baixos salários, valores que venham aumentar seus vencimentos são sempre bem vindos, por isso os professores lutam cada um a seu modo, tentando cumprir, o tal currículo.

O cumprimento do CM traz como consequência resultados satisfatórios nas avaliações externas, especialmente Saerj e Saerjinho, portanto esses são dois requisitos bastante relevantes para que cada escola estadual alcance sua meta anual, pré-estabelecida, pela SEEDUC. São premiadas apenas as instituições na qual tal meta foi alcançada, restando aos demais profissionais resignarem-se (ou não) apenas por terem ganhado um pouco mais de experiência. No ano seguinte, os profissionais continuam nutrindo a esperança de conquistarem a nova meta; sim, porque na medida em que vão

melhorando o seu desempenho, é detectado que avançaram na escala da meta, apesar de não ter conseguido atingi-la. É assim que funciona anualmente, novo alvo é traçado. Logo, notei que obter êxito nesse processo requer muito trabalho na perspectiva produtivista, empenho e dedicação de toda a equipe escolar, pois o esforço de um ou outro, individualmente, não resultará em avanços significativos para a instituição, que é exigida em resultados para se figurarem em rankings.

Mugiany (2015) em recente pesquisa constatou que "(...) alguns momentos na história da educação brasileira se destacam por reações de tentativas de ressignificações para o professor." Segundo Cunha (2013), a década de 1990, conheceu de forma mais intensa a iniciativa do professor Paulo Freire em colocar um novo olhar diante da função docente e sobre o entendimento do professor dentro da estrutura social, e isso corrobora as colocações de Gomide (2010), que trata esta década como um período que repercutiu em mudanças de ordem política e providenciou medidas efetivadas na conjuntura legal e real do sistema educativo brasileiro.

Todavia, o paradigma dominante conseguiu redirecionar esse olhar e ao invés de promover uma mudança positiva, estimulou um sistema educacional voltado para a racionalidade técnica que visa à produtividade e não à qualidade. Uma das consequências está no dia a dia dos professores, sobretudo, para os que trabalham no sistema público de ensino, que, segundo Gatti (2011), representam cerca de 80% dos mesmos. A maioria desses professores depara-se com o desprestígio financeiro e social da carreira, condições inadequadas de trabalho e estudo, e o mal preparo fruto de uma má formação. Vaillant (2006 citado por GATTI, 2011), coloca que quase não há perspectivas de melhorar e avançar na carreira. Outro aspecto importante é que, grande parte dos professores no Brasil é oriunda de famílias pobres financeiramente e sem acesso aos bens culturais.

Esses professores, segundo Gomide (2010), foram formados e são orientados por políticas que transcendem as fronteiras brasileiras e que influencia de maneira decisiva o sistema educacional presente no país, ou seja, modelos educacionais promovidos pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que têm como propósito adaptar cada vez mais o sistema educacional às necessidades de uma economia capitalista globalizada. (MUGIANY, 2015, p. 4 e 5)

Então, não basta organizar um currículo e não realizar ações pautadas na realidade do aluno e do professor, para que ele seja cumprido. Até à denominação que lhe foi concedida objeto-me, pois o chamaram de Currículo Mínimo, mas que de “mínimo” não tem nada, pois contém um bom número de conteúdos, que para ser ministrado o professor necessita empregar grande esforço, adaptações, criatividade, etc. do contrário não consegue cumprir em sua totalidade o que é planejado dentro de cada bimestre.

O CM organiza-se tendo em vista os gêneros textuais. Mikhail Bakhtin, pensador russo, no início do século XX, se dedicou aos estudos da linguagem e da literatura, foi quem, primeiramente, utilizou o termo “gêneros” no sentido mais amplo, para esse referir-se a textos que empregamos nas situações cotidianas de comunicação. Esses textos são incontáveis, pois não somente lemos textos diversos, como também produzimos ou ouvimos enunciados, tais como: escrevi um bilhete, recebi um e-mail, achei um anúncio interessante, fiz um resumo do livro, a poesia é tão linda, li o conto, a piada foi mesmo engraçada, que tirinha legal, enfim a lista é numerosa. São textos dinâmicos e sofrem alterações na sua constituição, e isso, resulta em gêneros. Pensemos no e-mail ou no blog, prática social e comunicativas decorrentes das variações da carta e do diário, propiciadas pelas recentes invenções tecnológicas.

Os PCN não se apresentam como um currículo mínimo comum ou um conjunto de conteúdos obrigatórios de ensino, pois sua característica principal é fornecer orientações sobre conteúdo de abrangência nacional, garantindo a toda criança, do 6º ao 9º ano, acesso ao conhecimento elaborado para que ela possa usufruir do exercício da cidadania. Visam possibilitar que alunos de qualquer lugar do Brasil, do interior ou do litoral, de uma grande cidade ou da zona rural tenha o direito de aprender, da mesma forma, assegurado pelo Estado. Mas há liberdade de que seus conteúdos sejam adaptados de acordo com a realidade de cada região, de cada estado e de cada município.

O CM elaborado pela SEEDUC parte deste mesmo princípio de garantir que todos os alunos tenham acesso “ao conhecimento elaborado para que eles possam usufruir do exercício da cidadania”. Enquanto os PCN têm como meta garantir que direitos relacionados à educação tenham alcance nacional, o CM do Estado do Rio de

Janeiro tem em vista o alcance estadual, a fim de atender as demandas dos alunos, tendo em vista as peculiaridades inerentes.

Os conteúdos são impostos pelo CM, inclusive a ordem sequencial em que devem ser ministrados, para todas as escolas do Estado. O objetivo é similar aos dos PCN, haja vista que o alvo é controlar que todos os alunos recebam as mesmas informações, no mesmo período.

O governo visa à unidade do ensino em toda a rede, contudo os resultados não logram o êxito esperado pela SEEDUC. Aponto como principal problema a falta de professores na rede estadual, bem como enorme rotatividade desses profissionais.

Portanto, essa publicação não atinge o objetivo para o qual foi criado, apesar de obedecer a uma série de critérios ao ser avaliado. De acordo com o que nos aponta Rangel, (2005, p. 18),

que o conjunto de critérios pelo qual se pauta a avaliação dos LD “pretende garantir [...] que o LD disponível para a escola pública contribua efetivamente para a consecução dos objetivos do ensino de língua materna no ensino fundamental”, e que o GLD pode auxiliar na escolha mais adequada a cada contexto escolar. (RANGEL, 2005 p. 18)

Certamente que se os LD são pouco explorados, os contos neles contidos também o são. E apesar de fazer a defesa da boa utilização de tais manuais, reconheço que eles não têm explorado os textos literários como obra de arte, na verdade esses textos não têm encontrado lugar, pois não têm sido reconhecidos como fenômenos singulares, e aparecem apenas como meio de acesso para o conhecimento linguístico e o mundo da cultura, que caracteriza a sociedade em que vivem os alunos das escolas pesquisadas. Utilizar esses textos literários empregando a teoria do letramento literário de Cosson é o que me disponho a fazer.

3- OS CONTOS NAS COLEÇÕES ESTUDADAS

Esse capítulo tem como objetivo apresentar as coleções selecionadas de forma crítica em especial às seções que se destinam a estudar os contos.

3.1- Antes de abrir as páginas da primeira coleção

Iniciarei as considerações pela coleção: Português/linguagens; William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães; - 7ª. Edição, analisando especificamente o volume do sexto ano.

A coleção é organizada, quanto à estrutura, em quatro volumes e cada um deles em quatro unidades, nomeadas acordo com o tema abordado. Cada unidade, por sua vez, se subdivide em três capítulos, de mesmo formato. Apenas o capítulo quatro, denominado de Intervalo, configura-se de modo diferente dos demais no formato, e destina ao desenvolvimento de um projeto. Os capítulos são designados de acordo com o gênero textual ou tema tratado.

A coleção possui a versão Manual do professor, o Livro do aluno e objetos educacionais digitais: é acompanhada de um DVD contendo atividades para todos os anos de escolaridade, ou seja, do 6º ao 9º ano.

No DVD se encontra, dentre outros assuntos, uma “contação” do conto maravilhoso, intitulado o Patinho bonito de Otávio Frias Filho. Antes de a história ser contada o interlocutor, é convidado a atentar para alguns pontos, a saber: 1. Quem são os interlocutores; 2. Qual é o tema abordado; 3. Qual é a finalidade do texto; 4. Como o texto está organizado? ; 5. Há adequação da linguagem à situação de produção? ; 6. Como o texto é veiculado?

Essas perguntas visam despertar a atenção do expectador, contudo julgo improvável que alunos de sextos anos, das escolas públicas, consigam identificar, no conto narrado oralmente, todas as questões apontadas. Ao começar pelas nomenclaturas utilizadas: “ interlocutores”; “ tema abordado”; “finalidade do texto” ; “adequação”; “situação de produção” e “veiculado” - são palavras ou expressões que, possivelmente, são desconhecidas pelos discentes. No entanto, com o auxílio do professor, somada a retomada realizada pelo DVD desses mesmos pontos, conjecturo que o recurso de

lançar perguntas específicas antes de se iniciar um texto seja profícuo para desenvolver hábitos salutaros de leitura.

A primeira imagem que vemos no início da contação, no DVD, é a inscrição “**Identificação do conto e do autor**”, seguida de um título e um rosto. Talvez, aos docentes pareça muito óbvio, que se ao visualizarem-se, em um vídeo informações tais quais essas, seguidas de uma foto e um título, não tenham dúvidas de se tratam do nome do conto e a foto do autor. O problema, muitas das vezes, reside nesse pré-julgamento errôneo que se faz. O fato é que o professor tem de estar sempre se distanciando um pouco do campo de sua visão para tentar alcançar a visão do aluno, trata-se de tarefa complexa... Sair da “zona de conforto” em busca do outro é trabalhoso, mas no caso do professor de literatura é indispensável que assim proceda se quer de fato, atingir o outro com a **palavra**. Portanto transmitir tais informações pormenorizadas, nesse caso se faz necessário.

Considero que a ideia de utilizar DVD para a narração de um conto agrega valor a coleção porque acrescenta qualidade ao ensino dos conteúdos e coopera, eficazmente para a formação de bons hábitos para o leitor de literatura, visto que apresenta um leitor/autor apresentando seu texto com excelente qualidade interpretativa, notados nos aspectos extraverbais, na qualidade da voz que o contador da história imprime tanto como narrador, quanto como personagem. Esse fato aproxima o leitor da história, concedendo-lhe veracidade aos fatos, tornando o texto mais lúdico e mais aprazível aos ouvidos dos aprendizes.

Ouvir boas interpretações auxilia um ouvinte atento para que aprimore as suas. E propício ressaltar que professores de literatura devem esmerar-se para que se tornem exemplos de intérpretes. Para tanto é preciso atentar para: a entonação da voz, as pausas, a velocidade e altura da fala, o sorriso, os suspiros, os gestos e o movimentar – se por entre os ouvintes, pois são meios pelos quais a narração ganha maior expressividade. Lembrando de que para aprender a interpretar bem um texto, oralmente os alunos precisam ouvir boas interpretações.

Apesar de todos esses benefícios oferecidos pelo DVD incluso nessa coleção este objeto não acompanha cada um dos volumes das coleções, na verdade trata-se de uma ferramenta para o professor utilizar com o aluno, já que engloba todas as séries do fundamental II em um DVD só. Sendo assim caberia aos professores de cada um dos

anos do segmento, receber um DVD, porém isso também não ocorre, pois cada coleção vem acompanhada apenas de um DVD, logo um dos mestres receberá enquanto os outros três não.

O Guia nos informa que: “Um DVD acompanha “TODOS OS VOLUMES” (grifo nosso) da coleção” (p. 86 e 87). Contudo na realidade é um único DVD para TODA A COLEÇÃO - Portanto o Guia nos fornece uma informação equivocada o que nos leva a refletir se há mais alguma “recomendação”, dessa instância superior, que contenha mais equívocos. Não há garantia de que estes manuais não apresentem erros.

Uma vez em cada unidade surge o tópico “Cruzando linguagens” que tem como foco proporcionar o estudo comparado entre o texto estudado e outro texto, cuja linguagem seja diversa. A cada volume da coleção é sugerido que se exiba um filme uma vez por ano, que contenha conteúdo adequado, seja de qualidade e com tema relacionado a uma das unidades como atividade frutuária a fim de que os alunos o assistam, analisem-no e discutam sobre ele.

Os textos da coleção pertencem a temas variados de acordo com a faixa etária, e dos assuntos que despertam o interesse do discente. Estão dentro do recomendável segundo os *PCN* quanto aos *temas transversais*. Representam variados contextos sociais, tais quais: imprensa, internet, literatura, vida cotidiana, etc. Também considera a diversidade do contexto cultural; são autênticos e prima-se para que o tema de cada unidade seja mantido até o final dela. Depreendi que os textos divergem-se quanto ao grau de complexidade que oferecem.

3.2 Abrindo as páginas da primeira coleção

CAPÍTULO 3 — Todas as crianças crescem... menos uma!

Peter Pan, James Barrie	52
Estudo do texto	55
Compreensão e interpretação	55
A linguagem do texto	57
Leitura expressiva do texto	57
Cruzando linguagens	57
Trocando ideias	59
Produção de texto	59
O conto maravilhoso: do oral para o escrito	59
A língua em foco	61
Texto, discurso, gêneros do discurso	61
A intencionalidade discursiva	62
Os textos e os gêneros do discurso	64
A intencionalidade discursiva na construção do texto	67
Semântica e discurso	68
De olho na escrita	69
Emprego da letra h	69
Divirta-se	70
Intervalo Projeto: Histórias de hoje e sempre	71

Bridgeman Art/Getty Images



Aig-Image/LatinStock

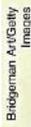
CAPÍTULO 2 — Terra de encantamento

Pintura, Walter Beach Jumphrey	33
Produção de texto	35
O conto maravilhoso	35
A língua em foco	36
As variedades linguísticas	36
Norma-padrão e variedades de prestígio	38
Variação linguística e preconceito social	38
Falar bem é falar adequadamente	39
Tipos de variação linguística	40
As variedades linguísticas na construção do texto	45
Semântica e discurso	46
De olho na escrita	49
Fonema e letra	49
Divirta-se	51

Audió Ilumegaral



CAPÍTULO 3 — *Todas as crianças crescem... menos uma!*

	Peter Pan, James Barrie	52
	Estudo do texto	55
 	Compreensão e interpretação	55
	A linguagem do texto	57
	Leitura expressiva do texto	57
	Cruzando linguagens	57
	Trocando ideias	59
	Produção de texto	59
	O conto maravilhoso: do oral para o escrito	59
	A língua em foco	61
	Texto, discurso, gêneros do discurso	61
	A intencionalidade discursiva	62
	Os textos e os gêneros do discurso	64
	A intencionalidade discursiva na construção do texto	67
	Semântica e discurso	68
	De olho na escrita	69
	Emprego da letra h	69
	Divirta-se	70
	Intervalo Projeto: Histórias de hoje e sempre	71

Destaquei apenas a unidade um, do primeiro volume, como exemplo, mas ressalto que em todas as unidades os capítulos ímpares assemelham-se quanto à organização, entre si, assim como acontece entre os pares. Os primeiros dedicam-se mais ao estudo do texto e a produção textual enquanto os segundos são dedicados quase exclusivamente ao estudo da língua, não fora ainda algumas questões voltadas para a produção textual, como se pode observar no sumário acima.

As primeiras páginas de abertura das unidades objetivam especificamente, motivar o aluno para o conteúdo que será trabalhado. Os três capítulos da unidade um consideram o gênero conto maravilhoso. O conteúdo é abordado considerando dois textos verbais, nos capítulos um e três um não verbal, no capítulo dois. Os verbais são contos maravilhosos clássicos e o imagético trata-se de uma pintura. Todos os textos são de autores estrangeiros.

A unidade um é iniciada apresentando uma poesia e ilustrações de alguns dos personagens das narrativas clássicas infantis. Aparentemente, do ponto de vista literário o livro começa bem, pois as figuras podem ser utilizadas para resgatar os conhecimentos prévios dos alunos e promover discussão em torno dos contos maravilhosos. A poesia de Roseana Murray está de acordo com o tema abordado no capítulo, é desacompanhada

de questões visando à interpretação e compreensão do texto e há no manual do professor sugestão para que a poesia apenas seja lida por um aluno o que se constitui leitura de fruição.

Em seguida encontra-se a seção “Fique Ligado! Pesquise!”, cujo objetivo é municiar o aluno de informações, através da indicação de: livros, filmes e sites onde podem ser encontrados contos maravilhosos. Trata-se de um aquecimento para o que será tratado no capítulo. Há ainda orientação, no livro do professor, sugerindo que ele utilize outros materiais além desses sugeridos.

UNIDADE **1**

No mundo da fantasia

Vende-se uma casa encantada
no topo da mais alta montanha.
Tem dois amplos salões
onde você poderá oferecer banquetes
para os duendes e anões
que moram na floresta ao lado.

Tem jardineiras nas janelas,
onde convém plantar margaridas.

Tem quartos de todas as cores
que aumentam ou diminuem
de acordo com o seu tamanho
e na garagem há vagas
para todos os seus sonhos

(Roseana Murray. *Classificados poéticos*.
São Paulo: Nacional, 2004, p. 34)



10

Essa diversificação de formas para abordagem de um gênero textual tornam as aulas mais dinâmicas e atraentes e conseqüentemente mais produtivas. Funciona como a parte que Cosson designa de “motivação”, conforme detalharei mais à frente.

O capítulo um apresenta um conto maravilhoso, denominado Senhora Holle, dos irmãos Grimm (2004)⁶ introduzido com o clássico “Era uma vez”. Pressuponho que essa tática de iniciar a leitura com expressão tão popular deu-se visando ativar conhecimentos prévios dos alunos acerca desse tipo de narrativa, a fim de estimulá-los para a leitura do texto o qual se encontra na íntegra, e é acompanhado de um pequeno glossário. A metodologia de prever termos que talvez os alunos desconheçam é



FIQUE LIGADO! PESQUISE!



LIVROS

Os contos de Grimm (Paulus); *As quatro estações das fadas* e *O livro das fadas*, de Betty Bib (Publifolha); *Contos e lendas das mil e uma noites*, de Rosa Freire D’Aguiar e outros (Companhia das Letras); *Horripilantes contos de fadas*, de Michael Coleman (Companhia das Letrinhas); *Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes*, de Harold Bloom (Objetiva); *Contos de fadas* (Jorge Zahar); *Fábulas de La Fontaine*, de Marc Chagal (Estação Liberdade); *A fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida (Ática); *Literatura oral para a infância e a juventude*, de Henriqueta Lisboa (Peirópolis); coleção *Bau de Histórias* (Atual); *Histórias maravilhosas de Andersen* e *Contos de Grimm* (Companhia das Letrinhas).





FILMES

Ilha da imaginação, de Jennifer Flackett e Mark Levin; *Encantada*, de Kevin Lima; *As crônicas de Nárnia — O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* e *As crônicas de Nárnia — Príncipe Caspian*, de Andrew Adamson; *Eragon*, de Stefan Fangmeir; *O encanto das fadas*, de Charles Sturridge; *O jardim secreto*, de Agnieszka Jolland; *O mágico de Oz*, de Victor Fleming; *Peter Pan*, de P. J. Hogan; *Cinderela*, *Branca de Neve*, *A Bela Adormecida*, *A Bela e a Fera*, *Aladim*, *Pinocchio*, *Hércules*, *Atlântida* e *A pequena sereia*, dos Estúdios Disney.



Walt Disney Pictures / Buena Vista International / Domédia

Cartaz do filme *As crônicas de Nárnia — O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.



SITES

www.graudez.com.br/litinf
www.ziraldo.com/menino/home.htm
www.terra.com.br/kids/harrypotter
<http://criancas.uol.com.br>
www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/brancadeneve.html

Intervalo

Projeto: Histórias de hoje e sempre — Produção de textos inspirados em contos maravilhosos, montagem de livros de histórias e exposição de livros, revistas, vídeos, CDs, fantoches, etc.

11

discutível porque pode haver outras palavras cujo significado seja desconhecido, mas que não foram contempladas pelo glossário. Creio que o mais produtivo seria levar os alunos a apontarem suas dificuldades. Obviamente, não chega a ser um ponto negativo na apresentação do texto, só o será se o professor não estimular seus alunos a interagirem relatando de fato quais são suas dúvidas e considerar apenas, e tão somente as palavras do glossário. Como disse COLOMER (2007 p. 89) “As crianças não vão entender”, é uma afirmação sempre hipotética.

Em nenhuma seção, do capítulo um, nem mesmo nas orientações para os professores é mencionada quem foram os Irmãos Grimm, apesar de eles serem os que recolheram e escreveram o conto que inaugura o livro.

Certamente que os autores da coleção iniciaram a publicação com um conto maravilhoso tendo em vista aquilo que nos afirma COLOMER (2007, p. 89) acerca de as crianças acumularem uma experiência cultural sobre os contos e como são tipos de leituras que elas apreciam, é comum que os livros destinados a essa faixa etária partam desse tipo de texto. Não só por isso, mas também por serem os contos, do relato literário, dos mais simples. É certo que a autora refere-se em sua afirmação a crianças que estão sendo alfabetizadas, e eu estou me referindo a alunos do segundo segmento, que também estão passando por outro tipo de letramento, o literário. Por conseguinte, a deliberação dos autores de iniciarem essa coleção considerando no capítulo um do primeiro livro um conto maravilhoso foi uma decisão bastante acertada, do meu ponto de vista, e se o texto fosse mais explorado literariamente, a contribuição para a formação do leitor literário seria ímpar.

As orientações metodológicas para o professor são as seguintes:

Professor: Antes de iniciar o trabalho com este capítulo, sugerimos que leia para os alunos, alguns contos maravilhosos, encontrados em livros que são comuns nas bibliotecas das escolas. Se quiser, valha-se das indicações feitas na seção *Fique Ligado! Pesquise!* Você pode, primeiramente, explorar conhecimentos prévios dos alunos estimulando-os a tecer comentários sobre diferentes versões de um mesmo conto, a linguagem em que o conhece (se verbal ou cinematográfica), o enredo de alguns mais conhecidos, as personagens, etc. Peça que tragam de casa livros para emprestar aos colegas, que leiam os trechos de que mais gostaram etc.

(CEREJA, MAGALHÃES. 2012 p. 12).

Existem muitas sugestões de títulos para o professor e algumas dicas no manual do professor orientando acerca de como explorar melhor os materiais oferecidos na coleção, porém não são contempladas ações que bastem visando o letramento literário. Seria mais produtivo, para o ensino de literatura, que fossem apresentadas para o mestre sugestões de como explorar literariamente os textos que o LD já possui.

Outro problema é: Como poderá o professor inserir tantas leituras no seu dia a dia e em suas aulas? Como usufruir de tantas sugestões e também oferecê-las aos alunos? Qual é a melhor maneira de fazê-lo? Há lacunas na formação do mestre que o impedem de administrar tais práticas, logo à contribuição oferecida pelos autores do LD não é suficiente porque não capacitam os docentes. Falta ao professor formação prévia e a esse LD informações mais pormenorizadas que auxiliem o mestre realisticamente. Certamente que as sugestões são úteis, porém fica-nos o questionamento se são passíveis de serem realizadas.

A leitura, nessa coleção, perpetua a visão de que o texto porta somente a voz do autor e no máximo a do professor, permanecendo o leitor mudo. No Manual do Professor existem propostas que me parecem interessantes do ponto de vista da formação literária, como por exemplo:

sugerindo ao professor que introduza “o tema da unidade promovendo a leitura e a discussão da ilustração, perguntando aos alunos de que histórias são aquelas cenas ou personagens (e incentivando-as a contar uma dessas histórias, ou um pequeno trecho delas) (...)

(CEREJA & MAGALHÃES, 2012, p. 55)

A publicação não contempla a visão da leitura tendo o leitor como aquele que constrói o texto juntamente com o autor. Não se discute esse ponto de vista que tanto beneficiaria a formação do leitor de literatura.

As sugestões para a abordagem do texto, não são acompanhadas de explicações para o mestre a fim de conscientizá-lo quanto à necessidade ou a importância daquelas propostas serem colocadas em prática antes da leitura.

Abaixo apresento o conto selecionado do capítulo um:

CAPÍTULO

1

Era uma vez

"Era uma vez...". Basta que alguém pronuncie essas palavras para sabermos que lá vem história. E histórias povoadas de príncipes e princesas, crianças em perigo, soldadinhos de chumbo, gigantes e dragões... Essas histórias, conhecidas como contos maravilhosos, não morrem nunca: são contadas de geração a geração. E estão em toda parte: na voz da mãe ou da avó, nos livros, nas histórias em quadrinhos, nos desenhos animados, no cinema.

Senhora Holle

Uma senhora tinha duas filhas, sendo uma bonita e aplicada, e a outra feia e preguiçosa, que era sua filha legítima, e, por isso, a outra era obrigada a realizar todo o trabalho doméstico e ser a Gata Borralheira da casa. Diariamente a pobrezinha tinha de ir fiar, sentada junto a um poço na rua, e tanto fiava que lhe machucava os dedos a ponto de sangrar. Aconteceu uma vez que o fuso ficou todo ensanguentado e, para lavá-lo, a menina inclinou-se no poço, momento em que ele saltou de sua mão e caiu. Em prantos, ela correu para contar à madrasta o infortúnio, mas a viúva ficou tão furiosa que lhe disse, sem misericórdia:

— Se deixou o fuso cair lá embaixo, vá pegá-lo de volta.

Então a menina retornou ao poço, sem saber o que fazer. Na sua angústia, atirou-se dentro dele, a fim de trazer o fuso para cima. Acabou perdendo os sentidos e, ao voltar a si, encontrou-se num belíssimo campo ensolarado, no qual havia milhares de flores. Após sair daquele prado, ela chegou a um forno onde um monte de pães esperneava, dizendo:

— Ah, tire-nos daqui, tire-nos daqui, senão vamos queimar! Já estamos no ponto faz tempo!

Foi quando ela se aproximou e, com a pá, tirou os pães um a um. Continuando a caminhar, ela chegou próximo a uma árvore carregada de maçãs, que lhe pediu:

— Ah, sacuda-me, sacuda-me, que as maçãs já estão todas maduras!



Então ela balançou a árvore para que as maçãs caíssem como chuva, sacudindo até que mais nenhuma ficasse dependurada lá em cima. Após reuni-las todas num montinho, prosseguiu andando. Finalmente chegou a uma casinha, de onde uma velha senhora a olhava; a menina ficou tão assustada com os enormes dentes que a velha senhora tinha, que ameaçou fugir. Mas a outra a chamou de volta:

— Do que você está com medo, linda criança? Fique aqui comigo. Se fizer o trabalho doméstico direitinho, tudo correrá bem. Você só deve prestar bastante atenção ao arrumar minha cama, pois tem de sacudi-la bem para que as penas voem e caia neve no mundo*. Sou a Senhora Holle.

Essas palavras tranquilizaram tanto a menina que ela ficou animada, concordando com o solicitado e pondo mãos à obra. Ela providenciava tudo de modo a satisfazer a senhora e sempre sacudia violentamente sua cama, em torno da qual as penas esvoaçavam como flocos de neve. Em troca, ela tinha uma vida muito agradável, sem broncas e comendo todo dia do bom e do melhor. Mas depois de algum tempo morando com a Senhora Holle, começou a ficar triste, ela mesma no início não sabendo bem o que é que lhe faltava; logo percebeu que o que sentia era saudades de casa. Apesar de agora estar vivendo ali mil vezes melhor do que lá, desejava voltar assim mesmo. Finalmente ela disse:

— Senhora Holle, a senhora tem sido muito boa para mim, mas a minha tristeza é tão grande que não posso mais permanecer aqui embaixo. Preciso retornar para junto dos meus.

— Agrada-me saber que deseja voltar para casa. E por você ter me servido tão fielmente, vou eu mesma levá-la de volta para cima.

Ela deu-lhe a mão e a conduziu até um portão enorme. Assim que o portão se abriu e a menina o atravessou, caiu uma espessa chuva de ouro que ficou todo preso nela, cobrindo-a inteirinha.

— Isso é para você, por ter sido tão aplicada — disse a Senhora Holle, dando-lhe de volta o fuso que havia caído dentro do poço.

Depois o portão fechou-se e a menina se achou do lado de cima do mundo, aliás não muito longe da casa de sua mãe.

E, ao chegar ao quintal, o galo sentado sobre o poço cantou:

— Cocorocó, chegou a donzela dourada, olhem só!

Assim que entrou, por estar toda coberta de ouro, ela foi muitíssimo bem recebida por sua mãe e irmã.

A menina relatou tudo o que lhe ocorrera e, ao ouvir como havia alcançado tanta riqueza, a mãe quis que também a outra filha, a feia e preguiçosa, tivesse a mesma sorte. Ela teve de se sentar junto ao poço e fiar. E para que seu fuso se ensanguentasse, picou com ele todos os dedos e enfiou a mão num espinheiro. Depois jogou o fuso no poço e se atirou dentro dele. Como a outra, chegou também a um belo prado e seguiu pelo mesmo caminho. Ao chegar ao forno, estavam os pães novamente a espernear:

— Ah, tire-nos daqui, tire-nos daqui, senão vamos queimar! Já estamos no ponto faz tempo!



Marcelo Martins



Marcelo Martins

* Por isso se diz em Hessen, quando neva, que a Senhora Holle está arrumando a cama.

Mas a preguiçosa respondeu:

— Até parece que vou me sujar toda por causa de vocês!

E foi embora, logo se deparando com a macieira, que gritava:

— Ah, sacuda-me, que as maçãs já estão todas maduras!

Mas ela respondeu:

— Você deve estar brincando! E se me cair uma na cabeça?

E continuou andando. Como já havia escutado a respeito dos dentões da velha senhora, ela não se assustou ao chegar à casa da Senhora Holle, e logo se dispôs ao trabalho. No primeiro dia ela se esforçou bastante, aplicou-se e seguiu todas as orientações, pois só pensava naquele monte de ouro com que mais tarde seria presenteadada. Mas no segundo dia já começou a ficar preguiçosa, no terceiro dia mais ainda, tanto que nem queria se levantar de manhã. Nem mesmo a cama da Senhora Holle ela arrumava como devia ser, e nem a sacudia de modo que as penas esvoaçassem. A velha senhora logo desanimou e cancelou os serviços. A preguiçosa ficou então contente, achando que receberia enfim a chuva de ouro. A Senhora Holle conduziu-a até o portão, mas, ao atravessá-lo, em vez de ouro, despejou-se um caldeirão de piche sobre a menina.

— Esta é a recompensa pelos seus serviços — disse a Senhora Holle, e trancou o portão.



Marcelo Martins

espesso: grosso, denso.

fiar: trançar fios, confeccionar com fios.

fuso: pequeno instrumento de madeira, arredondado, grosso no centro e pontiagudo nas extremidades, usado para fiar.

prado: campina.

(As melhores histórias de Irmãos Grimm & Perrault. São Paulo: Nova Alexandria, 2004. p. 11-16. Coleção Volta e Meia.)

3.3 As seções e subseções do capítulo um

A seção “Estudo do Texto” subdivide-se em três subseções, expõe textos diversos, oriundos da sociedade que nos cerca, tais como: texto poético, jornalístico, publicitário, etc. Esta seção está organizada em seis partes, algumas das quais são facultativas. A primeira delas é: ”Compreensão e interpretação”, que tem como objetivo desenvolver nos alunos habilidades de leitura de forma gradativa, tomando partido do conhecimento prévio do aluno quanto ao título e ao gênero atentar para o que está além do escrito, ao que está implícito etc.

A maneira como são organizadas as seções, subseções e exercícios torna as atividades mais atraentes para o aluno: número razoável de questões e sem enunciados carregados de nomenclaturas e conceitos. As variedades no formato das questões impregnam-nas de um dinamismo que favorecem para que os alunos tencionem resolvê-las. Mas, por outro lado, se a apresentação visual é interessante, o tipo de questão não inova muito, pois se trata basicamente, do modelo clássico de “perguntas e respostas”, com o qual a maioria os alunos está habituada a deparar-se e vêm demonstrando enfado diante delas. Além disso, as perguntas não levam o aluno à reflexão, algumas até esperam do discente apenas as respostas sim ou não.

A questão um afirma que “o narrador faz a apresentação e a caracterização das personagens...”, para grande parte dos alunos dos sextos anos discernirem a diferença entre a expressão “apresentar e caracterizar” um personagem não é clara? Do ponto de vista de professores que não atuem em escolas públicas, especialmente em turmas de sextos anos, talvez pareça que tal problema não exista, mas ao aplicar as propostas detectam-se quantas dificuldades surgem quanto ao vocabulário dos enunciados.

A proposta da letra (c) é inviável se antes de iniciar a leitura do conto o professor não tiver atendido a orientação de acionar os conhecimentos prévios dos alunos através de perguntas acerca da história de Cinderela ou da Gata Borralheira. Caso o professor não atenda a orientação é bem certo que alunos terão dificuldade para resolver logo a primeira questão sugerida pelo fato de desconhecerem tal narrativa.

Recorreremos a Cosson para nos auxiliar, pois:

Ler implica troca de sentido não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são

resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço (COSSON, 2006, p.27).

A questão propõe uma comparação entre o conto lido “Senhora Holle”, com o conto da Cinderela. Esse tipo de comparação corrobora com a formação do leitor literário, porque nesse caso é bem certo que tanto existem alunos, na turma, que conhecem a história da Borracheira quanto os que a desconhecem, logo desse momento em diante todos passarão a conhecê-la. A troca de informações entre os alunos é bastante prolífica, pois tanto auxilia aqueles alunos que já conhecem a história da Borracheira, treinando-os para compararem textos, quanto amplia o cabedal cultural daqueles que ignoravam essa clássica narrativa.

Então, a primeira questão da compreensão e interpretação é de nível fácil.

Estudo do texto

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

c) Professor: Acione os conhecimentos prévios dos alunos, perguntando a eles se conhecem a história da Gata Borracheira ou da Cinderela. Peça que contem a história. Sugestão: No contexto, significa fazer o trabalho pesado da casa sozinha, enquanto as outras pessoas não fazem nada, como ocorre no conto Cinderela.

1. No 1º parágrafo do texto, o narrador faz a apresentação e a caracterização das personagens.

a) Como é caracterizada a filha legítima? Como feia e preguiçosa.

b) É a filha adotiva? Como bonita, trabalhadeira, estorçada.

c) O que significa ser “a Gata Borracheira” da casa?

d) Como a senhora trata as filhas? Protege a filha legítima, mas maltrata a filha adotiva. Chega a ser cruel com ela, quando, por exemplo, a manda se jogar no poço atrás do fuso.

2. Ao contar uma história, o narrador pode expressar diretamente suas opiniões sobre os fatos e sobre as personagens, ou pode se manter neutro. No conto lido, o narrador mostra ter mais simpatia por uma das meninas? Comprove sua resposta com palavras do 1º parágrafo.

Heróis, vilões e outras personagens

As personagens classificam-se de acordo com o papel que desempenham na história. A personagem que faz o papel principal chama-se **protagonista**. Nos contos maravilhosos, o protagonista é um herói ou uma heroína que vive grandes aventuras e vence muitos obstáculos. A personagem que se opõe ao protagonista, seja porque age contra ele, seja porque tem características opostas às dele, é chamada de **antagonista**. Essa personagem é o vilão da história.

No conto, há também **personagens secundárias**. As personagens secundárias são aquelas que têm uma participação menor ou menos frequente na história.



Elizabeth MacKinnon

Ilustrada com um soldadinho e uma bailarina, certamente menção ao conto “O soldadinho de chumbo e a bailarina”, de Hans Christian Andersen. No boxe encontram-se conceitos acerca do que vem a ser: protagonista, antagonista e personagens

secundárias. O título do boxe é atraente porque o aluno, de um modo geral, sabe o que é um herói, talvez nem todos conheçam o termo “vilão”, mas a palavra herói sim, dessa forma o título convida o aluno a ler os conceitos que ali serão tratados. Creio que seja produtivo que o professor aproveite as ilustrações e busque outra vez o saber prévio dos alunos.

3. Ao cair no poço em busca do fuso, a protagonista adentra um mundo mágico, especial.

a) Que reação ela tem quando os pães e as maçãs lhe fazem um pedido? Ela se dispõe a ajudá-los e atende ao seu pedido.

b) O que esses gestos revelam sobre o caráter e os sentimentos da menina? Revelam que ela é uma menina bondosa, gentil, solidária.



Jupiter Unlimited/ Image Plus

4. A protagonista passa a trabalhar com a Senhora Holle.

a) Na casa da Senhora Holle, ela fazia serviços diferentes dos que fazia na casa da madrasta? Não, ela também fazia trabalhos domésticos.

b) Por que, então, ela gostava de trabalhar na casa da Senhora Holle? Gostava porque era bem tratada, não recebia broncas e comia do bom e do melhor.

c) Das características a seguir, quais a personagem revela ter durante esse período? Anote em seu caderno.

x • dedicação

x • humildade

x • gratidão

x • persistência

• arrogância

• orgulho

5. Observe estas duas frases do texto:

“Preciso retornar para junto dos meus”

“por estar toda coberta de ouro, ela foi muitíssimo bem recebida por sua mãe e irmã”

a) A primeira frase é dita pela protagonista à Senhora Holle. O que essa frase mostra sobre os sentimentos da menina? Mostra que, apesar de não ser amada pelas pessoas da família, ela amava seus familiares.

b) O que a segunda frase mostra sobre os sentimentos da mãe e da irmã? Mostra que elas não tinham nenhum sentimento pela menina e que só se interessavam pelo ouro que ela trazia.

6. Compare o comportamento das duas irmãs na casa da Senhora Holle.

a) O que as atitudes da filha legítima revelam sobre seu caráter? Revelam que ela era insensível, preguiçosa, mimada, interesseira.

b) Essas atitudes confirmam a opinião do narrador a respeito das personagens expressa no 1º parágrafo? Sim.

7. Os contos maravilhosos geralmente transmitem ensinamentos a crianças e adultos. Que ensinamento o conto lido transmite? Professor: Sugerimos abrir a discussão com a classe. Espera-se que os alunos percebam que as qualidades da protagonista se vem de exemplo a outras pessoas; ou seja, há a ideia de que para se alcançar um objetivo na vida é preciso ser persistente, esforçado, humilde, fiel, etc.

Considero as questões dois, três, cinco e seis viáveis apenas com a mediação do professor, por causa de sua complexidade. Destaco dois pontos na questão dois: primeiro, tem-se que lembrar o que é um narrador numa história; para descobrir quem é ele nesse conto e segundo esclarecer o que significa “manter-se neutro”. Para responder as questões cinco e seis é necessário usar a inferência e é comum o surgimento de muitas dúvidas nesse momento, pois com a falta de promoção da leitura literária, o aluno não é levado a refletir e quando necessita fazê-lo enfrenta muitas dificuldades. Questões como essas cooperam com o desenvolvimento da leitura de textos literários, porém elas são raras nessa coleção.

Os autores mesclam as questões em níveis de dificuldades primeiro as mais fáceis e depois as mais difíceis, e ainda procedem da mesma forma dentro de cada uma de suas subdivisões, como pudemos constatar até aqui. Essa dinâmica torna a realização das tarefas mais atraentes para os alunos, pois se difere daquele formato tipo questionário, em que grande número de perguntas é apresentado, obedecendo ao mesmo formato, ao término de uma leitura. A questão quatro serve para exemplificarmos bem a dinâmica dos autores da coleção, pois ela é de resolução fácil, mas seguida das questões cinco e seis de resoluções mais complexas.

Na última questão há solicitação de resposta pessoal, uma oportunidade tímida é oferecida ao aluno para que interaja, dando sua opinião, porém já atrelando essa opinião a afirmação de que “Os contos maravilhosos geralmente transmitem ensinamentos a crianças e adultos”. Nessa questão o mestre é orientado a abrir uma discussão com a classe a fim de levar os alunos a perceberem que “as qualidades da protagonista servem de exemplo a outras pessoas”, ou seja, os alunos podem até se expressar durante a discussão dizendo o que entenderam acerca do ensinamento do conto, mas ao final o que predomina mesmo é a palavra do professor, que conduz a atividade, ou seja, a voz do aluno mais uma vez é calada, eles continuam como agentes passivos e, raramente, questionam acerca do que leem.

Concluí que não foi dado lugar para que o conto fosse lido e apreciado, haja vista não terem sido proporcionados aos alunos condições favoráveis para que dele pudessem usufruir. Olvidou-se que este texto possui sua singularidade com relação aos demais, pois se trata de um texto literário. Os docentes não devem se conformar com leituras que se realizem da maneira como são propostas pela maioria dos LD, sem que

se vislumbrem atividades que possibilitem uma relação dialética entre leitor e escritor. E ainda, sem deixar de lado as falas de Renzo Casarini e Lidia de Fredericis⁷ que nos remetem ao valor da literatura como suporte para o ser humano se compreender melhor, conforme destaca Colomer (2007 p. 29) que traduziu esses autores italianos:

A literatura é sentida como uma das formas em que se auto organiza e se auto representa o imaginário antropológico e cultural um dos espaços em que as culturas se formam, se encontram com outras culturas, as absorvem. (...) a literatura oferece importantíssimos suportes e modelos para compreender e representar a vida interior, os afetos, as ideias, as projeções fantásticas e também, modelos para representarmos nosso passado, o de nossa gente e o dos povos, a história.

► **A LINGUAGEM DO TEXTO**

1. O conto “Senhora Holle” mostra unidade de sentido, ou seja, é um texto que tem começo, meio e fim. Ele está dividido em partes menores, os parágrafos. **Parágrafos** são partes do texto que agrupam ideias. A indicação de início de parágrafo é feita pelo afastamento em relação à margem esquerda do texto.

a) Quantos parágrafos há no texto lido? há 27 parágrafos.

b) Em que parágrafo os pães falam com a protagonista? No 4º parágrafo.



15

Na seção “A linguagem do texto” ocorre fato já conhecido: o texto é pretexto para trabalharem-se conteúdos relacionados ao ensino da língua. A seção é constituída de questões onde são tratados assuntos relacionados à estrutura do texto e visam promover o estudo de aspectos gramaticais somente.

Acompanhando uma das questões encontra-se foto da capital

de Hesse Estado onde se passa o conto lido, seria mais proveitoso para os alunos se fosse exibido nas



⁷Renzo Casarini e Lidia de Federicis, “La ricerca letteraria e la contemporaneità, in *Il materiale e l’immaginario. Laboratori di analisi dei testi e di lavoro critico*, Turin, Loescher, 1988, vol. IX, p. 28. A tradução das citações de obras que não têm edição em espanhol foi feita pela autora.

páginas onde está o conto é apresentado, não nessa.

O tópico Leitura Expressiva do texto, visa desenvolver a oralidade, pois sugere uma releitura do texto, mas atentando-se com mais vagar para as pausas, a entonação expressando alegria, surpresa, etc. Cooperar para o desenvolvimento do aluno para ler textos literários em voz alta, em declamações, etc., sabe-se quão difícil é para o aluno esse tipo de leitura, portanto treiná-lo, separando um momento específico para esse fim, é produtivo, porém essa seção não se encontra em todos os capítulos, como todas as demais, é rara assim como as ocasiões em que a literatura é valorizada.

O que acaba ocorrendo de fato é que o aluno é ensinado somente na ocasião que precisa apresentar algum texto, ou seja, em hora inoportuna.

Dois tópicos entremeiam as seções “Estudo do texto” e “Produção do texto”, são eles: “Trocando ideias” e “Ler é prazer”. São tópicos que nos interessam enquanto formadores de leitores literários porque visam desenvolver a capacidade de expressão e de argumentação oral do aluno, com o intuito de levá-los a escrever textos dissertativos, mas ao desenvolverem a argumentação também estão desenvolvendo seu senso crítico, o que auxilia na formação do leitor literário.

O tópico “Trocando ideias” é mais uma oportunidade de os alunos exporem suas opiniões e aprenderem formas de sustentar um argumento oralmente, tendo como ponto de partida os temas e textos considerados no capítulo. Na prática estão sendo exercitados para escreverem textos dissertativos. Esse tópico propicia a reflexão do aluno acerca do texto lido e o leva a transpor as ideias do conto para a sua realidade cotidiana. Sugiro que essas questões sejam inseridas na seção Estudo do Texto, pois suscitam discussões que levam o aluno a interagir, dando-lhe voz desenvolvendo-o para que leia outros textos literários e faça o mesmo caminho, ou seja, ler, analisar e tomar o texto para si. A coleção propõe oferta irrisória desse tipo de questão que promove o letramento.

O tópico seguinte intitulado “Ler é...”, cujo título não é similar em todos os volumes, pois ora é intitulado “Ler é prazer”, ora “Ler é emoção”, ora Ler é diversão, etc., é ofertada ao aluno rara oportunidade de leitura de fruição. O manual do professor informa de que essa seção surge “**sempre que possível e necessário**”, ou seja, é algo secundário, que será apresentado só se for “possível”. E por que não é possível que a seção ocorra em todos os capítulos? Fica o professor que deseja promover leituras de fruição sem resposta. O que significa exatamente essa expressão “sempre que possível e

necessário”? O que é necessário para quê? Não explica o porquê de essa parte não constar de todos os capítulos, nem justifica o fato do tópico “ser necessário” em alguns momentos, enquanto em outros não. O que me causa aflição e impulsiona-me a tomada de postura que venha combater esse tipo de comportamento.

Trocando ideias

Professor: Sugerimos que leia para os alunos outras fábulas. Na seção *Fique ligado! Pesquise!*, há algumas sugestões de livros.

1. A mãe tratava diferentemente as duas filhas. A Senhora Holle também deu um tratamento diferente às duas meninas. Na sua opinião, a “recompensa” dada à filha legítima foi justa? Por quê?
2. Das qualidades da filha adotiva que você identificou no estudo do texto, qual você considera a mais importante para uma pessoa ser feliz? Por quê?

Ler é um prazer

O texto a seguir é uma fábula.

As **fábulas** são pequenas histórias que geralmente têm animais como personagens e quase sempre terminam com uma moral, isto é, um ensinamento.

Como os contos maravilhosos, as fábulas são muito antigas. Nascidas no Oriente, elas foram reinventadas no Ocidente pelo escravo grego **Esopo**, que, para mostrar aos homens como agir com sabedoria, criava histórias em que os animais dialogavam. Mais tarde, suas fábulas foram reescritas em versos, com um leve tom satírico, por **Fedro**, um escravo romano. O grande responsável pela divulgação das fábulas de Esopo no Ocidente foi, porém, o poeta francês **Jean de la Fontaine**.

Os dois amiguinhos

Uma vez uma garça adotou um filhote de tigre órfão e criou o bebê junto com seu próprio filho. Os dois viraram grandes amigos e todo dia faziam a maior bagunça, sem jamais brigar. Na realidade, eram as crianças mais boazinhas do mundo. Um dia apareceu outra garça que era uma encenqueira; essa garça tratou muito mal o bebê garça. O bebê garça pediu socorro, e o tigre veio correndo: num instante engoliu a encenqueira. Só ficou um ossinho e um punhado de penas para contar a história. O tigre, que tinha sido criado num regime vegetariano, achou aquela comida diferente uma maravilha. Lambendo os bigodes, piscou o olho e disse: — Eu te adoro, minha pequena garça!

E zás, lá se foi sua companheira de brincadeiras servir de sobremesa para o piquenique improvisado.

Moral: Nada elimina o que a natureza determina.

(Fábulas de Esopo. Compilação de Russell Ash e Bernard Higton. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994. p. 44.)



A parte de “Produção de texto” inicia-se com o título de mesmo nome e subtítulo de acordo com o gênero textual em estudo. Busca-se trabalhar com variados gêneros do discurso de grande circulação na sociedade, como por exemplo, a propaganda, a notícia, o e-mail, etc. Percebi que o tema da unidade continua sendo perseguido, detalhe que apontei como positivo por proporcionar ao aluno mais facilidade na compreensão, pois apesar das seções irem se alterando, há um ponto em comum entre elas – o tema, e dessa forma mais facilitada os obstáculos vão sendo transpostos.

A seção supracitada se organiza em duas partes, numa delas trata-se de assuntos teóricos referentes ao gênero textual, e na outra é apresentado um texto do gênero que se está abordando. São destacadas a estrutura, o uso da língua, etc., visando preparar o aluno para que produza seu próprio texto. Consideram-se sempre situações concretas para que o texto seja utilizado: ora é prevista a troca do texto produzido entre os alunos, para que leiam o texto uns dos outros, ora seja numa exposição na sala de aula, ou em outro local onde toda a escola possa apreciar.

Após sua produção o LD apresenta ainda maneiras de como o discente pode avaliar sua redação e corrigi-la, se for o caso. O material produzido nessa seção também poderá ser empregado no projeto do capítulo na seção “Intervalo”.

O conto maravilhoso é retomado na seção “Produção de texto” Tendo a quarta questão como a única de formato diferente das demais, pois solicita ao aluno que dê sua opinião acerca do final do conto e orienta o professor a discutir com a turma acerca do assunto, o que promoverá interação entre os alunos e o professor.

Na questão nove o aluno não é levado à reflexão porque na própria pergunta já está incluída a resposta.

A questão dez trata-se apenas de identificar qual o tipo de linguagem. Qual é a relevância dessa identificação? Para que o aluno necessita constatar que no conto é utilizada a norma-padrão? Não há qualquer menção quanto a isso, portanto trata-se tão

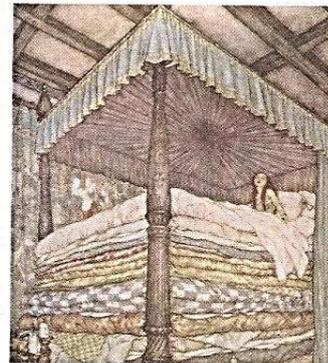
Produção de texto

▶ O CONTO MARAVILHOSO

Com base no conto “Senhora Holle”, responda ao que se pede.

1. Todo conto maravilhoso se inicia situando o herói ou a heroína em seu ambiente familiar, no espaço e no tempo, e apresentando suas qualidades.
 - a) Onde morava a heroína da história? Com quem ela morava? Ela morava na casa de sua madrasta.
 - b) O tempo em que acontecem os fatos narrados no conto é preciso, determinado, ou impreciso, indeterminado? Justifique sua resposta. É impreciso, indeterminado, pois não há indicações de quando ocorreram os fatos.
2. No início do conto, a heroína é introduzida em uma situação a partir da qual seu destino se modifica.
 - a) O que ocorreu com ela? Ela perdeu o fuso no poço e para pegá-lo atirou-se nele.
 - b) O que se modificou no destino da heroína? Por ter sido fiel e ter trabalhado com afinco para a Senhora Holle, a menina foi recompensada com uma chuva de ouro.
3. Em todo conto maravilhoso há uma personagem que possui poderes mágicos.
 - a) No conto lido, qual é essa personagem? A Senhora Holle.
 - b) Em quais situações no conto notamos esses poderes? Quando a Senhora Holle faz cair neve no mundo no momento em que a cama dela era arrumada e quando faz cair sobre as meninas uma chuva de ouro e um caldeirão de piche.
4. Não sabemos o que ocorreu na história depois que a irmã da heroína recebeu o banho de piche. Mesmo assim, você acha que o conto tem um final feliz? Justifique a sua resposta.
Professor: Abra a discussão com a classe. Sugestão: Sim, a menina, que antes era maltratada pela madrasta e pela irmã, passou a ser bem tratada. Além disso, com a fortuna que passou a ter, ela poderá escolher onde morar.
5. Analisando os contos maravilhosos, o estudioso russo Wladimir Propp observou que quase todos apresentam situações muito parecidas. Veja algumas delas:
 1. O herói se distancia de sua casa.
 2. Uma proibição é imposta ao herói.
 3. O herói é submetido a provas.
 4. O herói realiza as tarefas que lhe são impostas.
 5. Meios mágicos são fornecidos aos heróis.
 6. Há luta entre o herói e seu antagonista.
 7. O antagonista é vencido.
 8. O herói regressa a sua casa ou ao seu país.
 9. O herói chega incógnito ao seu país.
 10. O herói é reconhecido.
 11. O antagonista é desmascarado.
 12. O antagonista é punido.
 13. O herói se casa.

Quais dessas situações ocorrem com o conto “Senhora Holle”?



PodliesFodor/Corbis/LatinStock



Guillaume Doré/Domecia/Value Art

6. Costumam fazer parte dos contos maravilhosos personagens como reis, rainhas, princesas, fadas, bruxas, gigantes, príncipes, mágicos, camponeses, animais e objetos falantes, pessoas sob encantamento, pessoas com dons excepcionais e lugares como florestas, campos floridos, montanhas encantadas e reinos distantes, além de objetos e poções mágicas. Quais desses elementos aparecem no conto “Senhora Holle”? Pessoa com dons excepcionais, que é a Senhora Holle, campos floridos, camponeses.
7. Leia o boxe “Quem conta a história?”, releia um trecho do conto e responda: Nesse conto, o narrador é personagem ou observador? É observador.
8. Leia o seguinte trecho do conto e observe as palavras destacadas.

“Uma senhora **tinha** duas filhas, sendo uma bonita e aplicada, e a outra feia e preguiçosa, que **era** sua filha legítima, e, por isso, a outra **era** obrigada a realizar todo o trabalho doméstico e ser a Gata Borralheira da casa.”

As palavras destacadas indicam que os fatos ocorrem no presente ou no passado? No passado.

Quem conta a história?

Quem conta a história é chamado de **narrador**. Quando o narrador participa dos fatos e é também personagem, dizemos que ele é **narrador-personagem**. Nesse caso, ele usa a 1ª pessoa (eu, nós). Quando o narrador não participa da história e conta-a sem fazer referências a si mesmo, ou seja, é apenas observador, dizemos que ele é um **narrador-observador**. Nesse caso, ele usa a 3ª pessoa (ele, o herói, a princesa, as moças, etc.).

9. No conto lido, há vários diálogos. Qual é o papel do diálogo nos contos maravilhosos: tornar a história lenta ou torná-la mais dinâmica e viva? Mais dinâmica e viva.
10. Observe a linguagem empregada no conto. Que tipo de linguagem predomina: a norma-padrão ou uma variedade linguística? A norma-padrão.
11. Reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, conclua: Quais são as características do conto maravilhoso? É um texto narrativo que se inicia situando o herói ou a heroína em seu ambiente familiar, no tempo e no espaço, e apresentando suas características. Introduz também o destino do herói e suas qualidades. Apresenta um ou mais protagonistas, um vilão e um problema a ser resolvido. Suas personagens são reis, príncipes, bruxas, etc. e os lugares onde transcorre a ação são bosques, florestas, palácios, etc. Apresenta descrições de personagens e lugar, mesmo que simples. Apresenta

latos mágicos e, geralmente, um final feliz. Inicia-se por uma expressão que indica tempo impreciso e os fatos acontecem no passado. O narrador geralmente é observador. Apresenta diálogo e a linguagem empregada é predominantemente a norma-padrão. Professor: Com as conclusões dos grupos, sugerimos montar na lousa um quadro com as características do conto maravilhoso.

Agora é a sua vez

Os textos que você produzirá a seguir, individualmente ou em grupo, serão publicados num livro de contos que fará parte da mostra **Histórias de hoje e sempre**, proposta no capítulo **Intervalo**, e será lido por colegas de sua classe e de outras, por seus pais e demais convidados para o evento.

somente de identificação, sem reflexão acerca da utilidade de tal constatação.

A última questão propõe sugestão inviável por se tratar de um convite para que os alunos juntos concluam quais são as características do conto maravilhoso, já que não foram levados a refletir sobre o assunto, mas somente a procederem algumas identificações, então como concluir sobre um tema sobre o qual não houve reflexão que bastasse?

A seção acima é acompanhada de outra subseção denominada: “Agora é a sua vez” onde o aluno é convidado a expressar-se, somando o lúdico ao teórico. Notei que essas questões são mais elaboradas que as de estudo do texto, pois ao menos concede ao aluno a oportunidade de escolher dentre algumas opções de que forma deseja desenvolver seu texto, proporcionando-lhe melhores condições de desenvolver sua criatividade. Percebi também que o conto é trabalhado atrelado a tais produções, formando assim um vínculo estreito entre a leitura e a escrita.

São apresentadas três propostas diferentes para a produção da escrita, duas individuais e uma em grupo, o que considero produtivo, pois proporciona ao aluno liberdade de escolha de como deseja se expressar não cerceando sua imaginação e motivação para a escrita. E ainda oferecida à possibilidade de se escrever um texto – em grupo, exercício não muito comum até a pouco tempo atrás. Fica claro que a seção “Produção Textual” é sem dúvida trabalhada com muito mais zelo que a seção de Leitura do Texto, haja vista a possibilidade de o aluno exercer papel ativo, saindo da passividade oferecida no momento da leitura. Obviamente que se o aluno é convidado a produzir textos, já está explícito que tomará lugar ativo no contexto, porém, notamos que não só lhe é dado espaço para expressar-se como também como quer fazê-lo. Oxalá que à literatura conquistasse um lugar semelhante!

1. Reúna-se com seus colegas de grupo para, juntos, escreverem um conto maravilhoso.

Sigam as instruções:

a) Planejem o conto; revejam as situações enumeradas por Wladimir Propp; escolham algumas delas e definam quem será o herói ou a heroína e quem será o vilão da história. Vocês podem produzir dois tipos de conto:

- Uma história ocorrida no passado, num tempo impreciso. Nesse caso, trabalhem com personagens típicas, como, por exemplo, princesa, príncipe, bruxa, fada, animais e objetos que falam, etc.
- Uma história ocorrida nos dias atuais. Nesse caso, trabalhem com outros tipos de personagem, como, por exemplo, um garoto corajoso e destemido, uma mocinha distraída que adora ler, um cantor de rap, um esquetista, uma avó moderna... ou um herói às avessas, isto é, atrapalhado, que tem medo de baratas, etc. E, para ser o vilão, escolham uma feiticeira muito má, uma bruxa moderna, que substituiu a vassoura por um jet-ski, etc.



Marco Guilherme

b) Comecem o conto fazendo o herói ser vítima de uma armadilha planejada pelo vilão. Se quiserem, podem dar ao herói poderes mágicos, fazê-lo passar por provas difíceis ou estabelecer para ele uma missão impossível. Nessas circunstâncias, o herói deverá usar não só a força física, mas também inteligência e esperteza.

O final da história pode ser feliz ou não, dependendo de como vocês a conduzirem.

Não se esqueçam de observar se a linguagem empregada está adequada a esse tipo de gênero.

c) Façam um rascunho primeiro e só passem a história a limpo depois de fazer uma revisão cuidadosa, seguindo as orientações do box **Avalie seu conto maravilhoso**. Refaçam o texto quantas vezes forem necessárias.

missão, dons mágicos, aparecimento do vilão, poderes diabólicos do vilão, duelo, vitória, retorno, chegada em casa, o falso herói, provas difíceis, danos reparados, reconhecimento do herói, o falso herói desmascarado, punição do vilão, casamento. Se quiser, peça aos alunos que ilustrem as cartas. Depois, sorteie-as entre os grupos ou individualmente e peça aos alunos que escrevam histórias sobre as(s) carta(s) sorteadá(s). Outra possibilidade: produzir coletivamente um conto maravilhoso, estruturando-o sobre toda a série de cartas. Tanto a produção coletiva quanto a individual podem integrar o trabalho proposto no capítulo seguinte.

Avalie seu conto maravilhoso

Observe se os fatos apresentados acontecem no passado, num tempo impreciso; se o narrador é observador; se as ações do herói e do vilão estão de acordo com as características que eles apresentam; se no início o herói se vê diante de um problema e se esse problema é resolvido; se a linguagem empregada está adequada aos leitores e ao gênero textual; e, finalmente, se a história contém um ensinamento.

2. Escolha uma personagem de conto maravilhoso de que você goste muito (um mágico, uma fada, um super-herói, etc.) e crie uma história em que ela se envolva com outras personagens de contos maravilhosos, como, por exemplo, príncipes, princesas, reis, bruxas, ogros, gigantes, dragões, gênios, etc. Siga as instruções b e c da proposta anterior.

3. Dê asas à imaginação e crie livremente um conto maravilhoso.

Leia este poema:

Sem barra

Enquanto a formiga
carrega comida
para o formigueiro,
a cigarra canta,
canta o dia inteiro.

A formiga é só trabalho.
A cigarra é só cantiga.

Mas sem a cantiga
da cigarra
que distrai a fadiga,
seria uma barra
o trabalho da formiga.



(José Paulo Paes. In: Henriqueta Lisboa et alii. *Varal de poesia*.
São Paulo: Ática, 2003. p. 50.)

Na questão acima se encontra um poema de José Paulo Paes, *Sem barra*⁸, presenciei que a temática - trabalho – é acompanhada, assim como o conto da Senhora Holle, pois fala acerca da cigarra e da formiga, lembrando-nos da célebre fábula “**A Cigarra e a Formiga**”, atribuída a Esopo⁹. Trata-se de uma fábula recontada, mas trazendo uma conotação nova para a cigarra, pois ela não é considerada como preguiçosa, conforme a fábula conhecida. Acompanhada de ilustração, mas nenhuma questão há que leve o aluno a considerar o teor artístico dessa poesia, sua estrutura ou seu tema, o texto é instrumento apenas para continuar o trabalho sobre o uso do dicionário. Não é concedido ao aluno espaço para usufruir desse texto.

Como pude constatar muitos textos são apresentados, porém considerados apenas superficialmente, o que é em nada favorece para a formação literária, ao contrário, desfavorece, pois o aluno vê-se diante de tantas leituras para realizar, para as quais não tem formação nem leitora e muito menos literária, ou seja, ele não consegue dar conta das leituras, pois raríssimamente vê em tais tarefas algo que delas possa desfrutar.

Segundo Moran, “aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos [...], quando percebemos a utilidade de algo, quando nos traz vantagens perceptíveis”. (MORAN 2009, p.23)

⁸ José Paulo Paes, In: Henriqueta Lisboa et alii. *Varal de poesia*. São Paulo: Ática, 2003. P.50.

⁹ Esopo foi um escritor da Grécia Antiga a quem são atribuídas várias fábulas populares. A ele se atribui a paternidade das fábulas como gênero literário. Nascimento: 620 A.C., Amório, Turquia, falecimento: 564 a.C., Delfos, Grécia. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esopo>

As páginas que seguem, são ilustradas com figuras que se relacionam com o texto e o tema em questão. A organização das páginas é marcada pela presença simultânea de exposições teóricas, boxes contendo notas com o fim de esclarecer e ou sistematizar algum conceito, mas essas informações, só serão bem aproveitadas se o professor buscar conhecê-las, adquirindo assim capacidade de lidar bem com os quadros teóricos apresentados.

3.4-O capítulo dois

O segundo capítulo expõe a opinião de um escritor argentino acerca de livros e mostram algumas imagens do universo infantil relacionado mais a América do Norte, certamente menos conhecidas dos alunos. Relacionadas ao tema central da unidade, destina-se à leitura sistematizada de linguagens não verbais ou mistas (verbais e não-verbais), cujo intuito é o de ampliar o cabedal cultural do aluno e “sua leitura de mundo” e também desenvolvê-lo para ler esse tipo de texto. Essa forma de apresentar conteúdos promovendo uma articulação entre eles, ligando-os através de um tema central contribui para que o aluno se mantenha mais focado, pois essa manutenção funciona como um alinhavo, ligando as atividades umas às outras. Este capítulo continua trabalhando questões de produção textual estimulando que os alunos escrevam contos maravilhosos e oferece algumas orientações, porém atem-se mais ao estudo da língua, conforme já mencionamos.

CAPÍTULO

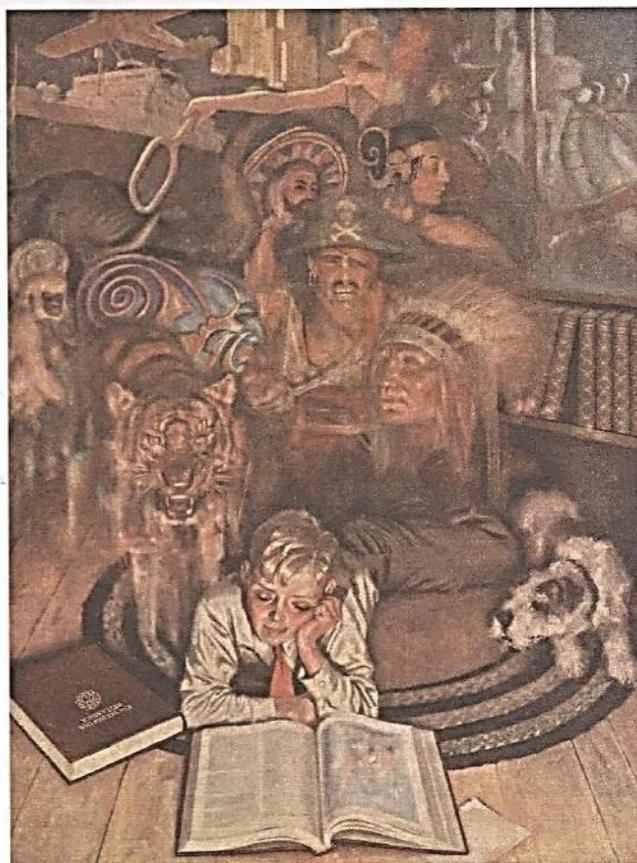
2

Professor: Neste capítulo, pretendemos levar o aluno a desenvolver habilidades de leitura de textos não verbais, tais como observar, comparar, levantar hipóteses, inferir, identificar, explicar, estabelecer relações de causa e consequência. Para atingir esses objetivos, não há necessidade de que o aluno responda às questões por escrito. Sugerimos, pois, que a atividade seja desenvolvida oralmente, a fim de haver maior interação e troca entre os alunos.

Terra de encantamento

“O que são as palavras dormindo num livro? O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é um livro se não o abrimos? Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez.” Eis aí a opinião do escritor argentino Jorge Luís Borges sobre livros. E como um pintor poderia expressar com desenhos e cores a magia da leitura?

Observe esta pintura, de Walter Beach Humphrey:

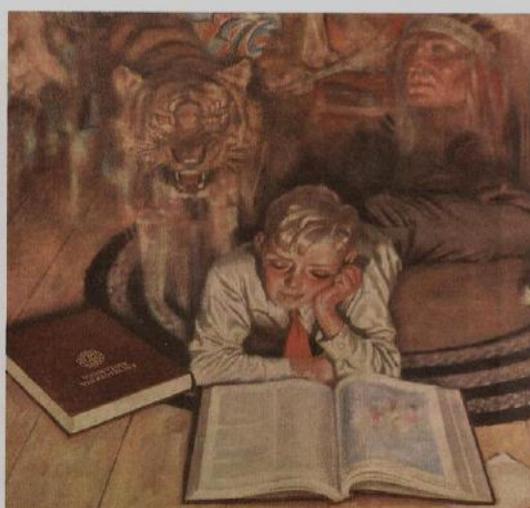
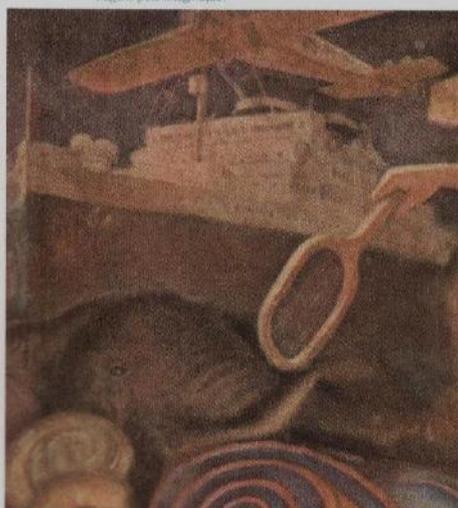


Coletção particular/Blue Lantern Studio/Corbis/LatinStock

1. Há, na pintura, dois planos: no primeiro, vemos um menino e um cachorro; no segundo, ao fundo, vemos vários elementos. Observe o primeiro plano e responda:
 - a) Onde o menino está? Provavelmente está na casa dele, no quarto, na sala ou na biblioteca da casa.
 - b) O que ele está fazendo? Está lendo um livro.
 - c) Que idade você imagina que ele tem? Provavelmente 11 ou 12 anos.
 - d) Pela roupa que o menino usa, é possível dizer que ele é uma criança do nosso tempo ou de outra época? Por quê? É de outra época, pois a roupa que os meninos de hoje usam é mais informal.

2. Observe agora o segundo plano da pintura. Há várias personagens e alguns meios de transporte. Levante hipóteses:

- a) Que personagens você identifica na pintura? Um índio, um tigre, um pirata, um elefante, uma fenista, um gladiador, um macaco, um homem pintado (provavelmente de uma civilização antiga), etc.
- b) Que meios de transporte há no quadro? Um navio e um avião.
- c) Qual relação há entre as personagens, o avião, o navio e o livro que o menino está lendo? É possível que o menino esteja pesquisando ou lendo sobre meios de transporte. Outra possibilidade: O livro, assim como o avião e o navio, permite fazer viagens. No caso do livro, viagens pela imaginação.



4. c) Resposta pessoal. Professor: O objetivo da questão é favorecer a troca de experiências sobre a leitura de contos maravilhosos, fábulas e outros gêneros. Essa troca é importante tanto para a formação de novos leitores quanto para afixar o conhecimento prévio dos alunos. Portanto, estimule-os a relatar suas impressões e experiências com leitura.

3. Observe a expressão corporal e facial do menino e o local onde ele está lendo e levante hipóteses:

- a) Por suas expressões, você acha que o menino gosta da leitura que está fazendo? Por quê? Sim, sua expressão demonstra concentração e prazer em ler.
- b) Na sua opinião, o menino vai ler apenas esse livro ou vai continuar lendo? Por quê? Provavelmente vai continuar lendo, pois ao lado dele há outro livro, semelhante ao que ele está lendo. Além disso, os dois livros foram retirados da estante, onde há muitos outros livros parecidos, o que leva a crer que seja uma coleção de livros.

4. Quando lemos, nos transportamos para um mundo em que todas as aventuras são possíveis. Podemos ser índios, cowboys, lutar contra tigres, elefantes, sobrevoar montanhas ou nos aventurar nos mares. Esse é o mundo da fantasia que está à nossa espera nos livros.

- a) Quais histórias de aventura você já leu? Resposta pessoal. Professor: Estimule os alunos a relatar suas experiências com leitura.
- b) De qual mais gostou? Por quê? Resposta pessoal.
- c) Para você, o que é a leitura?

As respostas continuam sendo fornecidas aos alunos sem que precisem pensar muito para respondê-las. Na questão um, por exemplo, as afirmações nela contidas poderiam vir apenas no manual do professor para que ele as fizesse aos alunos e os levasse a pensar para responder. Dessa forma o aluno seria levado a refletir, a analisar a figura, desenvolvendo assim seu olhar, sua sensibilidade diante de uma obra de arte, aprendendo como apreciá-la. Na questão dois e três o processo é semelhante, informa-se ao aluno o que poderia ter sido utilizado para lhe aguçar o olhar e a reflexão.

Restam ainda três tópicos a considerar no capítulo selecionado para análise, cada qual com seus distintos objetivos. O primeiro -“Semântica e discurso”, visa ampliar questões relacionadas aos conteúdos gramaticais; o segundo -“ De olho na escrita”, presta-se a operar as questões relacionadas à ortografia, acentuação, etc.; e o terceiro cuja página encontra-se abaixo, intitula-se de “Divirta-se”. Nesse as atividades atendem ao eixo de leitura e têm por objetivo despertar o prazer de ler e proporcionar um contato mais estreito com o texto, despertando, assim o gosto pela leitura, à reflexão, etc. A atividade lúdica encoraja o raciocínio do aprendiz é geralmente composto de charadas, tiras de humor, etc. Os boxes chamam a atenção dos alunos por tratarem de assuntos que lhe são familiares, algo ligado ao tema do capítulo, a sua vida cotidiana, alguma curiosidade, etc..

Por que o texto principal do capítulo não é apresentado nesse formato, já que ele costuma cair no agrado dos alunos? São textos para fruição, desacompanhados de grande número de questões e de longos enunciados. Esse é um detalhe que contribui para a formação do leitor de textos literários, pois ao testara recepção de tais textos percebe-se o quanto os alunos apreciam esse tipo de leitura.

A leitura de fruição costuma ser momento raro, oferecido aos alunos em sala de aula, conforme tenho constatado através de observações e também de conversas com outros professores, eles alegam que deixar os alunos lendo a seu bel prazer não é dar aula, não encontram sentido numa aula ministrada nesse formado, pois creem que ler promover leitura pra os alunos “apenas para que eles se distraiam” não é próprio, esse tipo de leitura de fruição os discentes podem fazê-lo em qualquer outro lugar, não compreendem, obviamente porque não foram orientados através de sua formação profissional para entenderem, que o aluno necessita desse encontro com o texto e de que outras abordagens diferentes podem ser realizadas além de expor textos aos alunos seguidos de perguntas e única resposta, desprezando-se as inferências que os discentes venham a fazer, desconsiderando a interação entre autor/texto/leitor.

3.5- O capítulo três

CAPÍTULO

3

Todas as crianças crescem... menos uma!

Você já ouviu falar de Peter Pan, o garoto que não consegue crescer? Como Pinóquio, Cinderela e Alice, Peter Pan é uma personagem que tem encantado crianças do mundo inteiro, de geração a geração.

Peter Pan costumava ficar do lado de fora da casa dos Darling, próximo da janela, para ouvir as histórias de contos maravilhosos que a garota Wendy contava a seus irmãos, João e Miguel, antes de dormirem. Depois ele as recontava aos meninos perdidos da Terra do Nunca.

Assim que as crianças adormeciam, Peter entrava no quarto delas. Um dia, surpreendido ali pela senhora Darling, tenta fugir rapidamente. Mas Naná, a cachorra-babá das crianças, abocanha a sombra do garoto no momento em que ele pula a janela. A senhora Darling guarda a sombra de Peter numa gaveta. No dia seguinte, depois que os pais das crianças saem para fazer uma visita, Peter, acompanhado pela fada Sininho, volta ao quarto para resgatar sua sombra. Porém, não conseguindo colá-la ao corpo, chora, e seu choro acorda Wendy.

Peter Pan

[...]

— Por que está chorando, menino?

Peter Pan levantou-se, com inesperada educação, e fez para ela uma reverência. Da cama, muito satisfeita com o gentil cumprimento, Wendy também inclinou a cabeça.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele.

— Wendy Linda Ângela Darling — respondeu com certo orgulho. — E o seu?

— Peter Pan.

Ela já sabia que só podia ser Peter Pan, só que o nome era muito curto.

— Peter Pan de quê?

— Peter Pan de nada — respondeu ele, meio aborrecido, pois pela primeira vez percebeu que seu nome era muito pequeno.

— Me desculpe.

— Deixe isso pra lá.

— Onde você mora?

— Dobrando a primeira rua à direita, siga em frente até o nascer do dia.

— Que endereço mais gozado!

— Não tem nada de gozado. Eu não acho.



Wendy lembrou-se de que era no momento em que a dona de casa a receber uma visita e perguntou com muita doçura:

— É esse o endereço que os outros escrevem nas cartas?

— Que cartas?! — Peter Pan replicou com desprezo.

— Nunca recebeu uma carta?

— Nunca.

— Mas sua mãe não recebe cartas?

— Que mãe?!

— Você não tem mãe?

— Nem pai.

Falou isso sem a menor tristeza, até mesmo com uma ponta de alegria, mas Wendy farejou logo na tragédia doméstica.

— Perdão, Peter Pan. Agora sei por que você estava chorando, coitadinho. — Pulou da cama e correu para perto dele.

— Eu não estava chorando por causa de mãe — ele disse, meio enfurecido. — Estava chorando porque não consigo colar a minha sombra no meu corpo. Aliás, eu não estava chorando coisa nenhuma!

— Uai, ela descolou? — perguntou Wendy.

— Descolou, olha aí!

[Wendy, então, costurou a sombra ao corpo de Peter Pan.]

[...]

— Quantos anos você tem, Peter?

— Não sei. Só sei que sou muito jovem.

De fato ele não sabia nada a esse respeito.

— Wendy, fugi de casa no dia em que nasci.

— No dia em que nasceu! — exclamou a garota espantada, mas interessadíssima. — Conte pra mim!

— Foi porque — Peter Pan começou a falar baixinho — ouvi mamãe e papai conversando sobre mim, quando eu fosse grande. Eu não queria ficar grande de jeito nenhum! Queria ficar criança para brincar o tempo todo. Foi por isso que fugi para o parque da cidade e vivi lá muito tempo na companhia das fadas.

Wendy ficou até meio tonta ao ouvir isso. A vida dela tinha sido sempre tão sem graça, tão sem graça! E desandou a fazer uma cascata de perguntas. Mas todas as perguntas se resumiam sempre a uma: como são as fadas?

Finalmente Peter Pan teve tempo de falar:

— Quando a primeira criança do mundo deu risada, surgiu a primeira fada.

— Ah, quer dizer que deve existir uma fada para cada criança que existe no mundo?

— Devia, mas não existe.

— Como assim?

— Muito simples. Há muitas crianças que não acreditam em fadas. Quando um garoto ou uma garota diz: “Eu não acredito em fada”, morre uma fada. Entendeu?

[Nesse momento, eles ouvem um barulhinho de sino. É Sininho, que estava presa numa gaveta. Peter Pan a liberta, mas ela está furiosa, com ciúmes de Peter Pan.]

[...]

Sentados ambos na poltrona, os dois continuaram a conversar. Wendy perguntava:

— Ainda frequenta o parque?

— Às vezes vou lá.

— Mas onde você passa a maior parte do tempo?

— Com os meninos perdidos.

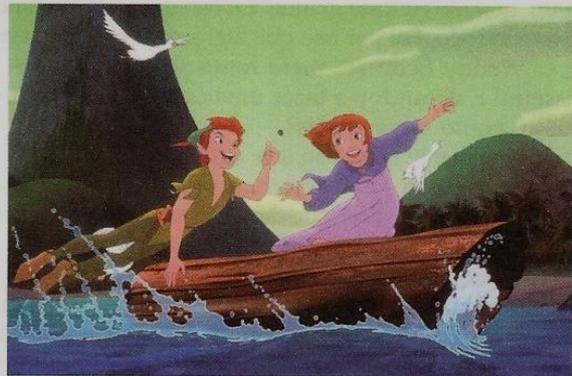
James Barrie, o autor

O escritor James Barrie, autor de *Peter Pan*, nasceu na Escócia, em 1860. Mudou-se para Londres, onde foi jornalista. *Peter Pan*, sua obra-prima, publicada em 1904, surgiu de histórias que Barrie contava para o grupo de crianças nos jardins de Kensington. Nesses jardins há hoje uma estátua da famosa personagem criada pelo escritor.



Doméstica

— Meninos perdidos?
 — Meninos que caem dos carrinhos quando as babás estão olhando para outro lado. Se não são reclamados em sete dias, são enviados para a Terra do Nunca. Sou o chefe lá.
 — Deve ser um estouro!
 — É, é mesmo. Só tem uma coisa: lá não temos companheiras, só companheiros.
 — Não há garotas?
 — Nem uma! Garota é sempre esperta demais para cair do carrinho.
 Wendy ficou cheia de si ao ouvir isso:
 — Você é tão simpático quando fala de garotas. [...]
 [Os dois continuaram a conversar e Peter conta a Wendy que costumava vir à janela para ouvir histórias e tenta convencê-la a ir com ele à Terra do Nunca para a menina contar histórias aos meninos perdidos e ser a mãezinha de todos lá. Wendy reluta, dizendo que não pode, que tem a mãe e que não sabe voar. Mas Peter diz que a ensina e que ensina também João e Miguel a voar. Wendy acorda-os.]
 — É verdade, Peter Pan, que você sabe mesmo voar?
 Em vez de perder tempo com uma resposta, Peter começou a revoar pelo quarto.
 — Que legal! — exclamaram João e Miguel.
 — Que beleza! — exclamou Wendy.
 — É uma beleza, uma beleza! — concordou Peter Pan.
 Parecia fácil voar. Os garotos tentaram fazer o mesmo, primeiro do chão, depois das camas. Mas foram para baixo e não para cima.
 — Como é que é, Peter Pan? — perguntou João esfregando o joelho.
 — Simples: primeiro você pensa tudo o que há de melhor para pensar; são esses pensamentos que fazem a gente voar.
 — Você está voando depressa demais; não quer voar um pouco mais devagar, Peter?
 Daí a pouco, João gritava:
 — Já sei, Wendy! — mas viu logo que não sabia.
 Ninguém sabia voar um palmo. Estaria Peter zombando deles? Acho que sim. Pois só voaram depois que Peter soprou um pouco de pó das asas de Sininho sobre eles.
 — Agora é só ajeitar os ombros, assim, e vamos partir.
 Miguel foi o primeiro a ficar como um passarinho no ar do quarto.
 — Estou voando! Estou voando!
 João e Wendy decolaram em seguida.
 — Olhe eu!
 — Olhe eu!
 Não voavam tão bem quanto Peter, mas voavam. E era uma delícia. Quando Peter quis ajudar Wendy, dando-lhe a mão, Sininho não gostou e os dois tiveram de desistir. E todos subiram, desceram, deram voltas e mais voltas.
 — Vamos logo lá pra fora! — gritou João.
 Miguel estava disposto, mas Wendy ficou na dúvida.
 — Sereias! — gritou Peter Pan.
 — Ai! — exclamou Wendy.
 — E piratas! — falou de novo Peter.
 — Piratas! — berrou João, agarrando seu chapeuzinho de domingo. — Ora, vamos logo!
 O Sr. e a Sra. Darling estavam exatamente cruzando a rua, de olhos fixos na janela do quarto das crianças, quando viram três figurinhas através da cortina, três figurinhas voando em roupas de dormir.
 — Três não! Quatro!
 Trêmulos abriram a porta da rua. Correram para a escada.



Walt Disney/ Courtesy Everett Collection/LainStock

(James Barrie. *Peter Pan*. Tradução e adaptação de Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações. © Joan A. Mendes Campos.)

3.6- O capítulo quatro

Essa coleção tem como ponto forte as atividades de leitura e esse capítulo derradeiro é atípico, pois visa levar os alunos a terem uma vivência lúdica dos conteúdos aprendidos, cujo objetivo principal é desenvolver a leitura. Denominado “Intervalo” é a parte, peculiar, pois leva ao conhecimento do discente que ele participará de um projeto contendo atividades de aprofundamento relacionadas ao gênero textual apresentado.

O GLD (2014, p. 87) informa que as atividades dessa obra “colaboram para a formação do leitor”, pois explora diferentes habilidades cognitivas envolvidas no processo de leitura, contudo notei que a preocupação maior dos autores, não só dessa coleção, mas dos LD de um modo geral, é com a capacidade leitora sem contemplar a formação do leitor literário. E percebi também que as obras privilegiam as seções das produções textuais atrelando-as aos textos abordados em detrimento de uma análise mais profunda dos textos.

Ao observar a proposta inicial, cujo subtítulo é: “Errando histórias” percebi que não está bem elaborada, porque propõe ao aluno “errar de propósito”, ação essa que foge a realidade, pois não é uma atitude própria dos seres humanos – errar por vontade própria. Portanto essa proposição induz o aluno a um falso conceito: o de que uma pessoa tem necessidade de errar para que sua imaginação seja estimulada. Por conta disso a clareza do objetivo da atividade torna-se comprometida.

Nota-se que o LD subestima tanto o professor quanto o aluno, pois ditam regras o tempo todo em seus enunciados, como pode ser comprovado no enunciado da primeira questão abaixo:

Intervalo

Em cada um dos capítulos desta unidade, você produziu histórias, individualmente e em grupo. Há, a seguir, outras sugestões de produção de texto e orientações para a montagem de um livro com as histórias inventadas por toda a turma e por você e para a realização de uma exposição de textos, cartazes e livros, intitulada *Histórias de hoje e sempre*. Vamos lá?



Projeto Histórias de hoje e sempre

Mais histórias da turma

1. Errando histórias

Vamos errar de propósito algumas histórias conhecidas para ver do que nossa imaginação é capaz? Então, mãos à obra! Em grupo, escolham um dos incícios de contos maravilhosos abaixo, deem asas à fantasia e escrevam a continuação da história.

- Era uma vez uma menina que se chamava Chapeuzinho Amarelo e morria de medo de lobo.
- No meio de uma floresta densa e escura, viviam felizes quatro porquinhos que eram músicos e cantores.
- E de uma ninhada de patos nasceu um patinho lindo, que, por sua beleza, simpatia e inteligência, era elogiado por todos os animais. Um cisne feio e invejoso...
- Na hora do baile real, a irmã mais velha de Cinderela foi à horta apanhar hortelã para mastigar e ficar com o hálito cheiroso. A fada madrinha de Cinderela, por ser míope e ter esquecido os óculos na Terra do Encanto, confundiu a irmã com a afilhada e então...

Para escrever o conto maravilhoso "errado", sigam as instruções dadas no capítulo 1 desta unidade, na página 19.



Cena do filme *O mágico de Oz*, de 1939

A sugestão de realizar-se um projeto é produtiva, é um momento oportuno para o desenvolvimento de relacionamentos, troca de informações, de experiências, de apreciação sobre o trabalho do colega ajuda mútua, etc., porém é necessário que algumas das propostas sejam melhoradas.

5.

2. História ao contrário

Vamos inverter os papéis das personagens e escrever uma **história ao contrário**?

- A Cinderela é tão má e desobediente que deixa a madrastra enlouquecida: não ajuda em casa, vai mal na escola e ainda tenta roubar os namorados das irmãs.
- Branca de Neve é feia e tem uma raiva danada da rainha por esta ser tão bela e bondosa. Não ouve seus conselhos e fez amizade com uma turma da pesada.
- A Bela Adormecida acha que dormir é a chave para ser sempre bela e jovem. Então, em qualquer cantinho e a qualquer hora, ela dorme... dorme... dorme...
- João e Maria não têm coração: abandonaram os pais, velhinhos e sem força para trabalhar, numa rua movimentada de uma grande cidade.



Com seus colegas de grupo, escolham uma dessas “inversões” ou invertam os papéis de outro conto que quiserem e escrevam um conto maravilhoso.

Para escrever o conto maravilhoso “ao contrário”, sigam as instruções dadas no capítulo 1 desta unidade, na página 19.

Como montar um livro de histórias

Para “publicar” em um livro as histórias produzidas, sigam as instruções:

1. Peguem folhas de papel almaço ou de papel sulfite coloridas em número suficiente para conter os contos produzidos pelo grupo e os produzidos individualmente pelos integrantes do grupo no decorrer desta unidade.
2. Reúnam as histórias individuais e as do grupo. Distribuam as folhas de papel almaço ou sulfite para cada integrante do grupo, de modo que cada aluno fique encarregado de passar a limpo, com muito capricho, uma ou mais histórias. Lembrem-se de colocar o título das histórias e ilustrá-las. As ilustrações podem ser produzidas com recortes de revistas, carimbos ou desenhos feitos com lápis de cor, guache e outros materiais.
3. Seguindo a orientação do professor, façam uma votação para a escolha do título do livro. Em seguida, escolham um colega caprichoso para escrever na capa, que pode ser feita com cartolina ou papel grosso colorido, o título do livro e os nomes dos autores. Ilustrem-na, se quiserem.
4. Juntem as histórias e grampeiem as folhas, envolvidas pela capa. Ou, se possível, levem a uma papelaria para a colocação de espiral.
5. Caso você e seus colegas queiram ter um exemplar do livro, mandem copiá-lo em xérox. Exponham o livro na mostra **Histórias de hoje e sempre**. Depois que toda a turma “curtir” bastante o livro, o grupo pode oferecer o original ao professor, doá-lo à biblioteca da escola ou presentear com ele uma criança ou um(a) amigo(a).

Para enriquecer a exposição

Reúnam tudo o que for possível encontrar sobre contos maravilhosos: livros novos e antigos, ilustrações, versões pouco conhecidas, sátiras, histórias em quadrinhos baseadas nesse gênero narrativo, fantoches, discos, fitas ou CDs com histórias gravadas, DVDs, cartazes de cinema, etc.

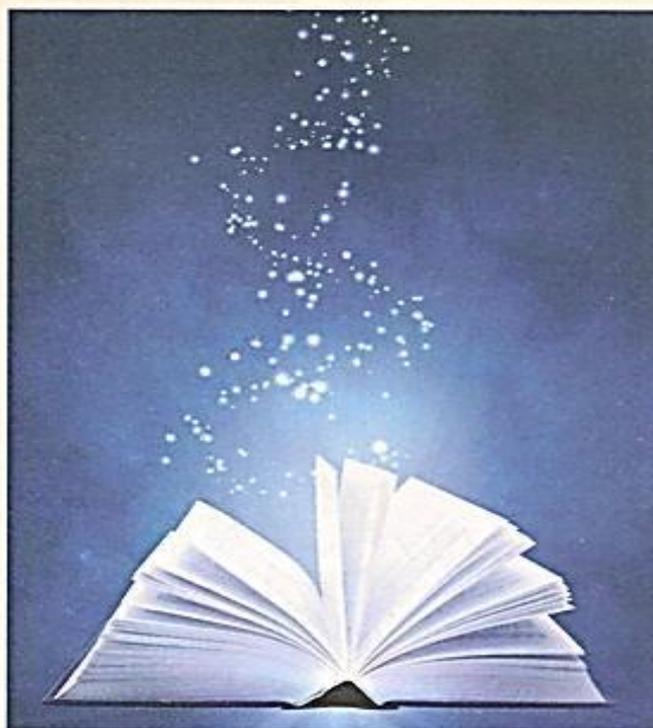
Como montar a exposição

Com a orientação do professor, escolham um local na escola ou, se possível, na biblioteca de sua cidade, para montar a exposição. Distribuem em mesas, paredes, murais ou varais o material produzido e pesquisado, de forma a facilitar sua leitura e apreciação.

Se houver possibilidade, instalem DVD e televisão num dos cantos do local e apresentem os filmes baseados em contos maravilhosos. Em outro canto, instalem um gravador ou um aparelho de som e promovam uma audição de histórias e de músicas temas de filmes.

Se quiserem, escolham algumas histórias, treinem sua leitura ou memorizem-nas para apresentá-las aos visitantes, lendo-as ou narrando-as.

Façam uma ampla divulgação da exposição, convidando professores, colegas de outras classes, pais, familiares e amigos para visitá-la. Se quiserem, façam convites e distribuam-nos para pessoas da comunidade.



Jupiter Unlimited/Imagem Plus

3.7 Os contos do quarto volume da primeira obra

Na unidade dois, há três capítulos que abordam contos: no capítulo um é considerado: “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector; no capítulo dois: “Pausa” de Moacyr Scliar e no capítulo três: “ Me responda, sargento” de Dalton Trevisan, e os minicontos: “Teste de vista” de Moacyr Godoy e “O espelho de Narciso” de Modesto Carone , “Vigília” de João Anzanello e “Fumaça” de Ronaldo Correia.

Me responda, sargento

Dez anos, sargento, apartada do João. Uma tarde, sem se despedir, montou no cavalinho pampa. Em dez anos de espera nunca deu notícia. Com a morte do meu velho, que me deixou o sítio, quinze dias atrás lá estava eu, bem quieta, cuidando da casa e da criação, ajudada pelo meu afilhado José, esse anjo de oito aninhos. Quem vi entrando sem bater palma nem pedir licença? Maltrapilho, chapéu na mão para fazer vida comigo. Mais de espanto que saudade aceitei, bom ou mau, eu disse, é o meu João.

Nos primeiros dias foi bonzinho. Quem não gosta de uma cabeça de homem no travesseiro? Logo começou a beber, não me valia em nada no sítio. Eu saía bem cedo com o menino a lidar na roça, o bichão ficava dormindo. Bocejando de chinelo e desfrutando as regalias. Não quer castigar o corpinho, um punhado de milho não joga para as galinhas. Só então, sargento, burra de mim, descobri o mistério. Ele voltou por amor da herança. Na primeira semana vendeu o leitão mais gordo do chiqueiro, não me deu satisfação. O sargento viu algum dinheiro? Nem eu.

Ontem chegou bêbado e de óculo escuro. Espantou o menino para o terreiro e, fechados no quarto, bradou que eu tinha um amante, o meu afilhado bem que era filho. Antes de contar até três, eu dissesse o nome do pai. Mais que, de joelho e mão posta, negasse o outro homem, por mim o testemunho dos vizinhos, ele me cobriu de praga, murro, pontapé. Pegou da espingarda, me bateu com a coronha na cabeça. Obrigou a rezar na hora da morte e pedir louvado. Que eu abrisse a boca, enfiou o cano, fez que ia rezar na hora da morte e pedir louvado. Que eu abrisse a boca, enfiou o cano, fez que apertava o gatilho. Não satisfeito, sacou da garrucha, apagou o lampião a bala. Dois tiros na minha direção, só não acertou porque me desviei. Uma bala se enterrou na porta, a outra furou a cortina, em três pedaços a cabeça de São Jorge.

Cansado de reinar, deitou-se vestido e de bota. Que a escrava servisse a janta na cama. Provou uma garfada e atirou o prato, manchando de feijão toda a parede: Quero outra, esta não prestou. Deus me acudiu, ao voltar com a bandeja ele roncava, espumando pelo dente de ouro. Agarrei meu filho, chorando e rezando corri a noite inteira. Ficasse lá no sítio era dona morta. E agora, sargento, que vai ser da minha vida? Que é que eu faço?

(Dalton Trevisan. *Vozes do retrato*. São Paulo: Ática, 1991. p. 47.)



Ilustrações: Marcos Guilherme

Vigília

Pronto nos olhos,
o pranto só espera a notícia.

(João Anzanello Carrascoza. In: Marcelino Freire, org. *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 38.)



Teste de vista

Ler? Não, senhor.
São óculos para descanso.

(Moacyr Godoy Moreira. In: Marcelino Freire, org., op. cit., p. 70.)



A coleção inicia no volume um utilizando os contos maravilhosos, narrativas clássicas, e finaliza no quarto volume apresentando versões mais modernas mostrando o quanto esse tipo de narrativa sofreu mudanças tornando-se mais concentrada. Bem diferente dos antigos contos.

3.8 - Abrindo as páginas da segunda obra

A segunda coleção que vamos considerar é a Jornadas.port. Língua Portuguesa, de Dileta Delmanto e Laiz, B. de Carvalho. Especialmente o volume do 6º ano.

A coleção possui duas versões: a do professor, composta por uma versão idêntica a do aluno, e a do aluno, porém com respostas das atividades lidas e comentadas. Ao final do manual ainda encontra-se um encarte organizado contendo três grandes seções que visam orientar o mestre de forma geral, específica do volume e as referências bibliográficas utilizadas.

Quanto à estrutura, cada volume dessa publicação é organizado em oito unidades, baseada em gêneros textuais e, ou temas. No final da primeira unidade o aluno é apresentado ao projeto do ano. De duas em duas unidades surge uma seção intitulada de “Conhecimento Interligado”, onde a Língua pátria é operada conectando-a as demais disciplinas da área de linguagens, códigos e suas tecnologias. Um ou dois gêneros são abordados em cada unidade que é composta de seções, subseções e boxes.

SUMÁRIO

1 REGISTRANDO O COTIDIANO

LEITURA 1 – Diário íntimo ficcional (*Diário de um banana*, Jeff Kinney), 14

Exploração do texto, 16

- Nas linhas do texto, 16
- Nas entrelinhas do texto, 16
- Além das linhas do texto, 17
- Como o texto se organiza, 17
- Recursos linguísticos, 18

Depois da leitura – Diário íntimo não ficcional, 21

Do texto para o cotidiano (temas: *bullying*, solidariedade), 23

Produção escrita, 24

Diário íntimo, 24

Reflexão sobre a língua, 27

- Língua e linguagem, 27
- Atividades, 30
- Fique atento... à ortografia, 33

LEITURA 2 – Blogue pessoal (*Improficuo e blogue Daniel Uemura*), 34

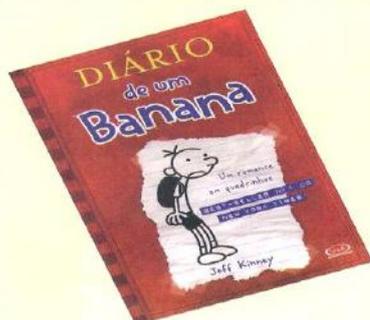
Exploração do texto, 36

Reflexão sobre a língua, 38

- Língua escrita e língua falada, 38
- Atividades, 41

Ativando habilidades, 42

PROJETO DO ANO (apresentação) – Almanaque, 44



© 1987 Universal Press Syndicate

2 DE PALAVRAS E IMAGENS FAZ-SE A HISTÓRIA...

LEITURA 1 – História em quadrinhos (*Calvin e Haroldo*, Bill Watterson), 48

Exploração do texto, 49

- Nas linhas do texto, 49
- Nas entrelinhas do texto, 49
- Além das linhas do texto, 50
- Como o texto se organiza, 50
- Recursos linguísticos, 52

Depois da leitura – A intenção do autor dos quadrinhos, 54

Produção oral, 56

Exposição oral com apoio escrito, 56

Reflexão sobre a língua, 58

- Frase: conceito e classificação, 58
- Atividades, 61
- Fique atento... à pontuação da frase, 63

LEITURA 2 – História em quadrinhos (*Juca e Chico – Sexta travessura*, Wilhelm Busch), 64

Exploração do texto, 66

Do texto para o cotidiano (tema: a importância da leitura de gibis), 68

Produção escrita, 69

História em quadrinhos, 69

Reflexão sobre a língua, 72

- Os sons da língua (fonema e letra, vogais e consoantes, dígrafo e encontro consonantal), 72
- Atividades, 75

Ativando habilidades, 76

Conhecimento interligado, 78



3 COM A PALAVRA, O LEITOR

LEITURA 1 – Carta do leitor, 82

- Exploração do texto, 84
 - Nas linhas do texto, 84
 - Nas entrelinhas do texto, 85
 - Além das linhas do texto, 86
 - Como o texto se organiza, 87
 - Recursos linguísticos, 88
- Depois da leitura – Interpretando dados, 90
- Do texto para o cotidiano (tema: lixo), 91
- Reflexão sobre a língua, 92
 - Substantivo (conceito e classificação), 92
 - Atividades, 96

LEITURA 2 – Carta de resposta ao leitor, 98

- Exploração do texto, 100
- Produção escrita, 102
 - Carta do leitor, 102
- Reflexão sobre a língua, 104
 - Substantivo (flexão de número e grau, formação do feminino), 104
 - Atividades, 112
 - Fique atento... à pontuação, 115
 - Ativando habilidades, 117



4 CONTOS CONTADOS

LEITURA 1 – Conto popular (*O Compadre da Morte, Luís da Câmara Cascudo*), 120

- Exploração do texto, 122
 - Nas linhas do texto, 122
 - Nas entrelinhas do texto, 122
 - Além das linhas do texto, 123
 - Como o texto se organiza, 124
 - Recursos linguísticos, 126
- Depois da leitura – Um tema, dois gêneros, 128
- Atividade de escuta, 129
- Reflexão sobre a língua, 130
 - Adjetivo (conceito e classificação), 130
 - Atividades, 134

LEITURA 2 – Conto popular (*Ananse vira o dono das histórias, Adwoa Badoe e Baba Wagué Diakité*), 136

- Exploração do texto, 138
- Do texto para o cotidiano (tema: comportamento de esperteza), 139
- Produção oral, 140
 - Conto popular, 140
- Reflexão sobre a língua, 142
 - Adjetivo (locução adjetiva, adjetivo pátrio, grau do adjetivo), 142
 - Atividades, 148
 - Fique atento... à posição do adjetivo, 151
 - Ativando habilidades, 152
 - Conhecimento interligado, 154



5 MORAL DA HISTÓRIA

LEITURA 1 – Fábula (O lobo e o cordeiro, La Fontaine), 158

- Exploração do texto, 159
 - Nas linhas do texto, 159
 - Nas entrelinhas do texto, 159
 - Além das linhas do texto, 159
 - Como o texto se organiza, 160
 - Recursos linguísticos, 162
- Depois da leitura – Intertextualidade, 164
- Do texto para o cotidiano (tema: generalização), 165
- Produção escrita, 166
 - Final diferente para uma fábula, 166
- Reflexão sobre a língua, 167
 - Artigo, 167
 - Atividades, 169

LEITURA 2 – Fábula (A Rã e o Boi, Millôr Fernandes), 172

- Exploração do texto, 173
 - Fique atento... à organização do diálogo, 175
- Produção escrita, 177
 - Fábula, 177
- Reflexão sobre a língua, 180
 - Numeral (conceito, algarismo × numeral, artigo × numeral), 180
 - Fique atento... à escrita dos numerais, 184
 - Atividades, 186
 - Ativando habilidades, 188

6 TRILHANDO CAMINHOS

LEITURA 1 – Relato de viagem (Na região de Ormuz, Carlos Heitor Cony e Lenira Alcure), 192

- Exploração do texto, 194
 - Nas linhas do texto, 194
 - Nas entrelinhas do texto, 194
 - Além das linhas do texto, 196
 - Como o texto se organiza, 196
 - Recursos linguísticos, 197
- Depois da leitura – Relato de viagem virtual, 199
- Atividade de escuta, 200
- Produção oral, 201
 - Relato de viagem, 201
- Reflexão sobre a língua, 202
 - Pronome (conceito, pronomes pessoais, pronomes de tratamento), 202
 - Atividades, 209
 - Fique atento... ao uso dos pronomes oblíquos, 212

LEITURA 2 – Relato de viagem (Férias na Antártica, Laura, Tamara e Marininha Klink), 214

- Exploração do texto, 217
- Do texto para o cotidiano (tema: hábitos alimentares), 218
- Produção escrita, 220
 - Relato de viagem, 220
- Reflexão sobre a língua, 222
 - Pronome (pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes indefinidos, pronomes interrogativos), 222
 - Atividades, 229
 - Ativando habilidades, 232
 - Conhecimento interligado, 234





7 PERALTIQUES COM PALAVRAS

LEITURA 1 – Poema (*O trem*, Roseana Murray), 238

Exploração do texto, 239

- Nas linhas do texto, 239
- Nas entrelinhas do texto, 239
- Além das linhas do texto, 240
- Como o texto se organiza, 241
- Recursos linguísticos, 244

Depois da leitura – A intenção de quem escreve, 248

Do texto para o cotidiano (tema: poema na propaganda), 250

Reflexão sobre a língua, 251

- Verbo (conceito, flexão de pessoa, número e tempo), 251
- Atividades, 258

LEITURA 2 – Poema visual (*Trem*, Leon Eliachar), 262

Exploração do texto, 263

Produção escrita, 265

Poema, 265

Reflexão sobre a língua, 267

- Verbo (flexão de modo, formas nominais), 267
- Atividades, 270
- Fique atento... à grafia dos verbos terminados em *-ão* e *-am*, 271

Ativando habilidades, 273

8 DEFININDO O MUNDO QUE NOS CERCA

LEITURA 1 – Verbetes de enciclopédia (*Lobo-guará*, Sávio Freire Bruno), 278

Exploração do texto, 280

- Nas linhas do texto, 280
- Nas entrelinhas do texto, 281
- Além das linhas do texto, 282
- Como o texto se organiza, 283
- Recursos linguísticos, 285

Depois da leitura – Verbetes de enciclopédia digital, 287

Do texto para o cotidiano (tema: animais em extinção), 289

Produção escrita, 290

Verbetes de dicionário, 290

Reflexão sobre a língua, 292

- Advérbio (conceito, classificação), 292
- Atividades, 299
- Fique atento... à pontuação no emprego dos advérbios, 301

LEITURA 2 – Verbeté poético (*Verbetes poéticos*, Mário Quintana), 302

Exploração do texto, 303

Produção escrita, 305

Verbetes de enciclopédia, 305

Reflexão sobre a língua, 307

- O advérbio na frase: efeitos de sentido, 307
- Atividades, 308

Ativando habilidades, 310

Conhecimento interligado, 312

PROJETO DO ANO (elaboração) – Almanaque, 314

Bibliografia, 316

Créditos, 318



As unidades são abertas utilizando-se textos imagéticos e convidando o discente a interpretá-los. São feitos alguns questionamentos referentes à imagem na página ao lado, nessa seção denominada de “Provocando o Olhar”, cujos objetivos são estimular o leitor a proceder à leitura dos textos, ativar os conhecimentos prévios dos alunos, alargar a visão de mundo deles, aumentar seu cabedal cultural, etc.

UNIDADE

1

Um conflito, uma história

Gênero: conto.
Esfera de circulação: literária.
Reflexão sobre a língua: processo de formação de palavras: composição, onomatopéia, abreviação vocabular, neologismo, estrangeirismo (ou empréstimo).
Temas transversais: ética e saúde.
Temas associados: convivência com o diferente, preconceito, poder e opressão, sentimento amoroso, ambição.

PROVOCANDO O OLHAR

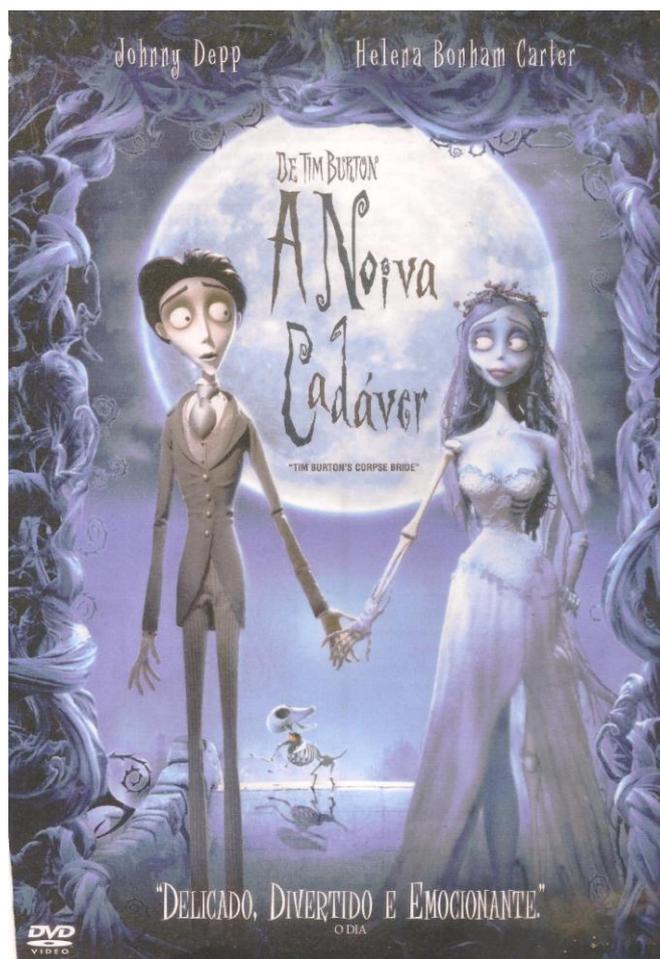
Pessoas caminham ao lado de uma representação de guerreiros e cavalos em forma de bonecos articulados que parecem estar em um buraco no asfalto.

1. Observe e descreva a imagem ao lado.
2. A figura criada no asfalto é obra de um grupo de artistas holandeses liderados por Leon Keer. Ela reproduz os famosos Guerreiros de Xian, figuras de terracota encontradas em escavações na China. Trata-se de cerca de 8 mil peças, entre cavalos e guerreiros, em tamanho natural, organizadas em formação militar. Enterradas junto ao mausoléu do primeiro imperador chinês, por volta de 200 a.C., foram descobertas em 1974. O Exército de Terracota é uma obra grandiosa. E quanto à imagem no asfalto? Para você, o que há nela de inusitado ou de interessante?
3. Na foto que está no topo da página ao lado, você vê os “bastidores da criação” da obra, ou seja, a forma como foi reproduzida. O que se percebe? Como se explica o “buraco” no chão?
4. Você já foi, na vida real, enganado por uma pessoa ou acontecimento qualquer, que lhe pareceu ser uma coisa e era outra completamente diferente? Conte aos colegas.
Resposta pessoal.

Você vai aprender nesta unidade

- características do gênero conto
- tipos de narrador
- formação de palavras pelo processo de composição e outros processos
- usos do hífen





As unidades da primeira coletânea são iniciadas com uma poesia, fato que julgamos mais produtivo para a formação de leitores de textos literários, comparando-se aos textos imagéticos dessa coleção.

Apesar de no sumário não constar a denominação “capítulos”, as unidades subdividem-se em dois capítulos que são nomeados de “Leitura 1” e “Leitura 2”, nos quais estão inclusos os dois textos basilares para o ensino da leitura. Cada um desses capítulos é subdividido em seções denominadas de “Exploração do texto”, “Produção escrita” ou “Produção oral” e “Reflexão sobre a língua”. Cada uma dessas seções dá conta de um dos eixos de ensino, respectivamente: os eixos de leitura, o da produção textual e escrita ou oral e dos conhecimentos linguísticos.

Os textos pertencem a temas variados de acordo com a faixa etária, e dos assuntos e despertam o interesse dos aprendizes. São autênticos e prima-se para que o tema de cada unidade seja mantido até o final dela, ou seja, encontra-se interligados entre si o que promove maior facilidade de compreensão, por parte do aluno, que nem

sempre demonstra com clareza, estar consciente, do fio condutor que interliga os textos, mas os professores percebem como esse detalhe facilita na compreensão dos textos para os discentes, pois lhe oferece conforto. Caso houvesse ruptura do tema o esforço para concentrar-se em outro tema, somado ao esforço de alinhar-se a outro tipo de texto, acaba por desestimular o aluno.

A coletânea de textos acompanhadas das atividades de leitura “que exploram diferentes estratégias cognitivas”, juntamente com o “trabalho consistente com a produção escrita” são os pontos fortes dessa coleção, segundo o GLD, logo podemos, nos assegurar de que esses textos auxiliam na formação de leitores literários: “estimulam a fruição estética e a apreciação crítica da produção literária e aproximam o aluno do padrão linguístico do texto literário.” (GLD, 2014 p. 66)

Os textos são representantes dos variados contextos sociais tais quais: imprensa, internet, literatura, vida cotidiana, etc. Também considera a diversidade do contexto cultural; tipo de organização textual, tema, a nacionalidade do autor (predominam os brasileiros), etc.

A coleção não prejulga palavras que possam ser desconhecidas pelo aluno, antes espera que os alunos deduzam o sentido das palavras pelo contexto, ou que caso não consigam, consultem um dicionário. No manual do professor, porém são exibidas algumas palavras que por ventura venham causar alguma dificuldade para o aluno. Da mesma forma que já aponteí acima, é sempre mais produtivo quando estimular os discentes a se manifestarem quanto ao fato de desconhecerem alguma (s) palavra(s). Quando esse momento é bem conduzido pelo professor, ou seja, quando ele estimula seus alunos a relatarem quais são suas reais dúvidas, é a hora profícua em que o vocabulário deles aumenta.

Entre os autores cujos textos são abordados estão: Drummond, Fernando Sabino, Patativa do Assaré, Câmara Cascudo, Vinícius de Moraes e mais alguns outros, conforme já dissemos acima, a maioria deles são brasileiros.

A seção “Exploração do texto” parte da perspectiva de que a leitura é um processo em que leitor e autor interagem, ou seja, o texto não é concebido como algo hermético, e que já está pronto para “ser consumido”; essa concepção colabora para a formação do leitor de textos literários. As subseções são organizadas contendo cinco ou seis questões, e não com mais de dez perguntas, como era e ainda é hábito em algumas

publicações. As páginas onde se apresentam as subseções são compostas de boxes e ilustrações bem como de espaços vazios, para descanso visual, portanto atraente, tornando o trabalho com o texto mais produtivo.

O tópico subdivide-se em três subseções interligadas intituladas de: “Nas linhas do texto”, cujo objetivo é levar o aluno a localizar e comparar informações que se encontram claras no texto. Atividades em que se solicite comparação entre textos, são pouco frequentes, o que é lamentável, pois com a diversidade de textos que essa coleção possui, esse quesito poderia ser mais bem explorado, e cooperaria no desenvolvimento da formação do leitor literário, pois levaria os alunos a apreciarem, com mais apuro, os textos antes de compará-los.

A subseção “Nas entrelinhas do texto” trabalha as questões relacionadas à dedução, compreensão global, levantamento de hipóteses, estabelecimento de causa e consequência e identificação do tema, porém deixa a desejar por não propor questões que abordem coesão e coerência.

A última subseção é a “Além das linhas do texto” que tem por meta desenvolver no aluno posicionamento crítico, apreciação de ordem estética, ética, política e ideológica com base na leitura. Esta parte colabora com a formação do leitor literário porque leva o aluno a apreciação de um texto por diversos ângulos, ampliando-lhe a visão, conduzindo-o para além do texto.

Ainda atreladas à seção “Exploração do texto” encontram-se mais duas subseções, intituladas de “Como o texto se organiza”, que tem como objetivo o estudo tanto da organização do texto, quanto o da função social do gênero a que pertence o texto lido. E a outra subseção a de “Recursos linguísticos”, cuja meta é desenvolver no aluno a habilidade de reconhecer efeitos de sentido criados no texto pelos diferentes usos linguísticos.

Passemos a análise de mais uma seção que recebe o nome de “Depois da língua”, com vistas a desenvolver vários objetivos dentre eles questões ligadas à intertextualidade, que, basicamente só ocorre em nível temático e raras são as questões que promovem a comparação entre textos, conforme já apontamos acima.

“Do texto para o cotidiano”, visa levar o aluno a interagir com seus pares, refletir acerca de questões ligadas ao cotidiano deles, como por exemplo, gravidez na adolescência.

A seção “Atividade de escuta” tem como objetivo desenvolver a oralidade dos alunos, as atividades buscam levá-los não só a aprender a ouvir, como também a se expressar oralmente.

A seção de “Produção oral e/ou escrita” apresenta-se com uma roupagem um pouco diferente daquelas com as quais nos acostumados a encontrar. Já pelo título percebemos que a produção não se destina apenas à escrita, mas também a produção oral. A coleção preocupa-se em desenvolver os alunos para que aprendam a exporem-se oralmente, pois no dia a dia várias ocasiões surgem em que esse saber é solicitado, como, por exemplo, ao recontar algo que viu ou viveu, apesar de que é o desenvolvida maior número de atividades escritas que orais nos quatro volumes.

Observei também que nas atividades orais não são oferecidas oportunidades de retextualização, tornando o relacionamento entre as atividades escritas e orais fragilizado.

Esta seção se subdivide em três subseções, a saber: “Antes de começar” onde se encontram orientações, anterior ao início da produção oral e/ou escrita. Também as subseções das atividades anteriores “Recursos linguísticos” e “Depois da língua”, localizadas na seção “Exploração do texto”, contribuem para que a produção seja concluída com êxito, quer seja ela oral ou escrita.

As outras duas subseções são: “Planejando a atividade”, onde ainda continuam sendo ministradas orientações a fim de que o texto seja produzido com maior assertividade possível. E a derradeira subseção é destinada a “Avaliação”, conforme o nome mesmo já anuncia. Nessa parte o aluno é orientado a avaliar: ou seu próprio texto, ou o do colega, ou atividades de avaliação em grupo, enfim são propostas de correção, as quais julguei como produtivas tanto para o professor quanto para o aluno. Primeiro porque descentraliza as correções dos textos realizadas, tradicionalmente pelo professor, e segundo porque instrumentaliza o aluno fornecendo-lhes as ferramentas que desenvolverão suas habilidades de apreciação e julgamento ou análise de um texto. Formação que auxilia para a formação do leitor de textos literários, já que terá contato com produções literárias de seus próprios colegas. Segundo, o Guia (p.67),”Na maior parte das atividades dos quatro volumes a produção escrita se destina à publicação no “Projeto do ano”.”

As seções se repetem em torno de cada uma das leituras, porém notei que entre os textos o de número um é considerado como principal. Após as duas leituras e devidas seções cheguei, a seção final do capítulo que se dedica a preparar os alunos para avaliações externas do tipo: o Pisa, o Saeb, a Prova Brasil, etc. O foco dessa seção é oportunizar “que o aluno desenvolva as diferentes habilidades que a competência leitora exige, como diz o Manual do professor (p. 23).

Em cada volume sugere-se um projeto anual, cujo objetivo é criar situações concretas em que os textos dos alunos serão lidos e apreciados, como por exemplo, numa exposição.

Ao final das unidades pares encontramos ainda uma seção denominada “Conhecimento interligado”, que busca alargar a discussão acerca do tema da unidade, levando os discentes a perceberem as outras linguagens ainda, além da verbal que o ser humano utiliza para se comunicar, como a dança, os esportes e as expressões artísticas, etc..

Assim finalizo as observações concernentes à visão geral que obtive ao analisar essa coleção como um todo.

Passo agora a considerar especificamente os contos da coleção.

3.9 – Os contos no primeiro volume da segunda obra

Deter-me-ei, especificamente, na unidade quatro, intitulada de “Contos Contados”, que trata do conto popular. A unidade inicia-se com exercícios de pré-leitura, utilizando questões que antecedem o texto a ser lido. Os questionamentos relacionam-se a um texto imagético – o cartaz do filme a Noiva Cadáver,¹⁰ filme exibido em 2005. É apresentado um resumo do enredo da película, seguido de duas perguntas cujas respostas são pessoais. Essas etapas visam preparar os alunos cognitivamente

¹⁰Corpse Bride (A Noiva-Cadáveré um filme de animação em stop motion de 2005, produzido por Tim Burton e co-dirigido pelo mesmo em companhia de Mike Johnson. Estreou em Portugal no dia 22 de dezembro). A história é baseada num conto russo-judaico do século XIX e é ambientada numa fictícia Inglaterra da era vitoriana. Filmado em Londres, possui as vozes de Johnny Depp como Victor Van Dort e de Helena Bonham Carter como a Noiva Cadáver. O filme foi indicado na categoria de Melhor Animação na 78ª Cerimônia do Oscar.

e afetivamente para a leitura. Questões formuladas prevendo respostas pessoais são produtivas, pois visa à interação entre o leitor e o autor via texto.

Antes de a primeira leitura ser apresentada, são fornecidas ao professor orientações profícuas que o auxiliarão a abordar o conto, e ainda uma pequena seção intitulada “antes de ler” que almeja estimular os educandos para a leitura do texto “ O Compadre da Morte”. A versão do conto é original, retirado do livro de Luís da Câmara Cascudo, Contos tradicionais do Brasil para jovens.

LEITURA I

Professor: Encaminhe a discussão em direção a algumas especificidades do gênero conto popular: narrativa curta, de estrutura simplificada, com poucos episódios, com ou sem diálogos, de desfecho rápido.

antes de ler

Professor: Certifique-se de que os alunos sabem que, na tradição brasileira, o padrinho ou a madrinha de batismo de uma pessoa torna-se compadre ou comadre dos pais dessa pessoa. Este conto pertence ao "Ciclo da Morte", classificação de Câmara Cascudo para os contos em que a Morte sempre vence, de nada valendo as tentativas astuciosas ou as artimanhas do ser humano para enganá-la. Leia expressivamente o conto, criando um clima de mistério, com ênfase às falas da Morte. Para mais informações sobre a classificação de contos populares, veja o Manual do Professor.

1. Que histórias você conhece não por ter lido, mas por ter ouvido alguém contar? Essas histórias eram longas, curtas, fáceis ou difíceis de entender? Resposta pessoal.

2. Você já ouviu alguma história em que a morte seja uma das personagens? Se sim, lembra-se do nome da história e do que acontecia? Quem a contou a você? Resposta pessoal.

Habilidades em foco: levantar hipóteses sobre um texto com base em seu título.

Leia o título da história a seguir. Você sabe o que significa ser compadre de alguém? Pode imaginar o que é ser "compadre da Morte"? O que você acha que vai acontecer nesta história? Que tipo de narrativa você espera ler: engraçada, de terror, triste, romântica? Seu professor vai ler o texto. Ouça com atenção.

O Compadre da Morte

Diz que era uma vez um homem que tinha tantos filhos que não achava mais quem fosse seu compadre. Nasceu mais um filhinho, saiu para procurar quem o apadrinhasse e, depois de muito andar, encontrou a Morte, a quem convidou. A Morte aceitou e foi a madrinha da criança. Quando acabou o batizado voltaram para casa e a madrinha disse ao compadre:

— Compadre! Quero fazer um presente ao meu afilhado e penso que é melhor enriquecer o pai. Você vai ser médico de hoje em diante e nunca errará no que disser. Quando for visitar um doente me verá sempre. Se eu estiver na cabeceira do enfermo, receite até água pura que ele ficará bom. Se eu estiver nos pés, não faça nada porque é um caso perdido.

O homem assim fez. Botou aviso que era médico e ficou rico do dia para a noite porque não errava. Olhava o doente e ia logo dizendo:

— Este escapa!

Ou então:

— Tratem do caixão dele!

Quem ele tratava, ficava bom. O homem nadava em dinheiro.

Vai um dia adoeceu o filho do rei e este mandou buscar o médico, oferecendo uma riqueza pela vida do príncipe. O homem foi e viu a Morte sentada nos pés da cama. Como não queria perder a fama, resolveu enganar a comadre, e mandou que os criados virassem a cama, os pés passaram para a cabeceira e a cabeceira para os pés. A Morte, muito contrariada, foi-se embora, resmungando.



O médico estava em casa um dia quando apareceu sua comadre e o convidou para visitá-la.

— Eu vou — disse o médico — se você jurar que voltarei!

— Prometo — disse a Morte.

Levou o homem num relâmpago até sua casa.

Tratou-o muito bem e mostrou a casa toda. O médico viu um salão cheio, cheio de velas acesas, de todos os tamanhos, uma já se apagando, outras vivas, outras esmorecendo. Perguntou o que era:

— É a vida do homem. Cada homem tem uma vela acesa. Quando a vela se apaga, o homem morre.

O médico foi perguntando pela vida dos amigos e conhecidos e vendo o estado das vidas. Até que lhe palpitou perguntar pela sua. A Morte mostrou um cotoquinho no fim.

— Virgem Maria! Essa é que é a minha? Então eu estou morre não morre!

A Morte disse:

— Está com horas de vida e por isso eu trouxe você para aqui como amigo, mas você me fez jurar que voltaria e eu vou levá-lo para você morrer em casa.

O médico quando deu acordo de si estava em casa rodeado pela família. Chamou a comadre e pediu:

— Comadre, me faça o último favor. Deixe eu rezar um Padre-Nosso. Não me leves antes. Jura?

— Juro — prometeu a Morte.

O homem começou a rezar o Padre-Nosso que estás no céu... E calou-se. Vai a Morte e diz:

— Vamos, compadre, reze o resto da oração!

— Nem pense nisso, comadre! Você jurou que me dava tempo de rezar o Padre-Nosso mas eu não expliquei quanto tempo vai durar minha reza. Vai durar anos e anos...



A Morte foi-se embora zangada pela sabedoria do compadre.

Anos e anos depois, o médico, velho e engelhado, ia passeando nas suas grandes propriedades, quando reparou que os animais tinham furado a cerca e estragado o jardim, cheio de flores. O homem, bem contrariado, disse:

— Só queria morrer para não ver uma miséria destas!...

Não fechou a boca e a Morte bateu em cima, carregando-o. A gente pode enganar a Morte duas vezes, mas na terceira é enganado por ela.

Contado por João Monteiro, em Natal, Rio Grande do Norte.

Luís da Câmara Cascudo. Contos tradicionais do Brasil para jovens. São Paulo: Global, 2006.

Após a leitura do texto segue-se a seção “Exploração do texto” acompanhada de sugestões para o docente no sentido de explorar o significado das palavras pelo contexto, e caso seja necessário, utilizar um dicionário. Essa seção divide-se em três partes, a saber: “Nas linhas do texto”, “Nas entrelinhas do texto” e “Além das linhas do texto”, as atividades apresentam propostas claras e diversificadas, adequadas a faixa etária a que se destinam.

- a) Ele queria mesmo morrer ao dizer isso? **Explique sua resposta.** Não, ele apenas queria expressar seu descontentamento com o estrago no jardim.
- b) De que outro modo ele poderia se expressar para não dar à Morte a chance de levá-lo? “Daria todo meu dinheiro para não ver esta desgraça!”, “Não acredito que estou vendo uma desgraça destas!” etc.
4. Copie em seu caderno a resposta mais adequada. Nesse conto, percebemos que a história que se conta está chegando ao fim no momento em que: **Habilidade em foco:** identificar o segmento de uma narrativa literária em que o narrador encaminha o desfecho do enredo.
- a) a Morte leva definitivamente o homem.
- b) o homem fica contrariado com o estrago do jardim.
- c) o narrador diz que anos se passaram e o homem está bem velho. **Resposta: c.**
- d) o narrador diz que não se pode enganar a Morte pela terceira vez.
5. Releia este trecho do conto. **Habilidade em foco:** distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.

[...]

Anos e anos depois, o médico, velho e enelhado, ia passeando nas suas grandes propriedades, quando reparou que os animais tinham furado a cerca e estragado o jardim, cheio de flores. O homem, bem contrariado, disse:

– Só queria morrer para não ver uma miséria destas!...

Não fechou a boca e a Morte bateu em cima, carregando-o. A gente pode enganar a Morte duas vezes, mas na terceira é enganado por ela.”



- A opinião do narrador em relação aos fatos narrados nesse trecho está em:
- a) “[...] reparou que os animais tinham furado a cerca e estragado o jardim [...]”
- b) “Só queria morrer para não ver uma miséria destas!”
- c) “Não fechou a boca e a Morte bateu em cima, carregando-o.”
- d) “A gente pode enganar a Morte duas vezes, mas na terceira é enganado por ela.” **Resposta: d.**
6. Em sua opinião, com que finalidade alguém contaria uma história como essa, sobre o relacionamento de um homem com a morte?

6. Resposta pessoal. Possibilidades de resposta: passar um ensinamento, divertir ou agradar a um grupo de pessoas. Professor: Os contos populares do “ciclo da morte”, que abordam a relação do ser humano com a morte, têm, em geral, uma finalidade moral, embora possam também servir de divertimento.

Além das linhas do texto

Habilidade em foco: estabelecer conexões entre o texto e valores éticos, crenças e vivências próprias do cotidiano.

1. Além de proporcionarem momentos de lazer, os contos revelam hábitos e costumes de uma comunidade, saberes e modos de avaliar a realidade de uma época. Professor: O conto popular é um registro de usos e costumes, conceitos, práticas, saberes e julgamentos, trazendo implícitas informações antropológicas, sociológicas e linguísticas acerca de uma comunidade ou povo.
- a) Em sua opinião, a história do Compadre da Morte encerra algum ensinamento? Explique sua resposta.
- b) Você acha importante que histórias como essa sejam registradas? Por quê? Resposta pessoal. Professor: Comente com os alunos que o registro é fundamental para que essas histórias não se percam, reforçando o fato de que os contos populares e demais manifestações

1. a) Resposta pessoal. Professor: Incentive os alunos a refletirem sobre esse assunto. A literatura popular tem, entre outras, a finalidade de colocar ao alcance de toda a comunidade os ensinamentos sociais e éticos pertencentes a um grupo. O conto lido

Propõe-se uma comparação, após essas questões, possibilitando analisar a articulação entre partes de um texto. Para tanto foram selecionados dois trechos de contos populares: um do conto brasileiro analisado e o outro de uma versão portuguesa do mesmo conto, retirada da internet. Conforme Colomer: “O confronto entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade *social e cultural*”, (COLOMER, 2007 p. 31).

Apesar de os textos não serem totalmente distintos, alunos poderiam ter recebido maior benefício para ampliar seus conhecimentos se na versão portuguesa não fosse considerado apenas um pequeno trecho da parte inicial. Ainda assim constatei que a iniciativa de comparar textos foi positiva para os alunos, pois lhes suscitou curiosidade com o modo de falar do português o que poderá ocasionar em futuras pesquisas e acréscimo de conhecimento.

2. Leia novamente o início do conto "O Compadre da Morte" e, em seguida, um trecho de uma versão da mesma história, recolhida no Alentejo (região de Portugal) e intitulada "O compadre Bernardo e a comadre Morte".

Conto 1:

O Compadre da Morte

Diz que era uma vez um homem que tinha tantos filhos que não achava mais quem fosse seu compadre. Nascendo mais um filhinho, saiu para procurar quem o apadrinhasse e, depois de muito andar, encontrou a Morte, a quem convidou. A Morte aceitou e foi a madrinha da criança.

Conto 2:

O compadre Bernardo e a comadre Morte

Havia, numa aldeia que não era muito grande, um casal com tantos filhos que já tinham convidado todas as pessoas para padrinho de algum deles [...]

Mas o chefe do casal, que se chamava Bernardo, tinha uma regra: não podia ter como compadre ou comadre alguém por duas vezes...

E tiveram mais uma menina que era preciso baptizar...

Disponível em: <http://www.joraga.net/contos/pags/53_12_Tradicao_Serpa_01_compadreBernardo.htm>. Acesso em: out. 2011.



- a) Que diferenças você observa entre as duas versões?
 b) Em sua opinião, como se explicam as diferenças entre os dois textos se a história é a mesma?

Professor: Faça coletivamente esse levantamento das diferenças.

Como o texto se organiza

1. Na história que lemos, os fatos são contados na sequência em que aconteceram. **Habilidade em foco:** identificar a linha de coerência do texto, o fato que muda a situação inicial e os elementos que constroem a narrativa neste gênero.

Associe cada parte do conto a uma das frases (numeradas de I a IV).

- a) Situação inicial: a apresentação dos fatos
 b) Complicação ou conflito: o fato que muda a situação inicial
 c) Ações das personagens e suas consequências
 d) Clímax: o ponto máximo da tensão que encaminha a narrativa para o desfecho
 e) Desfecho: o final
- I. Quando o filho do rei está para morrer, o homem, para salvá-lo, engana a comadre com um truque.
 II. O homem está prestes a morrer e, para evitar a própria morte, engana novamente a comadre.
 III. O homem comete um engano.
 IV. A Morte o leva.
 V. Um homem convida a Morte para ser madrinha de seu filho e ela o torna um médico rico.

Respostas: a-V, b-I, c-III, d-III, e-IV.

2. a) Possibilidades de resposta: diferenças linguísticas: fórmula inicial; Diz que era uma vez (conto 1)/havia (conto 2); baptizar (conto 1)/baptizar (conto 2). Diferenças de conteúdo: só se menciona o compadre (conto 1)/menciona-se o casal (conto 2); as personagens não têm nome (conto 1)/a personagem tem nome: Bernardo (conto 2); trata-se de um filhinho (conto 1)/trata-se de uma menina (conto 2); o homem procura um padrinho (conto 1)/Bernardo procura um compadre ou comadre (conto 2).

2. b) Por ser o conto popular um gênero oral, em que uma história é passada de boca em boca, de geração a geração, de região para região, de país para país, alguns detalhes vão sendo transformados individualmente pelos narradores que dela se apropriam.

Em seguida é introduzida uma seção denominada "Como o texto se organiza", observei uma gradação do conteúdo, pois as questões doravante adquirem mais complexidade, conquanto as propostas continuem claras, apesar de serem acompanhadas de número significativo de informações junto com as indagações.

Mais uma seção é introduzida, "Recursos linguísticos" utilizando ainda os mesmos contos, o que é produtivo, pois os textos já foram explorados, lidar com um texto que já lhes é familiar, corrobora para o aprendizado da língua, porque concede ao

- b) Sabemos que a morte é um fato, o fim da vida; nesse conto, porém, a morte fala e tem sentimentos. Por que isso acontece?
- c) Por que é usada letra inicial maiúscula em Morte?

Personificação é o recurso que consiste em atribuir características ou qualidades humanas a seres inanimados ou inexistentes.

7. O folclorista Luís da Câmara Cascudo organizou em uma coletânea vários contos que ele ouviu em algumas regiões do país.
- a) Quem contou a ele a história “O Compadre da Morte”?
- b) Esse conto faz parte da tradição oral brasileira, assim como os provérbios, as cantigas de ninar, as cantigas de roda, as adivinhas, as parlendas e as piadas. Conhecemos o autor dos provérbios, das cantigas de roda e das adivinhas, por exemplo? Não.
- c) Como você explicaria o fato de não conhecermos o autor de “O Compadre da Morte”?
8. Apesar de narrar fatos acontecidos ao longo de muitos anos, o conto é curto. Quais dos recursos abaixo são empregados para conseguir isso?
- a) Não são dados muitos detalhes sobre os acontecimentos. X
- b) Várias personagens participam da história.
- c) As personagens têm nome e são descritas com detalhes.
- d) O leitor não é informado sobre o lugar e a época em que se passa a história. X

Professor: Comente que a simplificação da história é uma das marcas do gênero conto, justamente devido à sua natureza: limitação de tempo para contar e manter o interesse dos ouvintes.

Recursos linguísticos **Habilidade em foco:** estabelecer relações entre partes do texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade do texto.

1. O narrador menciona as mesmas personagens várias vezes no texto, retomando-as, algumas vezes, com outras palavras. Releia.

“Diz que era uma vez um homem que tinha tantos filhos que não achava mais quem fosse seu compadre. [...] depois de muito andar, encontrou a Morte, a quem convidou. A Morte aceitou e foi a madrinha da criança. Quando acabou o batizado voltaram para casa e a madrinha disse ao compadre:

— Compadre! Quero fazer um presente ao meu afilhado e penso que é melhor enriquecer o pai. [...]”



- a) A que personagens já mencionadas no primeiro parágrafo se referem as expressões **a madrinha** e **o compadre**?
A madrinha: a Morte; o compadre: o homem.
- b) E no segundo parágrafo?

NÃO DEIXE DE LER

- Contos tradicionais do Brasil para jovens, de Luís da Câmara Cascudo, editora Global

Nesta antologia para jovens, estão reunidas histórias que Câmara Cascudo ouviu de pessoas simples de várias regiões, especialmente de seu estado natal, o Rio Grande do Norte, e a Paraíba. Elas estão divididas de acordo com seus temas: contos de encantamento, religiosos, facécias, de adivinhação etc.



6. b) Por que ela é uma personagem do conto, vista como uma pessoa.

6. c) Justamente porque ela é apresentada como uma pessoa; age como pessoa, tem, portanto, um nome, como deve ter qualquer pessoa.

7. a) João Monteiro, um morador de Natal, no Rio Grande do Norte.

7. c) Professor: Ajude os alunos a observarem que o conto popular é anônimo, criado, narrado, ouvido e modificado pelo povo, transmitido de geração a geração, sem que se possa dizer quem criou a narrativa original.

1. b) Afilhado: a criança; o pai: o homem. Professor: É possível fazer a retomada também pela ausência do nome da personagem, pois o verbo na terceira pessoa indica de quem se fala (esse assunto será abordado na unidade que trata dos verbos).

discente o conforto de já ter sido trabalhado a parte dos significados, entretanto vemos mais uma vez um texto literário sendo utilizado como pretexto para propor atividades e conteúdos relacionados à linguística sem aproveitamento para a formação do leitor literário. Essa seção é encerrada com um quadro esquemático expondo quais são as características do conto popular.

Nova seção é anunciada dentro da unidade: “Depois da Leitura”; com propostas cujo objetivo é o de proporcionar uma melhor inserção do leitor no mundo contemporâneo. É auspicioso notar que o tema morte permanece, interligando os textos da unidade. Ainda nessa parte da unidade encontra-se algo peculiar- uma “Atividade de escuta”, tão necessária quanto rara. O texto que será interpretado pelo professor, encontra-se somente no manual do mestre, portanto o aluno será treinado a “apurar os ouvidos” para ouvir a história. Oxalá que mais atividades como essas povoem os LD, pois notadamente os alunos necessitam aprender a escutar a fim de que não só se desenvolvam como leitores literários, em sua fruição, como também aprendam a ouvir e interpretar textos orais.

5. Compare novamente as expressões na atividade anterior.
- No caderno, reescreva os trechos do grupo I, trocando cada expressão destacada pela expressão equivalente dada no grupo II.
 - Em qual dos grupos as frases indicam um uso mais próximo de expressões usadas no dia a dia? No grupo I.
6. As expressões do grupo I (atividade 4) identificam uma das marcas do conto popular. Qual? A oralidade. Professor: Comentar com os alunos que o conto popular é oral em sua origem, e que a versão lida, objeto do estudo nesta unidade, é um registro escrito.

Para lembrar	
Conto popular	Intenção principal → divertir o ouvinte, passar um ensinamento
	Organização <ul style="list-style-type: none"> estrutura → situação inicial, complicação, clímax, desfecho poucas personagens tempo e espaço → indeterminados
	Não tem autor conhecido Escrito na terceira pessoa
	Linguagem <ul style="list-style-type: none"> informal presença de marcas de oralidade predominam os verbos no passado

NÃO DEIXE DE LER

Contos de enganar a morte, Ricardo Azevedo, editora Ática

Com a morte não tem conversa mole que resolva: quando chega a hora, não adianta bater o pé. E o que aprendem as personagens das narrativas populares recolhidas e recontadas por Ricardo Azevedo nesse livro.



5. a) Anunciou que era médico/Até que teve a ideia de perguntar pela sua/A Morte mostrou um pequeno pedaço de vela, no fim/Então eu estou à beira da morte/A Morte apareceu na mesma hora, carregando-o.

DEPOIS DA LEITURA

Um tema, dois gêneros Habilidade em foco: Identificar referências intertextuais.

A presença da morte é constante em contos, histórias, romances. Ela já foi descrita de várias formas: como cruel, bondosa, impiedosa...

Já vimos como ela foi caracterizada no conto lido. Como será que ela é vista nas histórias em quadrinhos? Leia esta tira em que as personagens são duas cobras.



Luis Fernando Verissimo. As cobras: antologia definitiva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Antes da leitura número dois são consideradas duas seções, a primeira “Reflexão sobre a língua” e a segunda – “Atividades”. O texto selecionado é um conto popular da cultura africana, não é considerado em sua integralidade, mas trata-se de conto original, retirado da obra: Histórias de Ananse. Assim como na leitura um, antes da oferta do conto propriamente, encontra-se a seção “antes de ler”, com duas questões cujo intuito é

preparar o aluno para que ele proceda à leitura. Após essa etapa, mais uma vez temos a seção “Exploração do texto”, contudo dessa feita acompanham, as questões, informações acerca dos africanos, como por exemplo, o significado das palavras africanas que estão no conto.

LEITURA 2

Resposta pessoal. Professor: No Brasil, são mais comuns os contos populares com seres humanos ou imaginários (a morte, o diabo), mas há contos com animais, como “A onça e o coelho” e “A onça, o veado e o macaco”, encontrados na obra *Contos populares do Brasil*, de Silvio Romero.

antes de ler

1. Você já leu algum conto em que a personagem principal fosse um animal? Conte resumidamente como era a história.
2. Leia o título a seguir. Para você, que proeza teria feito Ananse para tornar-se o dono das histórias? Resposta pessoal.

Este conto popular africano, bastante conhecido na região de Gana, África Ocidental, tem como personagem principal Ananse, uma aranha que se comporta como ser humano. Será que ela se parece com o compadre da Morte? Nesta história, Ananse enfrenta três provas, propostas por um rei. Conheça a primeira delas.

Ananse vira o dono das histórias

Apenas uma coisa preocupava Ananse: como ele seria lembrado quando morresse! Seria bom poder deixar uma reputação. Seria bom poder ser lembrado entre os grandes e cantado como herói.

Mas Ananse não dispunha de bravura militar, força assombrosa e sábios provérbios. Tinha apenas sua astúcia. Ele vivia de sua astúcia.

“Seria bom”, pensou, “se todas as histórias me pertencessem.”

– “As histórias de Ananse” – ele proferiu, em voz alta, e achou que soava bem. Todos se lembrariam dele quando passassem as noites contando histórias.

Ananse não perdeu tempo vangloriando-se do título. Mas, quando o rei das florestas ouviu falar daquilo, disse a Ananse:

– Nomes grandiosos são dados àqueles que empreendem grandes façanhas. O que você fez para merecer tal honra?

– Submeta-me a uma prova, grande rei, e descobrirá que não mereço menos – respondeu Ananse, sem se deixar perturbar.

– Até hoje ninguém capturou, com vida, três coisas: *Wowá*, a família inteira de abelhas melíferas; *Aboatia*, da floresta de gnomos; e *Nanka*, a píton. Realize esse feito e as histórias serão suas.

– Estou à sua disposição, majestade – respondeu Ananse. – Embora seja pequeno, aprendi a descobrir as fraquezas dos grandes. Em três dias, terá prova de minha superioridade.

Ananse passou a noite seguinte planejando suas conquistas e, de manhã cedo, iniciou sua jornada.



Todo mundo sabe como as abelhas são ocupadas e como ficam zangadas quando as perturbamos e como aferroam quando as aborrecemos. Ananse levou isso em consideração quando se aventurou até a colmeia.

– Deve existir muitas de vocês por aqui – ele disse, como forma de saudação.

– Somos trezentas – respondeu a operária-chefe.

– O quê? – gritou Ananse. – Disse que são duzentas?

– Trezentas – repetiu a abelha.

– Oh. Ouvi dizer que eram duzentas, na semana passada – mentiu Ananse. –

Deve haver duzentas de vocês.

– Trezentas – zumbiu a operária-chefe, irritada.

– Duzentas – insistiu Ananse, em tom de desafio.

Em pouco tempo, muitas abelhas entraram na discussão e todas gritavam os números que haviam contado.

– Muito bem – bradou Ananse, calando o zumbido.

– Para resolver essa questão de uma vez por todas, por que não me deixam contá-las?

A sugestão pareceu justa aos interessados. Ananse mostrou às abelhas uma garrafa e disse:

– Basta que voem, uma de cada vez, para dentro da garrafa, que eu as contarei.

A primeira foi a operária-chefe e, uma de cada vez, todas entraram na garrafa, até mesmo a rainha.

– Quantas somos? – indagaram as abelhas.

– Trezentas – respondeu Ananse, selando a boca da garrafa.

– Eu falei – disse a operária-chefe.

– Sim, mas agora capturei todas vocês! – disse Ananse. Embora zulissem com toda sua força, ela as carregou até sua casa.

[...]

O monarca ficou impressionado. Ele reconheceu a grandeza de Ananse e o consagrou como dono das histórias.

Até hoje, em todo lugar onde se contam histórias, o nome de Ananse é mencionado como o senhor das melhores narrativas.



Adwoa Badoe e Baba Wagué Diakitê. Histórias de Ananse. São Paulo: SM, 2006.

O conto popular tem como intenção principal divertir o ouvinte e passar um ensinamento. Na seção denominada “Do texto para o cotidiano” o alvo é passar um ensinamento do ponto de vista ético, visando mudanças de atitudes por parte dos alunos.

Todo mundo sabe como as abelhas são ocupadas e como ficam zangadas quando as perturbamos e como aferroam quando as aborrecemos. Ananse levou isso em consideração quando se aventurou até a colmeia.

– Deve existir muitas de vocês por aqui – ele disse, como forma de saudação.

– Somos trezentas – respondeu a operária-chefe.

– O quê? – gritou Ananse. – Disse que são duzentas?

– Trezentas – repetiu a abelha.

– Oh. Ouvi dizer que eram duzentas, na semana passada – mentiu Ananse. –

Deve haver duzentas de vocês.

– Trezentas – zumbiu a operária-chefe, irritada.

– Duzentas – insistiu Ananse, em tom de desafio.

Em pouco tempo, muitas abelhas entraram na discussão e todas gritavam os números que haviam contado.

– Muito bem – bradou Ananse, calando o zumbido.

– Para resolver essa questão de uma vez por todas, por que não me deixam contá-las?

A sugestão pareceu justa aos interessados. Ananse mostrou às abelhas uma garrafa e disse:

– Basta que voem, uma de cada vez, para dentro da garrafa, que eu as contarei.

A primeira foi a operária-chefe e, uma de cada vez, todas entraram na garrafa, até mesmo a rainha.

– Quantas somos? – indagaram as abelhas.

– Trezentas – respondeu Ananse, selando a boca da garrafa.

– Eu falei – disse a operária-chefe.

– Sim, mas agora capturei todas vocês! – disse Ananse. Embora zulissem com toda sua força, ela as carregou até sua casa.

[...]

O monarca ficou impressionado. Ele reconheceu a grandeza de Ananse e o consagrou como dono das histórias.

Até hoje, em todo lugar onde se contam histórias, o nome de Ananse é mencionado como o senhor das melhores narrativas.



A produção oral ainda é pouco praticada se comparada com a produção escrita, atividade clássica e ainda a mais utilizada. Em cada volume da coleção há cerca de três propostas de produção oral envolvendo, no conjunto, os gêneros exposição/apresentação, resumo, comentário, relato de viagem, debate, mesa-redonda, cena de peça teatral, dramatização, e reconto de conto popular. No volume sobre o qual me debrucei, o de número seis, nessa unidade quatro da qual estou tratando encontra-se essa atividade de pesquisa e reconto de um conto popular. A proposta da produção oral é realizada tendo sempre em vista que o destinatário é geralmente indicado como o colega de classe. A produção é pormenorizada atentando para três subseções distintas: “Antes de começar”, “Planejando a apresentação” e “Avaliação e reescrita”. Portanto o aluno não enfrentará dificuldades maiores para realizar a produção, porque é bem orientado com instruções claras.

As propostas de produção escrita estão geralmente articuladas com as de leitura, de modo que, na condução do gênero textual, o texto de leitura pode ser tomado como uma referência, ou como exemplo, para a produção textual.

A coleção propõe um projeto, ao final da primeira e última unidade onde são apresentadas seções nomeadas de “Projeto do Ano” com a proposta de reunir as produções dos alunos realizadas durante o período. Essa pesquisa solicitada na seção “Produção oral” acompanhada do reconto deverão compor esse Projeto anual. Não é tão somente recontar um conto oralmente, porém há que se registrar de alguma forma, quer através de anotação manuscrita, cópia fotocopiada ou mesmo, gravada a história, para que se tenha um apoio escrito. Mais uma vez, faz-se notório o zelo que a coleção devota ao aluno ao orientá-lo de forma clara e detalhada como deverá proceder para ser bem sucedido. Vejo nessas orientações, precisas e adequadas, tentativas da coleção de tornar o aluno mais autônomo na resolução das atividades, sem que o professor tenha que intermediar a todo o momento.

Projeto do ano

Almanaque

"Todas [as pessoas] tinham almanaques. [...] era moda trazer o almanaque na algibeira. [...] E choviam almanaques, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E hão de chover almanaques."

Em grupo com alguns colegas, você vai montar, no final do ano, um almanaque com as produções de texto realizadas em diferentes momentos ao longo dos meses. Vai ser uma oportunidade de você se divertir e de divertir muitos leitores: colegas, amigos e familiares.

Esse projeto vai exigir algum planejamento, mas, antes de iniciá-lo, conheça um pouco da evolução do almanaque ao longo do tempo.

Machado de Assis

Por volta do séc. XIX inicia-se a publicação de almanaques, que logo se popularizaram e ganharam inúmeros leitores. Viraram uma verdadeira moda.

Em 1905 foi lançada a primeira revista de quadrinhos do Brasil, o *Almanaque do Tico-Tico*. Saía anualmente e, além dos quadrinhos, tinha poesias, contos, jogos, enigmas, atrações educativas e históricas, textos sobre cinema, letras de músicas e peças teatrais.

Muitos almanaques eram patrocinados por empresas de medicamentos e distribuídos em farmácias. Em 1920, surge o mais importante deles: o *Almanaque do Biotônico Fontoura*. Com tiragem elevada e distribuição gratuita, abrangia as mais distantes regiões do Brasil com dicas de higiene e saúde, festas e romarias, informações astrológicas, melhor época do ano para plantações, tabelas de marés, orações, ditados populares, causos... Uma verdadeira enciclopédia popular.

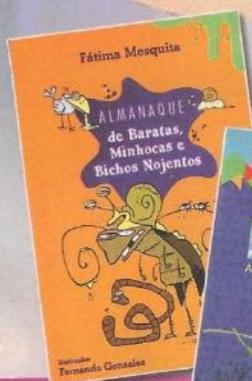
ALMANAQUE

O que é: É uma publicação com textos variados de interesse do dia a dia e passatempos, muitas vezes curtos e fáceis de ler. No início, trazia informações sobre estações do ano, calendário lunar, a melhor época para plantar e colher.

Origem da palavra: Vem do árabe *al manakh*, que significa "a conta". Recebe esse nome inicialmente por trazer a conta dos dias, das luas e das estações do ano.

O que contém: Calendário com fases da Lua, testes, anedotas, cartas enigmáticas, adivinhas, "causos", anedotas, receitas caseiras e informações úteis para o dia a dia.

"O Almanaque do Tico-Tico tinha muitas curiosidades e historinhas, uns enigmas e umas brincadeiras com números."



Ruth Rocha

Uma leitora voraz do Almanaque do Tico-Tico, Ruth Rocha publicou o Almanaque Ruth Rocha. Mas há muitos outros publicados hoje em dia.

O nosso almanaque

Agora que você já conhece um pouco da história dos almanaques, vamos começar a organizar a produção dos almanaques da classe, que serão finalizados no final do ano.

1. Com a orientação do professor, forme um grupo com três ou quatro colegas.
2. Ao trabalhar as unidades deste livro, vocês vão produzir diversos textos. Alguns deles estarão marcados com o símbolo: . Vocês devem guardar esses textos, pois eles poderão ser selecionados para publicação no almanaque do grupo.
3. Decidam se vocês vão guardar todos os textos do grupo em uma mesma pasta ou se cada um vai ter sua própria pasta.
4. Caso resolvam ter só uma pasta, definam quem vai ficar responsável por ela.
5. Nos próximos meses, procurem informar-se sobre os almanaques que existem hoje e, se possível, leiam alguns deles. Esse conhecimento vai ajudá-los na hora de produzir a publicação de vocês.

Após a produção oral encontra-se presente, uma retomada de assuntos relacionados à língua, mais uma vez denominado como “Reflexão sobre a língua” é destacado o uso, para depois aparecer, de forma resumida, a definição do conceito. Assim, promove-se a reflexão sobre os fatos linguísticos, no entanto, os tópicos são sempre trabalhados por meio de textos que não são os utilizados nas atividades de leitura, o que às vezes enfraquece o diálogo direto entre esses eixos, nessa altura o tema “morte” já “morreu”!

O livro, apesar de apresentar uma boa diagramação, reserva pouco espaço em branco entre as atividades e os conteúdos para que se possa articular qualquer realização escrita, que pode provocar um cansaço visual. Supõe-se que, sendo este um livro didático distribuído às instituições públicas para ser utilizado por vários alunos, não caberia o registro de qualquer escrita em seu interior.

Quanto à operacionalização do material, ao iniciarmos a análise do livro didático, examinamos o conteúdo programático apresentado no sumário e percebemos que sua organização encontra-se de forma harmoniosa ajudando o professor na condução de sua aula.

Composto por oito unidades, o livro tem como objetivo atender aos nove meses do ano letivo. Há uma seção interligando a área de Língua Portuguesa às áreas de linguagens, códigos e suas tecnologias. Apesar de as unidades estarem divididas em seções, há consonância entre elas de conteúdos interligados e interdependentes, sendo um recurso cujo objetivo é auxiliar o trabalho do professor e do aluno em sala de aula. No início da unidade encontra-se um resumo dos conteúdos, tanto no livro do aluno quanto no do exemplar do professor, que serão trabalhados e desenvolvidos nas seções que o compõem. Essa informação ajuda o aluno, a saber, antecipadamente, o que ele irá aprender. Há também, somente no livro do professor, embaixo da indicação da unidade, o tipo de gênero a ser trabalhado, as suas esferas de circulação, a reflexão sobre a língua, o tema transversal e os temas associados, orientando o docente a selecionar os assuntos específicos para alcançar os objetivos da aula planejada.

***Contos e autores dos demais volumes**

No segundo volume o gênero conto não foi contemplado, contudo foram abordados tipos de textos que se aproximam dos contos em sua origem, haja vista virem da camada mais popular, o cordel e o caso. No terceiro volume, encontram-se os contos “O enigma dos furtos temporários”, de H. Edward Hunsburger, e, ” Crime mais que perfeito”, Luís Lopes Coelho. Do quarto volume constam um conto de terror “A dona da pensão, Roald Dahl” e um conto de humor “Boa de garfo, Luiz Vilela”.

Finalizo por aqui as investigações acerca das coleções apesar de ter conhecimento de que não abarquei todos os aspectos que elas possuem. Busquei apresentar, contudo os principais pontos.

4- PROPOSTAS DE TRABALHO COM CONTOS DO LIVRO DIDÁTICO

Para exemplificar como um conto poderia ser trabalhado visando à formação do leitor literário, aulas foram preparadas baseadas na proposta do Letramento literário: teoria e prática de Rildo Cosson, porque ela ressalta o ensino de literatura na escola básica, e já foi tanto testada quanto aprovada por professores. É dividida em três partes: Os pressupostos, as práticas e as oficinas.

Na segunda parte, são abordadas duas sequências didáticas, denominadas de básica e de expandida. Tal como o autor possui convicção, que o de que a literatura deva ser ensinada na escola, ideia com a qual pactuamos.

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2006, p. 23)

Para que sejam alcançados todos os objetivos da educação literária na escola são necessárias variadas ações, tais como leituras de textos em suas versões originais, e na sua integralidade, preferencialmente, ou leituras de fragmentos, mas norteadas de ações que estimulem os leitores a buscarem o restante da obra escrita; exercícios, informações ou sistematizações conceituais.

Cosson ressalta que a leitura passa por um processamento sociocognitivo, no qual se encontram algumas ações imbricadas: a leitura, a decodificação, a interpretação e a construção de sentido de um texto. Os professores devem conhecer e entender como cada um dos processos se dá a fim de tornar-se mais assertivo ao deparar-se com situações complexas.

Ao final das investigações as quais me propus, após ter identificado algumas carências e falhas no processo de ensino, ensejo aplicar os conhecimentos adquiridos em atividades que proporcionem melhor formação literária a alunos e que o processo de despertar pelo qual devem passar todos os pretensos leitores, ao menos se inicie, que germine neles o desejo de “expressar o mundo” por eles mesmos, pois assim como Cosson, acredito que:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que

o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON 2006, p. 17)

Entendam como são compostas as sequências didáticas citadas. A básica compõe-se de três etapas: 1ª) a motivação, que visa apresentar o texto ao aluno e estimulá-lo a proceder à leitura. Busca-se utilizar o lúdico, com o tema relacionado ao texto literário que será abordado, com o intuito de cativar a atenção dos aprendizes; 2ª) a introdução que tem como alvo proceder à apresentação do autor e da obra do texto que será explorado e a 3ª) a interpretação etapa em que a leitura do texto é realizada tendo o professor como intérprete ou mediador, pronto para solucionar quaisquer dúvidas que surjam. O docente deverá atentar para esse detalhe porque a menor dificuldade encontrada pode ser motivo de desânimo por parte dos alunos para prosseguir a leitura, gerando ponto negativo para a formação de bons hábitos de leitura.

COSSON (2006) denomina de antecipação àquele primeiro momento em que o aluno depara-se com um texto, essa etapa “consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto propriamente dito”. (p. 40). A segunda etapa é chamada: “decifração. Entramos no texto através das letras e das palavras”, Cosson (p. 40). Um leitor novato “decifra palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra” logo após terminar a leitura (p.40).

Localiza-se na terceira parte da sequência básica – a interpretação. Nesse quesito o professor deverá abster-se de intervenções e permitir que o aprendiz proceda espontaneamente à decifração do texto. Na interpretação ocorrem dois momentos, o interior, que acabamos de descrever e o exterior que é a própria “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2009, p. 65). É nesse último momento que reside à diferença entre, o letramento literário realizado na escola, e a leitura literária desenvolvida por um leitor de forma independente. O leitor só buscará textos literários por sua própria conta para ler se o processo de formação de leitor de texto literário já tiver sido iniciado, caso contrário dificilmente tomará essa decisão.

Muitas escolas públicas desempenham papel fundamental nas comunidades onde estão inseridas, e em muitos casos, são as principais responsáveis pela formação e

consolidação de alunos leitores. A leitura desenvolve o senso crítico nas pessoas, portanto quem sabe ler tem a possibilidade de atuar de forma ampla e significativa para transformar o seu entorno.

COSSON defende que:

na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2006, p. 65)

A fim de promover a educação literária o professor Cosson sugere outra sequência didática a qual denomina de “expandida”. Composta pelas mesmas etapas que a sequência básica, diferindo-se, basicamente, porque possui dois momentos de interpretação. O primeiro trata da compreensão integral dos textos, incluindo alguns aspectos formais e o segundo cuida de aprofundar um dos aspectos do texto que seja mais pertinente para os propósitos do professor.

“A sequência expandida vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte desse letramento na escola”. (COSSON, 2006, p. 76)

O autor sugere que os mestres sempre expliquem a seus alunos o porquê da escolha de cada texto que leva para lhes apresentar, e também disponibilize para que eles manuseiem a cópia do texto que o mestre preparou para si. Na fase de expansão da sequência, Cosson enfatiza a importância de se destacar os processos de intertextualidade, explorando os diálogos possíveis com outras obras.

4.1-A Sequência Didática

se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que a se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objetivo de leitura e assim por diante. A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de

simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2006, p. 29-30)

Vilson J. Leffa, em *Perspectivas no estudo da leitura: texto leitor e interação social* (1999) sintetizou as teorias acerca da leitura e agrupou-as em três tipos, a saber: 1^a) a que considera o texto como o centro do processo; 2^a) a que cuida ser o leitor a peça principal e 3^a) a que leva em conta ambos os elementos e o relacionamento entre eles, como fundamentais para que a leitura ocorra. As atividades aqui sugeridas levam em conta a teoria conciliatória, ou seja, aquela que considera os três pontos como peças fundamentais para a efetivação da leitura de textos literários.

A sequência didática que será apresentada é a do tipo expandida, conforme explicado acima e foi preparada visando alunos do Ensino Fundamental II, que cursam os sextos anos nas escolas públicas do Rio de Janeiro, localizadas na região da Baixada Fluminense.

O gênero textual Conto Maravilhoso foi o conteúdo selecionado para essas aulas pelo fato desse universo das histórias infantis está ainda bem vivo nas memórias desses alunos, cuja faixa etária de onze a treze anos. Portanto apoiar-me-ei no conhecimento prévio dos alunos acerca da familiaridade que detêm dessas narrativas.

Conforme já comentamos acima o LD não se harmoniza com o CM, portanto para utilizarmos tal material optamos por utilizar apenas as seções que se relacionam ao gênero textual Conto, já que os conteúdos preconizados pelo CM para o terceiro bimestre divergem-se dos que são abordados pelo LD. Logo, essa sequência didática prevê aulas para o terceiro bimestre, de acordo com o previsto no CM, mas com vistas de que a formação literária tenha sido iniciada logo nos primeiros dias de aula, através de atividades que promoveram a interação entre aluno e professor, em que se deu voz ao aluno, portanto, os vínculos já foram estabelecidos, o docente já tem conhecimento adquirido da realidade em que o aluno está inserido podendo assim vê-lo com um olhar horizontal e não vertical.

Baseada em experiências próprias em sala de aula, percebi o quanto é fundamental, para o professor que almeja promover o letramento literário, a interação

do professor com os alunos. Portanto buscar descobrir quais são as expectativas de vida profissional do aluno é primordial para que o professor faça as escolhas adequadas dos textos que, inicialmente serão desfrutados. Caso o docente não busque essa a inserção, ele corre risco de errar nessas escolhas, pois se estará somente se baseando em sua visão, em detrimento da visão de cerca de trinta pessoas que compõe sua turma.

Tendo esses pressupostos em vista, ao iniciar o ano letivo, o professor já deverá ter pensado na formação literária dos alunos e traçar planos para concretizá-la. Assim sendo, é recomendável ter em mãos dinâmicas, do tipo “quebra gelo” para serem aplicadas logo nos primeiros dias de aula, que visem revelar, ainda que parcialmente, quem são os alunos com os quais travarei vínculos e observar a realidade deles um pouco mais de perto através; descobrir quais são suas preferências musicais gastronômicas, etc., bem como saber quais são alguns dos seus interesses, tais como: disciplina que mais gosta esporte preferido, ou um sonho que acalentem. Esses saberes serão de grande utilidade no momento das escolhas das propostas de leituras para esses aprendizes, pois possibilitarão ao mestre, a fim de contribuir com a sua formação literária, até que ele não necessite de sua mediação para tal tarefa, deve ser o objetivo do professor de literatura.

O primeiro passo, antes de promover à dinâmica, é explicitar para os alunos, os objetivos dela – travar interações, a fim de levar a turma a se conhecer e a se fazer conhecida para o professor. Pormenorizar para os alunos a necessidade que o mestre tem, de conhecê-los para que assim possa preparar aulas mais próximas à realidade deles, a fim de que eles, aulas aprendam mais que lhes sejam mais atraentes e conseqüentemente mais produtivas. É claro que quando o professor se expõe dessa maneira tende a ganhar a simpatia dos alunos, mas também a cobrança, especialmente se essas aulas não acontecerem de acordo com a expectativa criada neles pelo docente. O que não deixa de ser algo positivo para todos.

O segundo passo é disponibilizar para os alunos as cópias contendo as questões para serem respondidas. A dinâmica que costumo utilizar é composta de uma entrevista com dupla finalidade: promover dois tipos de entrosamento: alunos x alunos e alunos x professor. E o que visamos, como já informamos é observar a realidade de nossos alunos um pouco mais de perto através de suas respostas; descobrir quais são suas preferências musicais gastronômicas, etc., bem como saber quais são alguns dos seus

interesses, tais como: disciplina que mais gosta esporte preferido, ou um sonho que acalentem. O objetivo visa tão somente aproximar o aluno do professor, para que o mestre, de posse dessas informações tenha maior probabilidade de acertar nas seleções de textos que sejam significantes para seu alunado.

Após a aplicação da dinâmica o docente deverá expressar sua apreciação pelo comportamento, pela boa recepção à atividade, e/ou ainda prestar algum esclarecimento. As entrevistas deverão ser recolhidas para serem lidas com vagar.

Conforme já comentamos acima o LD não se harmoniza com o CM, portanto para utilizarmos tais livros optamos por utilizar apenas as seções que se relacionam ao gênero textual Conto, já que os demais conteúdos preconizados pelo CM para o terceiro bimestre divergem-se dos que são abordados pelo LD. Apesar de preferir que esse conteúdo fosse aplicado no primeiro bimestre, pois assim haveria tempo hábil para desenvolver-se um projeto de confecção de uma publicação com as produções textuais dos alunos, algo impossível de ser realizado se o conteúdo for abordado no terceiro bimestre.

4.2- Propostas de trabalho com os contos maravilhosos

No conto maravilha encontram-se vários episódios fantásticos, mundos habitados por seres extraordinários: fadas, bruxas, magos, anões, gigantes, gênios, reis, rainhas, príncipes, princesas, sapos, encantamentos, animais falantes, etc. Os acontecimentos são tomados como naturais, por mais espantoso que pareça. O mal nunca vence o bem e no final todos terminam “felizes para sempre”. Também por causa desse encantamento, acredito que esse tipo de conto prenderá a atenção dos alunos nas atividades propostas.

Os autores do texto escolhido são os aclamados Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm que se consagraram graças às versões dos contos populares que recolheram e publicaram, tornando-se sucesso no mundo todo, Segundo Pondé (1985).

Foi utilizado, como texto basilar, o conto Senhora Holle, que se encontra, na primeira coleção das obras analisadas, no volume um. Portanto ao selecionar o conto dos Grimm, em detrimento de outro, o fiz com o objetivo de divulgar um conto clássico, levar os estudantes a lerem e apreciar um texto literário e aliado a isso refletirem acerca

da realidade deles como adolescentes que atuam em seus lares nas tarefas domésticas, como imprescindíveis coadjuvantes.

As personagens do conto são quatro mulheres caracterizadas como: boas, más, bonita, delicada, feia, preguiçosa, etc.. A filha adotiva é maltrata pela madrasta e tem de trabalhar muito, assemelhando-se, assim, a Gata Borralheira. A filha legítima nada quer fazer e por isso não é punida. No conto encontram-se vários episódios fantásticos, tais quais: o mergulho da menina no poço e a ingressão dela no mundo maravilhoso, um encontro com maçãs maduras que lhe rogam ajuda para serem colhidas, etc.. A moça prontamente ajuda e assim prossegue seu caminho sempre agindo com bondade, prontidão e obediência. As boas ações da menina são sempre premiadas, e ao final da história, a filha boa é recompensada, enquanto que a má é punida. O que já é de se esperar em um conto de cunho pedagógico e moralizante

INÍCIO DA ATIVIDADE SEQUÊNCIA EXPANDIDA

AULAS 1 e 2

Motivação

Expor, estrategicamente, de forma que os alunos visualizem assim que adentrarem a sala de aula, exemplares contendo contos maravilhosos e outros livros de literatura infantil e juvenil. Lembrando-nos o que nos aponta Cosson:

(...) a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não o transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (COSSON, 2006, p. 35).

Deixar os livros sobre um local onde os alunos possam manuseá-los e examiná-los. Em seguida, fará a seguinte abordagem:

a) Quem gosta de ouvir histórias?

- b) Quem gosta de contar histórias?
- c) Que tipo de história?
- d)Quais histórias ou personagens conhecem?
- e) Desses contos, quais vocês conhecem?
- f) Alguém lembra a história de um desses contos?
- g) E os personagens, quem são?
- h)Estimular que algum aluno conte uma história.
- i) Quem tem livros de histórias em casa?

Esse é o momento para o professor solicitar que os alunos exponham seus conhecimentos sobre contos infantis, suscitando neles seus conhecimentos prévios e impressões primeiras e cotidianas acerca do conto. Os alunos, de um modo geral apreciam compartilhar seus saberes, então certamente haverá algum aluno que conhece um desses contos e, com incentivo, queira contá-lo aos colegas. O professor deve estar atento e procurar estimular esse tipo de atividade oral. Quem sabe se naquele momento em que o aluno se distingue dos demais não sirva de estímulo, tanto para ele, quanto para os colegas a fim de que busquem conhecer outros clássicos?

Ao apresentar as publicações é proveitoso orientar acerca de alguns detalhes importantes a serem observados em um livro, como por exemplo: o prefácio, as orelhas e ou quaisquer outros textos que constituam na apresentação do livro. Observar ainda se a publicação traz textos originais ou se são apenas resumos e, ou adaptações etc. . É um bom momento para comentar acerca da importância de se ler o texto original do autor. Levar os alunos a refletirem sobre esse assunto: Quando é feita uma adaptação de um texto perde-se conteúdos preciosos do texto original. Buscar conscientizá-los de que houve uma motivação para que o texto original fosse alterado, reduzido, e que geralmente, trata-se de questão econômica, ou seja, o objetivo, na maioria das vezes é baixar os custos de produção produzindo-se um livro de extensão menor que o original a fim de que aquele livro seja mais vendido.

Comunicar aos alunos que a aula será dedicada à leitura, portanto poderão ler a(s) história(s) que quiserem.

Leitura

Oferecer cerca de trinta minutos aos alunos (ou até que comecem a dispersar-se demonstrando que já exploraram o material suficientemente) para que proceda a leitura de fruição dos textos ofertados. É de suma importância atentar para a complexidade de cada tarefa que os alunos deverão executar e para o tempo que será dispensado para que não seja oferecido a eles mais tempo do que o necessário, pois se esse fato acontecer acabará por gerar indisciplina, por parte de alguns que não conseguem ficar ociosos sem se envolver em alguma confusão ou oferecer menos tempo que o necessário gerando ansiedade em quem lê mais devagar, por exemplo, e não consegue terminar a leitura. Portanto o professor deve planejar suas aulas com cuidado para que não sobrem lacunas no processo.

Para que as aulas de literatura transcorram em ambiente propício para a aprendizagem de leitura de textos literários é aconselhável que o professor combine com os alunos algumas normas para serem seguidas por todos. Como por exemplo, evitar-se, a todo custo, interrupções quando alguém estiver lendo um texto em voz alta, isso vale para qualquer pessoal que estiver procedendo à leitura, ou seja, tanto para professor quanto para aluno.

Após essa etapa, solicitar que os alunos que possuem livros de histórias tragam-nos nas duas próximas aulas (terceira e quarta) para que sejam compartilhados entre os colegas. Lembrar aos alunos de identificarem os livros antes de trazê-los para a escola e emprestá-los, a fim de evitarmos que livros sejam furtados ou confundidos com exemplares similares causando-nos assim problemas futuros com as famílias.

Portanto os primeiros passos dessas duas aulas foram planejados a fim de motivarem os alunos para a leitura do conto principal dessa sequência didática - Senhora Holle.

AULAS 3 e 4

Promover a recepção e troca entre os alunos dos livros que trouxeram de casa. Deixar os alunos livres para que possam explorar o material e escolher livremente

algumas histórias que queiram ler. Atentar para o início de dispersão dos alunos e avisar que o período de leituras será encerrado em alguns minutos. Aguardar cerca de dez minutos e encerrar essa etapa.

Comentar acerca da origem dos contos maravilhosos, do costume que se tinha de contarem histórias em torno de fogueiras à noite. Justificar, brevemente acerca da importância de se conhecer textos clássicos, para isso o mestre poderá instigar os alunos com argumentos tais quais: por que, sendo tão antigos ainda são muito lidos e fazem tanto sucesso, como por exemplo, a versão para o cinema de Branca de Neve?

Explicar que contos maravilhosos são narrativas, ou seja, são histórias, em que algo de mágico, sobrenatural, acontece e interfere no rumo dos acontecimentos. Nasceram da tradição popular, ou seja, do povo, e em geral retratam a luta de um herói ou heroína (o protagonista) contra um vilão ou vilã (o antagonista). Só após essa definição utilizar o quadro do LD, sem se preocupar que aprendam que foi o russo Propp o estudioso quem apontou essas características, porque esse detalhe não é relevante por hora. Acho importante manter essas características, pois os alunos pela ocasião em que estiveram produzindo seu conto maravilhoso.

CONTO MARAVILHOSO

Analisando os contos maravilhosos, o estudioso russo Wladimir Propp observou que quase todos apresentam situações muito parecidas. Veja algumas delas:

1. O herói se distancia de sua casa.
2. Uma proibição é imposta ao herói.
3. O herói é submetido a provas.
4. O herói realiza as tarefas que lhe são impostas.
5. Meios mágicos são fornecidos aos heróis.
6. Há luta entre o herói e seu antagonista.
7. O antagonista é vencido.
8. O herói regressa a sua casa ou ao seu país.
9. O herói chega incógnito ao seu país.
10. O herói é reconhecido.
11. O antagonista é desmascarado.
12. O antagonista é punido.
13. O herói se casa.



AULAS 5 e 6

Introdução

É interessante que as carteiras sejam organizadas em semicírculo ou círculo todas as vezes que a aula for dedicada à leitura. Já é uma forma de sinalizar para os alunos que algo diferente vai acontecer, também possibilita melhor contato visual entre os alunos o que auxilia no momento de se realizar a leitura fornecendo melhor projeção do som das vozes facilitando a compreensão das palavras, enfim tenho constatado vários benefícios ao organizar a sala dessa forma. Ainda sugiro que para essa aula a sala seja ornada com retalhos de tecidos, carretel de linha, roupas confeccionadas e similares, pois é uma forma de contextualizar o conto que será lido, tendo em vista ter sido a região conhecida como a “capital do jeans”

Vilar dos Teles já foi muito famosa, principalmente depois que ganhou o título de Capital do Jeans em meados de 1983. A cidade ganhou esse título devido a grande quantidade de lojas que vendiam jeans a preço de fábrica na época. O Distrito Vilar dos Teles que fica na cidade de São João de Meriti, já foi o local mais procurado para se comprar jeans de qualidade por preços baixos. A ex-capital do jeans, possuía diversas fábricas de jeans para estocar todo o comércio da região com jeans de qualidade por preços baixos. Por esse motivo, empreendedores e revendedoras de diversas partes do Brasil, procuravam Vilar dos Teles para fazer compras no atacado e alavancar seus negócios.

<http://www.modanaweb.com.br/site/dicas-de-neg%C3%B3cios/394-vilar-dos-teles.html>. (Capturado em julho de 2015)

Como introdução da primeira leitura recomendo que seja apresentada uma breve biografia do autor do texto que será lido, pois para introduzir uma obra, segundo dica de Cosson (p. 80), e baseado também em experiência própria, é produtivo que sejam apresentados tanto seu autor quanto outros títulos dele além do que será lido para que os alunos sintam-se motivados a lerem, pois conhecendo o autor com mais detalhes de sua vida e obra há possibilidade que a curiosidade deles seja aguçada e, quem sabe, leve-os a lerem outros títulos.

Abaixo se encontra uma apresentação de Os Irmãos Grimm, para conhecimento do professor, porém para os alunos dos sextos anos é melhor fazer um resumo ou explicar alguns termos tais que dela constam, tais como: linguísta, filologia e erudito.

Jacob Grimm (1785- 1863 e Wilhelm Grim (1786-1859). Com seu irmão Wilhelm, o linguísta e escritor Jacob Grimm, fundador da filologia alemã, dedicou-se a recolher contos populares de regiões de língua alemã. Publicada em dois volumes, em 1812 e 1815, a coletânea *Contos de infância e do lar* trazia piadas lendas e, fábulas, anedotas e narrativas tradicionais de toda sorte. Além é claro, dos contos de fadas que associamos aos irmãos Grimm – como A Bela Adormecida, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel e João e Maria. De início, o projeto dos irmãos era erudito: queriam preservar impressa a cultura oral “pura” do povo alemão, ameaçada pela urbanização e industrialização. Mas, ao longo dos anos e das várias edições que a compilação teve, o público-alvo foi mudando: a edição compacta, publicada em 1825, reunindo apenas cinquenta das histórias, já era voltada para as crianças, e tinha cunho educativo.(MACHADO, BORGES, 1950 , p. 120)

No momento da aula que nomeio de: ”Faz de conta e conta”, sugiro que seja interpretado, pelo professor, o conto dos Grimm, Senhora Holle, que se encontra na primeira coleção analisada.

É produtivo que o professor solicite aos alunos que exponham seus conhecimentos sobre contos infantis, suscitando neles seus conhecimentos prévios e impressões primeiras e cotidianas do conto, utilizando questões tais quais essas:

- a) Vocês conhecem o conto Senhora Holle?
- b) Caso algum aluno conheça, solicite que conte como conheceu a história, se ele mesmo a leu ou se alguém leu para ele quando era criança, ou ainda, se apenas ouviu falar sobre o conto.

Leitura 1

Iniciar a primeira interpretação, fazendo uma leitura partilhada, utilizando o LD o qual os alunos devem estar portando. Chamar a atenção para as inferências e estratégias de leitura utilizadas. Conforme texto exibido na apresentação da primeira obra nas páginas: 39,40 e 41.

Recomendo que o professor inicie a interpretação do conto Senhora Holle dando a entonação adequada aos diálogos, até ao sexto parágrafo, no trecho ”... prosseguiu andando.”

Nessa altura deverá o professor intervir, a fim de verificar se os alunos estão compreendendo a história. Averiguar se algum aluno conhece o que seja um fuso e ou uma roca de fiar, solicitar que explique para a turma, caso haja alguém, após expor as ilustrações conto, fusos, rocas, pessoas fiando em casa, retalhos de tecidos, carretel de linha, roupas confeccionadas e similares.

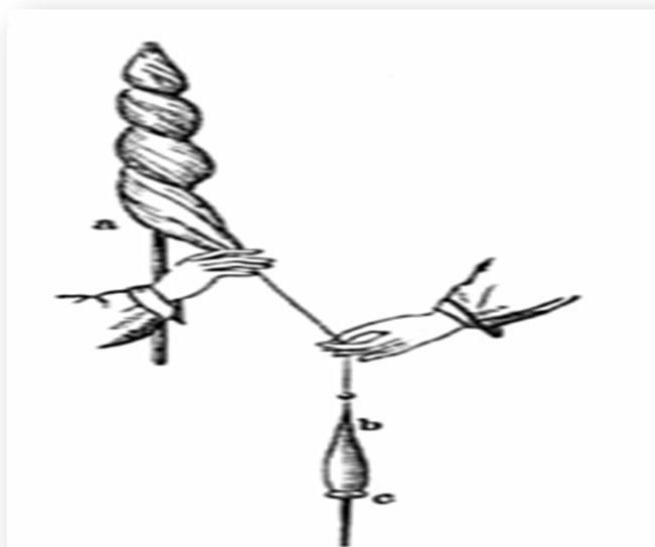
Para esclarecimentos dos alunos proponho que o professor, apenas oralmente os informe de que:

*Uma roca de fiar é uma ferramenta utilizada na fiação manual ou mecânica.

*Fuso é um utensílio cilíndrico feito de madeira, utilizado para fiação e torção de fibras como lã, linho, cânhamo e algodão em fio.

Proponho que sejam mostradas para os alunos através de cópia colorida ou por apresentação de slides, algumas ilustrações para os alunos, já que tratam-se de práticas com as quais não têm familiaridade.

Fiando com fuso: a) roca, b) fuso e c) volante



Roda de fiar com pedal.



Alguns fusos modernos



Fiandeira com roca e fuso



Após a exibição das ilustrações e esclarecimentos de quaisquer dúvidas, especialmente relacionadas ao vocabulário, continuar a interpretação até ao final.

Há sugestão para o professor, no LD, de que o conto seja lido com intervalos pelo fato de se tratar de um conto maravilhoso, cuja narrativa é, geralmente longa, ocorre do aluno não entender a história, ou pelo fato de não conhecer o significado de alguma palavra desinteressar-se pela leitura e considerá-la difícil. De fato isso ocorre, por essa razão proponho que a leitura seja realizada dessa maneira. Observar a reação dos alunos quanto ao final da história

Após a leitura partilhada, o professor deverá destinar vinte minutos para a leitura silenciosa.

Ainda mais algumas informações a título de esclarecimento para o professor e caso julgue necessário poderá repassá-las para o aluno ao final da interpretação.

*O fuso é frequentemente carregado em ambas as partes inferior, média ou superior, geralmente por um disco ou objeto esférico, mas existem muitos fusos que não são carregados por uma espiral, mas engrossando sua forma para o fundo (...). O fuso também pode ter um gancho, ranhura, ou entalhe na parte superior para guiar o fio. Fusos vêm em muitos tamanhos e pesos diferentes, dependendo da espessura do fio que se deseja girar.

Para fiar com um fuso se começa por tomar um floco de alguma fibra têxtil, como lã ou algodão e se retorce uma parte entre os dedos até dar uma forma de cordão. Este cordão inicial é amarrado ao eixo e se segue realizando o procedimento de torção. Enquanto isso, com a outra mão se faz girar o fuso com uma ponta dele apoiada no chão, para que o cordão vá enrolando-se a ele. Nesta operação a torção ajuda a evitar que o fuso se desestabilize e caia. Uma vez que o fuso tenha sido cheio, a fibra fiada é desenrolada manualmente ou com um dispositivo de enrolamento, para ser guardado como esfera ou como um novelo.

Ao final dessa leitura mais atenta o mestre poderá levantar algumas questões, visando o desenvolvimento dos alunos das habilidades de leitura e oralidade, pois primeiramente deverão ser respondidas de forma oral.

- 1ª) Quais são as personagens do conto?
- 2ª) O que mais gostou no conto?
- 3ª) O que menos gostou?
- 4ª) Quem você acha que é a personagem principal do conto?
- 5ª) Como é sua aparência física? E como é seu interior, ou seja, como ela é psicologicamente?
- 6ª) Na sua opinião, qual era o maior problema dela?
- 7ª) Conhece alguém que tenha o mesmo problema ?
- 8ª) E as outras personagens como eram?
- 9ª) Em que época a história se passa?

10ª) Os fatos se dão dentro ou fora do Brasil? Como você pode confirmar sua resposta?

Certificar-se, através de perguntas se de fato compreenderam toda a história. Dissipar alguma dúvida que ainda tiver restado.

A comparação de um texto com outro costuma ser bastante proveitosa, porque suscita a reflexão dos alunos, retoma conhecimentos prévios, contribuindo, dessa forma, para o letramento literário. Então proponho que aos alunos sejam levados a apontarem a outra história que guarde alguma semelhança com essa. Aguardar as respostas e, caso não consigam se recordar, relembrar-lhes da história da Cinderela/ Gata Borralheira e solicitar que apontem as semelhanças.

Para o professor destaque algumas semelhanças que caso o aluno não aponte ele poderá apontá-las:

A)Ambas são moças, filhas adotivas de madrastas más, trabalham muito, têm irmã(s) que não cooperam com o serviço doméstico, são recompensadas por suas boas atitudes e são felizes para sempre.

Solicitar ainda que apontem alguma outra semelhança que tenham percebido e anotar no quadro juntamente com as anteriores.

AULAS 7 e 8

Leitura 2

Dominique Maingueneau (1995) critica o contexto histórico que costumam acompanhar os movimentos literários, Cosson (2012) inspirado nesse autor sugere:

a contextualização como o movimento de ler a obra dentro do seu contexto, ou melhor, que o contexto da obra é aquilo que ela traz consigo, que a torna inteligível para mim enquanto leitor. (...) É assim que certos contextos parecem mais evidentes para certos leitores do eu para outros. É assim que determinados aspectos da obra podem ser explorados em sala de aula.(p.86).

Optamos pela **contextualização temática** por se tratar do “modo mais familiar de tratar uma obra” Cosson (2006, p.90) tendo em vista a infantilidade do sexto ano e

suas dificuldades ao adentrarem o segundo segmento do ensino fundamental, porém o professor deve estar atento para não deve se desviar do foco, do seu objetivo que é o letramento literário. Os temas que podem surgir não devem empolgar o professor e os alunos ao ponto de se esquecerem do texto inicial.

Cosson (2006) nos orienta de que “(...) a contextualização seja feita, de preferência, por meio de uma pesquisa e apresentada à turma como tal.” (p. 90) A escolha desse texto se deu pelo fato de que muitos alunos de comunidades mais carentes, como as que se localizam as escolas pesquisadas, começam a trabalhar ainda menores, então nessa idade entre onze e treze anos já estão interessados em ganhar seu próprio dinheiro, pois sentem o desejo de adquirir bens de consumo e também de usufruírem de atividades de lazer para os quais os pais não têm muitas condições financeiras de oferecer. Então esse tema é de interesse dos alunos, tem que ver com a realidade deles.

Recomendo que o mestre exponha sobre sua mesa ferramentas e objetos relacionados a profissões, que podem ser adquiridos em lojas de artigos populares, tais quais: termômetro, utensílios utilizados para cuidar-se de jardim, espanador, etc. Os objetos chamam mais atenção que ilustrações deles, mas em último caso também podem ser utilizadas figuras.

Em seguida proponho questionar os alunos acerca daquilo que estão vendo, se sabem nomear os objetos (ou as gravuras) e o que eles nos lembram. Aguardar as respostas e mediar com alguma informação que julgar relevante.

Em seguida indagar dos estudantes se eles têm ideia qual será o tema do texto que será lhes será apresentado. Ouvir as respostas e para causar mais curiosidade o professor poderá por em dúvida caso acertem: - Será que é sobre isso mesmo que vamos ler agora?

Na (p. 79) da obra de COSSON (2006) lemos: (...) o primeiro passo na montagem de uma estratégia de motivação é estabelecer o objetivo, aquilo que se deseja trazer para os alunos como aproximação do texto a ser lido depois. Para dar início a leitura deve-se organizar a sala em semicírculo, não só pelas razões apontadas acima (no início das orientações da leitura 1), como também porque após a leitura desse texto se seguirá um debate e a arrumação da sala também colabora para que esse tipo de atividade já que os alunos estarão sentados frente a frente, tornando a comunicação mais direta e o debate mais produtivo.

Informar ao aluno de que o texto que será lido foi pesquisado pelo professor na internet e que após sua leitura haverá um debate. Entregar a cada aluno ou a cada dupla, cópia do texto. Proceder à leitura partilhada do texto e por se tratar de texto de fácil leitura, excetuando é claro a leitura de alguns numerais. Cada aluno poderá ler um parágrafo. Esse texto não exige muito da interpretação, dessa forma os alunos poderão participar logo de início desse momento em diante, não ficando apenas com o papel passivo de ouvinte.

TRABALHO DO MENOR - O QUE PODE E O QUE NÃO PODE?

Os artigos 402 ao 441 da CLT trata do Trabalho do Menor, estabelecendo as normas a serem seguidas por ambos os sexos no desempenho do trabalho.

A Constituição Federal, em seu artigo 7º, inciso XXXIII considera menor o trabalhador de 16 (dezesesseis) a 18 (dezoito) anos de idade.

Segundo a legislação trabalhista brasileira é proibido o trabalho do menor de 18 anos em condições perigosas ou insalubres (que não faz bem a saúde). Os trabalhos técnicos ou administrativos serão permitidos, desde que realizados fora das áreas de risco à saúde e à segurança.

Ao menor de 16 anos de idade é vedado (proibido) qualquer trabalho, salvo na condição de aprendiz a partir de 14 anos.

A partir dos 14 anos é admissível o Contrato de Aprendizagem, o qual deve ser feito por escrito e por prazo determinado conforme artigo 428 da CLT.

Ao menor é devido, no mínimo, o salário mínimo federal, inclusive ao menor aprendiz é garantido o salário mínimo hora, uma vez que sua jornada de trabalho será de no máximo 6 horas diárias, ficando vedado prorrogação e compensação de jornada, podendo chegar ao limite de 8 horas diárias desde que o aprendiz tenha completado o ensino fundamental, e se nelas forem computadas as horas destinadas à aprendizagem teórica. [...]

O atleta não profissional em formação, maior de quatorze anos de idade, poderá receber auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora, sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que seja gerado vínculo empregatício entre as partes.

O artigo 427 da CLT determina que todo empregador que empregar menor será obrigado a conceder-lhe o tempo que for necessário para a frequência às aulas.

A prestação de serviço extraordinário (hora extra) pelo empregado menor somente é permitida em caso excepcional, por motivo de força maior e desde que o trabalho do menor seja imprescindível ao funcionamento do estabelecimento.

O empregado estudante, menor de 18 (dezoito) anos, terá direito a fazer coincidir suas férias com as férias escolares.

É proibido ao empregador fracionar o período de férias dos empregados menores de 18 (dezoito) anos.

Outras características no contrato de trabalho com menores:

São proibidos de trabalhar no horário das 22h00 as 05h00 (considerado como horário noturno);

É lícito ao menor firmar recibos de pagamentos, mas a rescisão deverá ter a representação dos pais ou responsáveis legais;

[...]

Observar a reação dos alunos após a apresentação do texto, ouvir seus comentários e esclarecer dúvidas que eventualmente surjam quanto ao vocabulário. Buscar incitá-los a comentar o texto, para tanto utilizar alguns questionamentos como os seguintes:

1º) Qual é o assunto do texto?

2º) Na sua opinião para quê esse texto foi escrito, ou seja, qual é o seu principal objetivo?

3º) Você acha que esse texto se parece com o conto lido? Sim? Não? Por quê?

4º) Você vê alguma coisa em comum entre esse texto e o conto lido?

5º) Qual é sua opinião acerca de um menor trabalhar?

6º) Você trabalha? Fora ou dentro de casa? Em quê?

Após as questões promover um debate acerca de trabalho do menor. Seus benefícios e suas desvantagens.

Dividir a turma, formando grupos de três ou quatro. Solicitar que reflitam e discutam acerca da 5ª questão. Dar cerca de trinta minutos para que o grupo anote as conclusões a que chegaram. A seguir solicitar que um dos integrantes do grupo divulgue oralmente na aula as conclusões a que chegaram. Outro componente do grupo deverá passar a limpo o texto produzido em casa e trazer na próxima aula para que o professor faça a correção da escrita. O autor da teoria do letramento literário nos lembra de que essa etapa deve ser realizada em grupos.

Como tarefa final solicitar dos grupos que confeccionem cartazes para serem afixados na escola divulgando quais são os direitos do trabalhador menor de idade. Com o objetivo de que ao conhecerem seus direitos não se deixem explorar.

AULAS 9 E 10

Leitura 3

Expansão

Cosson (2006,) nos relata que essa etapa do letramento literário tem como objetivo provocar: “(...)a ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, quer visto como extrapolação, dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário, que denominamos expansão.” (p. 94)

Para essas aulas recorreremos à primeira coleção analisada de LD para utilizar o volume um da página dez.

Introdução

Os Grimm e Charles Perrault são os autores do clássico conto “Cinderela” ou “Gata Borralheira”. A primeira versão é a de Perraut, sendo o maravilhoso abordado de forma mais fiel as raízes do povo enquanto que na versão de os Grimm o maravilhoso está mais próximo do sentimento religioso, segundo Pondé (1985) Essa é apenas uma das diferenças dos contos.

Como introdução a terceira leitura o professor deverá mencionar Charles Perrault (1628-1703) e sua breve biografia, pois para introduzir uma obra, segundo dica de Cosson (p. 80), e baseado também em minha própria experiência, é produtivo que sejam apresentados tanto seu autor quanto outros títulos dele além do que será lido para que os alunos sintam-se motivados a lerem, pois acredito que esses esclarecimentos lhes agucem a curiosidade e quem, sabe leve-os até a lerem outros títulos. Em MACHADO (2010) compilar acerca do escritor de contos clássicos:

Escritor e advogado francês (...). Ao registrar em livro os contos de sua infância, que agradavam também a seus próprios filhos, produziu uma obra com apelo popular inédito. (...) Únicos em sua maneira de narrar tanto para crianças quanto para adultos, mesclando conflitos familiares e fantasia com apertes maliciosos e comentários sofisticados, os contos registrados por Perrault incluem Cinderela, Pele de Asno, O Gato de Botas, O Pequeno Polegar, Chapeuzinho Vermelho e Barba Azul. (MACHADO, 2010 P. 18)

Mais uma vez, é conveniente que o professor dê voz ao aluno usufruindo seus conhecimentos prévios indagando-lhes com questões tais quais essas:

- a) Vocês conhecem o conto de fadas “Cinderela”?
- b) E o da Gata Borralheira vocês conhecem?
- c) Sabiam que se trata do mesmo conto, mas em versões diferentes?
- d) Sabiam que o conto de Cinderela, também é conhecido como O sapatinho de vidro?
- e) Caso algum aluno conheça, e é bem provável que sim solicite que conte como conheceu a história, se ele mesmo a leu ou se alguém leu para ele quando era criança, ou ainda, se apenas ouviu falar sobre o conto.

Esclarecer que será apresentada a versão de Perrault, mas que em outra oportunidade conhecerão a versão de os Irmãos Grimm.

Ressaltar que se trata da história original e na íntegra do conto, pois nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações e resumos. (CALVINO, 1993, P. 12)

Naquele momento da aula que intitulei acima como: ”Faz de conta e conta”, o professor deverá partilhar a interpretação, distribuindo cópias do texto (que devem ser providenciadas com antecedência) para que os alunos, em duplas (dessa forma economiza-se com as cópias) possam acompanhar a leitura. Ou então montar um

Cinderela ou O sapatinho de vidro

ERA UMA VEZ um fidalgo que se casou em segundas núpcias com a mulher mais soberba e mais orgulhosa que já se viu. Ela tinha duas filhas de temperamento igual ao seu, sem tirar nem pôr. O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa e de uma bondade sem par. Nisso saíra à mãe, que tinha sido a melhor criatura do mundo.

Assim que o casamento foi celebrado, a madrasta começou a mostrar seu mau gênio. Não tolerava as boas qualidades da enteada, que faziam suas filhas parecerem ainda mais detestáveis. Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa. Era a menina que lavava as vasilhas e esfregava as escadas, que limpava o quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas. Quanto a ela, dormia no sótão, numa mísera enxerga de palha, enquanto as irmãs ocupavam quartos atapetados, com camas da última moda e espelhos onde podiam se ver da cabeça aos pés.

A pobre menina suportava tudo com paciência. Não ousava se queixar ao pai, que a teria repreendido, porque era sua

PowerPoint com o texto e projetá-lo para assim procederem à leitura na versão original, conforme é exibido abaixo.



George Cruikshank, 1854

mulher quem dava as ordens na casa. Depois que terminava seu trabalho, Cinderela se metia num canto junto à lareira e se sentava no meio das cinzas. Por isso, todos passaram a chamá-la Gata Borralheira. Mas a caçula das irmãs, que não era tão estúpida quanto a mais velha, começou a chamá-la Cinderela. No entanto, apesar das roupas suntuosas que as filhas da madrasta usavam, Cinderela, com seus trapinhos, parecia mil vezes mais bonita que elas.

Ora, um dia o filho do rei deu um baile e convidou todos os figurões do reino – nossas duas senhoritas estavam entre os convidados, pois desfrutavam de certo prestígio. Elas ficaram entusiasmadas e ocupadíssimas, escolhendo as roupas e os penteados que lhes caíam melhor. Mais um sofrimento para Cinderela, pois era ela que tinha de passar a roupa branca das irmãs e engomar seus babados. O dia inteiro as duas só falavam do que iriam vestir.

“Acho que vou usar meu vestido de veludo vermelho com minha renda inglesa”, disse a mais velha.

“Só tenho minha saia de todo dia para vestir, mas, em compensação, vou usar meu mantô com flores douradas e meu broche de diamantes, que não é de se jogar fora.”

Mandaram chamar o melhor cabeleireiro das redondezas, para levantar-lhes os cabelos em duas torres de caracóis, e mandaram comprar moscas do melhor fabricante. Chamaram Cinderela para pedir sua opinião, pois sabiam que tinha bom gosto. Cinderela deu os melhores conselhos possíveis e até se ofereceu para pentear-las. Elas aceitaram na hora. Enquanto eram penteadas, lhe perguntavam: “Cinderela, você gostaria de ir ao baile?”

“Pobre de mim! As senhoritas estão zombando. Isso não é coisa que convenha.”

“Tem razão, todo mundo riria um bocadinho se visse uma Gata Borralheira indo ao baile.”

Qualquer outra pessoa teria estragado seus penteados, mas Cinderela era boa e penteou-as com perfeição. As irmãs ficaram quase dois dias sem comer, tal era seu alvoroço. Arrebutaram mais de uma dúzia de corpetes de



Harry Clarke, 1922

tanto apertá-los para afinar a cintura, e passavam o dia inteiro na frente do espelho.

Enfim o grande dia chegou. Elas partiram, e Cinderela seguiu-as com os olhos até onde pôde. Quando sumiram de vista, começou a chorar. Sua madrinha, que a viu em prantos, lhe perguntou o que tinha: "Eu gostaria tanto de... eu gostaria tanto de..." Cinderela soluçava tanto que não conseguia terminar a frase.

A madrinha, que era fada, disse a ela: "Você gostaria muito de ir ao baile, não é?"

"Ai de mim, como gostaria", Cinderela disse, suspirando fundo.

"Pois bem, se prometer ser uma boa menina eu a farei ir ao baile."

A fada madrinha foi com Cinderela até o quarto dela e lhe disse:

"Desça ao jardim e traga-me uma abóbora."

Cinderela colheu a abóbora mais bonita que pôde encontrar e a levou para a madrinha. Não tinha a menor ideia de como aquela abóbora poderia fazê-la ir ao baile. A madrinha escavou a abóbora até sobrar só a casca. Depois bateu nela com sua varinha e no mesmo instante a abóbora foi transformada numa bela carruagem toda dourada. Em seguida foi espionar a armadilha para camundongos, onde encontrou seis camundongos ainda vivos. Disse a Cinderela

que levantasse um pouquinho a portinhola da armadilha. Em cada camundongo que saía dava um toque com sua varinha, e ele era instantaneamente transformado num belo cavalo; formaram-se assim três belas parelhas de cavalos de um bonito cinza-camundongo rajado. E vendo a madrinha confusa, sem saber do que faria um cocheiro, Cinderela falou: "Vou ver se acho um rato na ratoeira. Podemos transformá-lo em cocheiro."



Arthur Rackham, 1919

"Boa ideia", disse a madrinha, "vá ver."

Cinderela então trouxe a ratoeira, onde havia três ratos graúdos. A fada escolheu um dos três, por causa dos seus bastos bigodes, e, tocando-o, transformou-o num corpulento cocheiro, bigodudo como nunca se viu. Em seguida ordenou a Cinderela: "Vá ao jardim, e encontrará seis lagartos atrás do regador. Traga-os para mim."

Assim que ela os trouxe, a madrinha os transformou em seis lacaios, que num segundo subiram atrás da carruagem com suas librés, e ficaram ali empoleirados, como se nunca tivessem feito outra coisa na vida.



Arthur Rackham, 1933

A fada se dirigiu então a Cinderela: "Pronto, já tem como ir ao baile. Não está contente?"

"Estou, mas será que vou assim, tão maltrapilha?" Bastou que a madrinha a tocasse com sua varinha, e no mesmo instante suas roupas foram transformadas em trajes de brocado de ouro e prata incrustados de pedrarias. Depois ela lhe deu um par de sapatinhos de vidro, os mais lindos do mundo.

Deslumbrante, Cinderela montou na carruagem. Mas sua madrinha lhe recomendou, acima de tudo, que não passasse da meia-noite, advertindo-a de que, se continuasse no baile um instante a mais, sua carruagem viraria de novo abóbora, seus cavalos camundongos, seus lacaios lagartos, e ela estaria vestida de novo com as roupas esfarrapadas de antes. Cinderela prometeu à madrinha que não deixaria de sair do baile antes da meia-noite.

Então partiu, não cabendo em si de alegria. O filho do rei, a quem foram avisar que acabara de chegar uma prin-

cesa que ninguém conhecia, correu para recebê-la; deu-lhe a mão quando ela desceu da carruagem e conduziu-a ao salão onde estavam os convidados. Fez-se então um grande silêncio; todos pararam de dançar e os violinos emudeceram, tal era a atenção com que contemplavam a grande beleza da desconhecida. Só se ouvia um murmúrio confuso: "Ah, como é bela!"

O próprio rei, apesar de bem velhinho, não se cansava de fitá-la e de dizer bem baixinho para a rainha que fazia muito tempo que não via uma pessoa tão bonita e tão encantadora. Todas as damas puseram-se a examinar cuidadosamente seu penteado e suas roupas, para tratar de conseguir iguais já no dia seguinte, se é que existiam tecidos tão lindos e costureiras tão habilidosas.

O filho do rei conduziu Cinderela ao lugar de honra e em seguida a convidou para dançar: ela dançou com tanta graça que a admiraram ainda mais. Foi servida uma magnífica ceia, de que o príncipe não comeu, tão ocupado estava em contemplar Cinderela. Ela então foi se sentar ao lado das irmãs, com quem foi gentilíssima, partilhando com elas as laranjas e os limões que o príncipe lhe dera, o que as deixou muito espantadas, pois não a reconheceram. Estavam assim conversando quando Cinderela ouviu soar um quarto para a meia-noite. No mesmo instante fez uma grande reverência para os convidados e partiu chispando.

Assim que chegou em casa foi procurar a madrinha. Depois de lhe agradecer, disse que gostaria muito de ir de novo ao baile do dia seguinte, pois o filho do rei a convidara. Enquanto estava entretida em contar à madrinha tudo que acontecera no baile, as duas irmãs bateram à porta; Cinderela foi abrir.

“Como demoraram a chegar!” disse, bocejando, esfregando os olhos e se espreguiçando como se tivesse acabado de acordar; na verdade não sentira nem um pingo de sono desde que as deixara. “Se você tivesse ido ao baile”, disse-lhe uma das irmãs, “não teria se entediado: esteve lá uma bela princesa, a mais bela que se possa imaginar; gentilíssima, nos deu laranjas e limões.”

Cinderela ficou radiante ao ouvir essas palavras. Perguntou o nome da princesa, mas as irmãs responderam que ninguém a conhecia e que até o príncipe estava pasmo. Ele daria qualquer coisa para saber quem era ela. Cinderela sorriu e lhes disse: “Então ela era mesmo bonita? Meu Deus, que sorte vocês tiveram! Ah, seu eu pudesse vê-la também! Que pena! Senhorita Javotte, pode me emprestar aquele seu vestido amarelo que usa todo dia?”

“Com certeza”, respondeu a senhorita Javotte, “vou fazer isso já, já! Emprestar meu vestido para uma Gata Borralheira asquerosa como esta, só se eu estivesse completamente louca.” Cinderela já esperava essa recusa, que

a deixou muito satisfeita; teria ficado terrivelmente embaraçada se a irmã tivesse lhe emprestado o vestido.

No dia seguinte as duas irmãs foram ao baile, e Cinderela também, mas ainda mais magnificamente trajada que da primeira vez. O filho do rei ficou todo o tempo junto dela e não parou de lhe sussurrar palavras doces. A jovem estava



Walter Crane, 1873

se divertindo tanto que esqueceu o conselho de sua madrinha. Assim foi que escutou soar a primeira badalada da meia-noite quando imaginava que ainda fossem onze horas: levantou-se e fugiu, cêlere como uma corça. O príncipe a seguiu, mas não conseguiu alcançá-la. Ela deixou cair um dos seus sapatinhos de vidro, que o príncipe guardou com todo cuidado.

Cinderela chegou em casa sem fôlego, sem carruagem, sem lacaio e com seus andrajos; não lhe restara nada de todo o seu esplendor senão um pé dos sapatinhos, o par do que deixara cair.

Perguntaram aos guardas da porta do palácio se não tinham visto uma princesa deixar o baile. Responderam que



Jessie Willcox Smith, 1911

não tinham visto ninguém sair, a não ser uma mocinha muito malvestida, que mais parecia uma camponesa que uma senhorita.

Quando suas duas irmãs voltaram do baile, Cinderela perguntou-lhes se tinham se divertido novamente, e se a bela dama lá estivera. Responderam que sim, mas que fugira ao toque da décima segunda badalada, e tão depressa que deixara cair um de seus sapatinhos de vidro, o mais lindo do mundo. Contaram que o filho do rei o pegara, e que não fizera outra coisa senão contemplá-lo pelo resto do baile. Tinham certeza de que ele estava completamente apaixonado pela linda moça, a dona do sapatinho.

Diziam a verdade, porque, poucos dias depois, o filho do rei mandou anunciar ao som de trompas que se casaria com aquela cujo pé coubesse exatamente no sapatinho. Seus homens foram experimentá-lo nas princesas, depois nas duquesas, e na corte inteira, mas em vão. Levaram-no às duas irmãs, que não mediram esforços para enfiarem seus pés nele, mas sem sucesso. Cinderela, que as observava, reco-

nheceu seu sapatinho e disse, sorrindo: "Deixem-me ver se fica bom em mim." As irmãs começaram a rir e a caçoar dela. Mas o fidalgo que fazia a prova do chinelo olhou atentamente para Cinderela e, achando-a belíssima, disse que o pedido era justo e que ele tinha ordens de experimentá-lo em todas as moças.

Pediu a Cinderela que se sentasse. Levou o sapato até seu pezinho e viu que cabia perfeitamente, como um molde de cera.

O espanto das duas irmãs foi grande, mas maior ainda quando Cinderela tirou do bolso o outro sapatinho e o calçou. Nesse instante chegou a madrinha e, tocando com sua varinha os trapos de Cinderela, transformou-os de novo nas mais magníficas de todas as roupas.

As duas irmãs perceberam então que era ela a bela jovem que tinham visto no baile. Jogaram-se aos seus pés para lhe pedir perdão por todos os maus-tratos que a tinham feito sofrer. Cinderela perdoou tudo e, abraçando-as, pediu que continuassem a lhe querer bem.



George Cruikshank, 1854

Levaram Cinderela até o príncipe, suntuosamente vestida como estava. Ela lhe pareceu mais bela que nunca e poucos dias depois estavam casados. Cinderela, que era tão boa quanto bela, instalou as duas irmãs no palácio e as casou no mesmo dia com dois grandes senhores da corte.

*M*ORAL

*É um tesouro para a mulher a formosura,
Que nunca nos fartamos de admirar.
Mas aquele dom que chamamos doçura
Tem um valor que não se pode estimar.*

*Foi isso que Cinderela aprendeu com a madrinha,
Que a educou e instruiu com um zelo tal,
Que um dia, finalmente, dela fez uma rainha.
(Pois também deste conto extraímos uma moral.)*

*Beldade, ela vale mais do que roupas enfeitadas.
Para ganhar um coração, chegar ao fim da batalha,
A doçura é que é a dádiva preciosa das fadas.
Adorne-se com ela, pois que esta virtude não falha.*

*A*UTRA MORAL

*É por certo grande vantagem
Ter espírito, valor, coragem,
Um bom berço, algum bom senso –
Talentos que tais ajudam imenso.
São dons do Céu que esperança infundem.
Mas seus préstimos por vezes iludem,
E teu progresso não vão facilitar,
Se não tiveres, em teu labutar,
Pudrinho ou madrinha a te empurrar.*



Ao final dessa leitura mais atenta o mestre poderá levantar algumas questões, visando o desenvolvimento dos alunos das habilidades de leitura e oralidade, pois primeiramente deverão ser respondidas de forma oral.

- 1ª) Quais são as personagens da história?
- 2ª) O que mais gostou ?
- 3ª) O que menos gostou?
- 4ª) Quem é a personagem principal ?
- 5ª) Como é sua aparência física?
- 6ª) Na sua opinião, qual era o maior problema dela?
- 7ª) Conhece alguém que tenha o mesmo problema ?

8ª) E as outras personagens como eram?

9ª) Em que época a história se passa?

A seguir, os alunos deverão ser orientados a comparar os contos maravilhosos lidos e, mediados pelo professor, retirar os elementos que se pede:

TEXTO 1	TEXTO 2
HEROÍNA	
HEROI	
ANTAGONISTA	
QUANDO DE PASSA O CONTO	
ELEMENTOS MÁGICOS	
SERES SOBRENATURAIS	
C ONFLITO	

RESOLUÇÃO DO CONFLITO
RECOMPENSA RECEBIDA AO FINAL

Esse quadro tem como objetivo a comparação entre os textos lidos e para que tal tarefa seja realizada é necessário que os alunos examinem os dois textos diversas vezes, o intuito de que desenvolvam o hábito de comparar textos, de relacioná-los, de descobrir seus pontos em comum contribui para a formação do leitor.

AULAS 11 E 12

Para finalizar sugiro que cada o aluno crie seu um conto maravilhoso seguindo as instruções do professor, e que as produções sejam corrigidas e depois digitalizadas, após correção, encadernadas e expostas em uma exposição aberta para toda a comunidade em que seja promovida uma sessão de autógrafos.

Caso a escola não tenha uma biblioteca, proponho lançar um projeto estimulando e ajudando os alunos a buscarem doações para que sejam entregues no dia da culminância e, dessa forma, se inicie uma pequena biblioteca na escola, tendo com pedra fundamental os livros doados bem como com as próprias produções dos alunos.

Então seria a última atividade proposta para essa série didática.

Material utilizado: livros contendo contos de fadas, vídeos, imagens, texto impresso, Data-Show, e livros de literatura infanto-juvenil diversos.

CONCLUSÕES

A tarefa de investigar livros didáticos que fazem parte de um grupo seletivo de coleções aprovadas para serem adotadas pelas escolas públicas do país está longe de ser tarefa fácil. Ainda assim, decidi investigá-los partindo do pressuposto de que tais publicações têm falhado e não têm concedido lugar devido aos textos literários em LD do fundamental II. E para analisar como tem o LD realizado as abordagens desses contos e através delas pudesse averiguar qual o lugar que o texto literário tem ocupado nesse segmento de ensino. Detive - me, especificamente nos volumes que tratam dos contos. Por essa razão os volumes que continham tal assunto, receberam maior atenção na investigação.

Dentre as doze coleções aprovadas pelos especialistas do PNLD, apenas uma delas tem como ponto forte a abordagem dos textos literários. Essa constatação já comprova a gravidade do problema. O que me leva a refletir: Por que não está sendo exigida dos autores uma abordagem melhor dos textos literários?

Adotei como critério de seleção analisar as duas que foram adotadas pelas escolas nas quais atuo, porque almejo contribuir de forma produtiva para o letramento literário tanto dos meus alunos, quanto de todos os aprendizes que puder alcançar.

Logo percebi que analisar somente as coleções, em especial, os volumes que contém contos, não seriam suficientes para chegar a uma conclusão, senti a necessidade de retroceder e investigar antes dos livros também o processo de escolha pelo qual eles passam. Como essas investigações ainda não bastaram, pesquisei o percentual de professores que adotam LD sistematicamente.

Cheguei às seguintes conclusões: oitenta e cinco por cento dos professores das escolas públicas de nossa região não adotam o LD e o utilizam com regularidade e os processos de escolha ao quais os LD são submetidos são falhos.

Sendo assim o ensino de literatura é altamente prejudicado tendo em vista que o LD é a principal porta de entrada de textos literários na escola. No caso da região da Baixada Fluminense, especificamente no município de São João de Meriti, a situação é precária porque se trata de um dos municípios mais pobres do Rio de Janeiro, carente de boas bibliotecas públicas e de livrarias que comercializem livros de literatura.

Ao contemplar esse panorama conclui que o LD aborda o conto de forma superficial não oferecendo condições favoráveis para que o letramento literário se realize, portanto o lugar que o texto literário ocupa é insignificante, pois a esse tipo de texto é dispensado espaço ínfimo para que seja abordado literariamente nos LD.

A chegada da literatura nas mãos dos aprendizes ocorre através, quase que somente do LD, se esse grande percentual de professores não o adota, que tipo de texto então esses meninos leem para que sejam formados literariamente?

Então se for levada em conta que a chegada da literatura nas mãos dos aprendizes ocorre quase que exclusivamente através do LD, e que os volumes das coleções analisadas estão repletos de textos literários, porém há um grande percentual dos professores da rede pública da região pesquisada que não adota tais coleções, facilmente se conclui que os alunos leem poucos textos literários.

Os volumes das coleções analisada estão repletos de textos literários, contudo os textos não são discutidos de forma relevante, com questões que visem à relação interativa entre leitor e autor. Não há nas questões aprofundamento, raras são as ofertas para os alunos de leitura de fruição, pois os textos continuam sendo utilizados apenas como pretexto para que sejam abordados conteúdos gramaticais e para que os alunos produzam textos. Mas como produzirão bons textos sem antes terem conhecido textos de qualidade para os quais se dedicou tempo para que fosse desfrutado com o devido aprofundamento? Como se desenvolverão criticamente sem o auxílio da literatura? Como se tornarão cidadãos reflexivos que atuam de forma proativa na sociedade sem que aprendam a arte da reflexão através da literatura?

Reportar-me-ei Coelho (1998, p. 29), e seu questionamento acerca de ditadores, e presumo que já sei qual é a resposta para essas questões, pelo que vi acerca do lugar irrisório oferecido a literatura nos LD e conseqüentemente nas salas de aula: “querem cabeças e almas vazias, para mais facilmente escravizá-las”?

Notei que, apesar do Estado do Rio de Janeiro possuir um currículo peculiar denominado de “Currículo Mínimo”, na verdade nada tem de mínimo, e que este documento prevê o gênero textual conto logo na primeira das séries do Fundamental II, mas nem todas as coleções do LD adotadas pelas escolas públicas da mesma rede, possuem esse gênero textual em seu volume destinado para o sexto ano. É certo que tais coleções são aprovadas para serem adotadas em nível nacional, porém cada Estado é

livre para criar seu próprio sistema de ensino, claro submetendo-se a algumas leis de âmbito nacional. Porém, percebo aqui uma incongruência: como podem os Estados adotarem tais livros para serem utilizados e não subutilizados se eles são organizados de formas tão diversas com relação a seus conteúdos? É possível um material criado para ser utilizado em nível nacional satisfazer as exigências específicas do sistema de ensino de um Estado?

Então como atuará o professor utilizando um LD, quando esse que deveria ser-lhe um material de auxílio, mas que foi criado para atender um público de grande abrangência, e não se coaduna com o que prevê currículo mínimo de seu Estado? Não é possível deixar o CM de lado e submeter-se a sequência do LD, porque os alunos das escolas estaduais são avaliados por testes externos que avaliam a aplicação dos conteúdos do CM.

Essa situação faz-nos lembrar da poesia de Cecília Meirelles “Ou isto ou aquilo”, pois ou se pratica o CM ou se utiliza o LD. Ou então se subutiliza tais publicações.

Como agem os professores de Língua Portuguesa diante de tamanho caos? Alguns deles já desistiram dos LD e os poucos que ainda se arriscam em utilizá-lo, ainda que esporadicamente, fazem adaptações de alguns textos e buscam contornar as situações complexas do dia a dia, tais como, pagar por cópias de textos para seus alunos, para dar conta do que lhe é imposto sem ter o auxílio devido do Estado. Apesar de toda propagação de que nossa pátria é educadora!

Investiguei com se dão as escolhas das coleções dos LD nas escolas, conforme mencionei acima com o intuito de clarificar alguns pontos que me eram obscuros e descobri a existência de um guia para auxiliar os professores na tarefa de escolha do LD, o Guia de livros didáticos – PNLD, contudo trata-se de material inútil, haja vista que os docentes nem sequer conhecem tal publicação. Ao examinar tal publicação, me certifiquei que apesar de conter resenhas quadros sinóticos relevantes que auxiliariam na tarefa de seleção dos LD, deparei com erros relevantes de informações, o que me fez concluir que o material necessita ser reavaliado, muito há que ser feito ainda para que sejam alcançados os resultados esperados pelo PNLD.

Ao refletir diante de tais resultados comprovados me disponho a planejar e a aplicar abordagens relevantes, dotadas de questões mais profundas acerca dos textos dos LD com os quais eu me deparar doravante.

O fato de estar licenciada por questões de saúde impossibilitou-me tanto de investigar com maior profundidade os pressupostos, como também aplicar as sugestões aqui propostas o que espero fazê-lo em breve, pois o retorno ao trabalho já tem data marcada. Volto as escolas com outro olhar, com maior capacidade depois de tantas descobertas, a fim de que juntos com meus pares realizemos ações tanto mais efetivas quanto assertivas relacionadas à formação do leitor literário.

Aqui encerro por ora minhas investigações e reflexões com a esperança de que as questões aqui apontadas e as provocações feitas sejam úteis para outros, assim como já foram para mim ao realizá-las.

REFERÊNCIAS

1.Antologias (Contos de fadas).2 (Literatura infanto-juvenil). I. Machado, Ana Maria , 1941-. II Borges, Maria Luiza X. de A. (Maria Luiza Xavier de Almeida, 1950-.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BETTELHEIM, Bruno, 1903 – 1990. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **La lecture et l' enfant,** Paris, Hachette-Pluriel, 1993, p.50

BRASIL.MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais; língua portuguesa: 5 a 8 séries. Brasília: SEF,1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem.** In: DANTAS, V. (Org.) Bibliografia Antônio Candido – textos de intervenção. São Paulo: Ed. 34, 2002.

CEIA, Carlos. **O que é ser professor de literatura.** Lisboa: Colibri, 2002.

COCHAR, Thereza Anália Magalhães e CEREJA William Roberto. **Português: linguagens, 6º ano, 7ª edição reform.** – São Paulo: Saraiva, 2012.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros,** São Paulo: Global Editora, 2007.

COSSON, Rildo .Letramento literário; teoria e prática. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

DELMANTO, Dileta. Laiz, B. de Carvalho. **Jornadas. port. Língua Portuguesa, 7º ano – 2ª ed.** São Paulo: Saraiva, 2012.

DIAS, R. **Um instrumento de avaliação para as atividades de leitura no livro didático (LD) de língua estrangeira (LE) no contexto da educação básica.** *Moara.* UFPA, Belém, 2007. (no prelo)

DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004

FREGONEZI, D. **Livro didático de Língua Portuguesa: liberdade ou opressão?** In: LEFFA, V. (Org.). Tela 2 (Textos em Linguística Aplicada). CD-rom.

Pelotas: Educat, 2003.

GATTI; BARRETO & ANDRÉ. Bernadete; Elba Siqueira de Sá; Marlí A. Eliza Dalmazo de Afonso. **Políticas docentes no Brasil um estado da arte**. Brasília, Ministério da Educação, UNESCO, 2011 p.13-29

GOMIDE, Angela Galizzi Vieira. **Políticas da Unesco Para formação de Professores no Brasil: uma leitura da desqualificação da educação brasileira**. *Cadernos de Pesquisa*, n. 11, 7, 2010.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS , anos finais do ensino fundamental, PNLD, 2014. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/3963-pnld-2014-anos-finais-do-ensino-fundamental>>

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Processo de Trabalho na Escola: algumas categorias de análise**. IN: Teoria & Educação. Pelotas. 1991. Disponível em: <http://www.academia.edu/968879/Processo_de_trabalho_na_escola_algumas_categorias_para_an%C3%A1lise>

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Cultrix, 1993.

JOLLES, André. **Formas Simples**. São Paulo: Cultrix, 1930

JOUVE, Vicente. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012._____. A Leitura. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

PAES, José Paulo, **Sem Barra**. In: Henriqueta Lisboa et alii. Varal de poesia. São Paulo: Ática, 2003. P.50.

KEMMIS, S.; MC TAGGART, R. (Eds.) . **The Action Research Planner**. Melbourne: Deakin University, 1988.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

_____. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1993.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1998.

KOCH, I. V & ELIAS, V. M. **Ler e compreender – os sentidos do texto**. São Paulo:Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira, Histórias & Histórias**. 5ª edição. São Paulo, Ática, 1991.

LEFFA, Vilson J.; Pereira , Aracy R. (orgs). **O ensino da literatura e produção textual**. Pelotas: Educat, 1999.

- MAGALHÃES, Threzeza Cochar. – São Paulo: Atual, 2000. **Português: Ideias & Linguagens, 9º ano** / Dileta Delmanto, Maria da Conceição Castro. – 12ª. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2005.
- MACHADO, Ana Maria, **Como e Porque Ler os Clássicos Universais Desde Cedó**, Rio de Janeiro: objetiva, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATOS, F.G. de; CARVALHO, N. **Como avaliar um livro didático: língua portuguesa**. São Paulo: Pioneira, 1984.
- MORIN, Edgar. **Por uma reforma do pensamento**. Em: PENA_VEGA, Alfredo;
- MUGIANY, Oliveira Brito Portela. **A Formação e a Profissionalização Docente no Cenário Brasileiro: Contexto e Perspectivas**. Doutoranda em Geografia IESA/UFG Professora Assistente de Geografia/UFPI. 2008.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. **O pensar complexo Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 13p.
- RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- RANGEL, E. **Livro didático de língua portuguesa: o retorno do recalcado**. In: O livro didático de português: múltiplos DIONISIO, A.; BEZERRA. M. A olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- ROJO, R.; BATISTA, A. **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003
- .
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Afrontamento, 2002.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOUZA & FEBA. Renata Junqueira de; Berta Lúcia Tagliari. **Gêneros Textuais na Formação de Leitores: A Circulação do Conto e da Narrativa Longa no Oeste Paulista**. Simpósio Internacional de Estudos Textuais. Caxias do Sul –RS, 2009. ISSN 1808-7655
- TAGLIANI, Dulce Cassol. **O Processo de Escolha do Livro Didático de Língua Portuguesa**. 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n2/05.pdf>. > acessado em: 08/06/2015.

TERZI, S. B. **A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados.** In: KLEIMAN, Â. B. (Org.). **Os significados do letramento : uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

TORRES, Shirlei Milene e TETTAMANZY, Lúcia Liberato. **Contaçon de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação.** Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Sessão aberta. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 01 – jan/jun 2008

ZAVALA, Virginia e NIÑO, Mercedes - Murcia y Patricia Ames, editoras. **La literacidad entendida como práctica social.** Escritura y sociedad. Nuevas perspectivas teóricas y, etnográficas. Red para el desarrollo de las ciencias sociales en el Perú. IEP y Universidad del Pacífico, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1

Questões norteadoras para as entrevistas realizadas com os dois professores que atuaram em 2014 nas bibliotecas das escolas investigadas

Na escola estadual:

Questão 1

Pergunta: Quais têm sido as ações executadas para incentivar os alunos a lerem?

Resposta “-Abrir a biblioteca duas vezes por semana e me pôr à disposição para auxiliar em alguma pesquisa ou busca.”

Questão 2:

Pergunta: Quais têm sido as estratégias utilizadas por você para cativar leitores?

Resposta: “- Conversa informal, simpatia e disponibilidade para ajudar os alunos quando buscam alguma leitura.”

Questão 3

Pergunta: Tem participado de alguma reunião ou formação que visem discussões ou treinamentos para desenvolvimento de algum projeto para despertar o gosto pela leitura?

Resposta: “-Não, sou professor readaptado e não tenho tido condições de ir a nenhum desses encontros oferecidos pela Seeduc. Até gostaria de participar, mas não tem sido possível.”.

Na escola municipal:

Questão 1

Pergunta: Tem executado ações para incentivar os alunos a lerem?

Resposta: “- Sou professora do primeiro e segundo ciclos na parte da manhã e à tarde, trabalho oferecendo aulas de reforço aqui na biblioteca”.

Além de servir de local onde os livros paradidáticos encontram-se armazenados, a biblioteca também é subutilizada para ministrar aulas de reforço.

Questão 2

Pergunta: Quais têm sido as estratégias utilizadas por você para cativar leitores?

Resposta: “Uma vez ao ano, organizamos um evento para os alunos que são convidados a virem ao colégio a fim de participar, de variadas oficinas. Uma das atividades consiste em o aluno escolher um livro dentro os que se encontram afixados sob uma árvore real, plantada no pátio da escola..

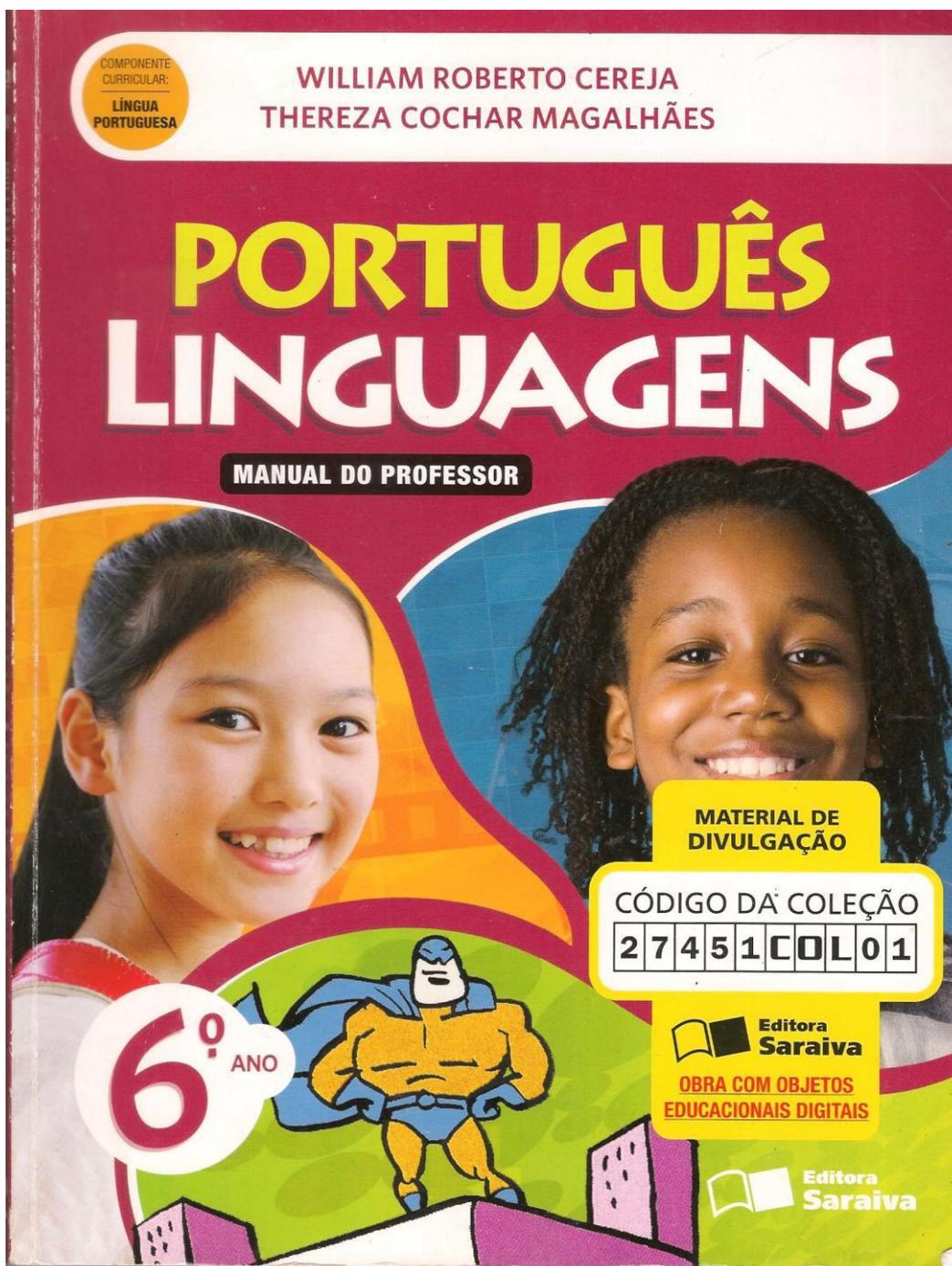
Questão 3

Pergunta: Tem participado de alguma reunião ou formação que visem discussões ou treinamentos para desenvolvimento de algum projeto para despertar o gosto pela leitura?

Resposta: “-Não porque não tenho tempo, já que trabalho em dois horários e também em outra rede.”

ANEXO 2

Primeira obra analisada.



WILLIAM ROBERTO CEREJA

Professor graduado em Português e Linguística e licenciado em Português pela Universidade de São Paulo
Mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo
Doutor em Linguística Aplicada e Análise do Discurso na PUC-SP
Professor da rede particular de ensino em São Paulo, capital

THEREZA COCHAR MAGALHÃES

Professora graduada em Português e Francês e licenciada pela FFCL de Araraquara, SP
Mestra em Estudos Literários pela Unesp de Araraquara, SP
Professora da rede pública de ensino em Araraquara, SP

Autores também de:

Obras para o ensino fundamental:

Português: linguagens (1º ao 5º ano)

Gramática — Texto, reflexão e uso (6º ao 9º ano)

Gramática reflexiva (6º ao 9º ano)

Todos os textos (6º ao 9º ano)

Obras para o ensino médio:

Português: linguagens

Literatura brasileira

Literatura portuguesa

Gramática reflexiva — Texto, semântica e interação

Texto e interação

Interpretação de textos

PORTUGUÊS **LINGUAGENS**

6º ANO

MANUAL DO PROFESSOR

COMPONENTE
CURRICULAR:
**LÍNGUA
PORTUGUESA**

7ª edição reformulada

São Paulo, 2012.

 **Editora
Saraiva**

© William Roberto Cereja / Thereza Cochar Magalhães

Copyright desta edição:

SARAIVA S.A. Livrários Editores, São Paulo, 2012.
R. Henrique Schaumann, 270 — Pinheiros
05413-010 — São Paulo — SP
PABX: (11) 3613-3000
SAC: 0800-0117875
www.editorasaraiva.com.br
Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cereja, William Roberto
Português : linguagens, 6º ano: língua portuguesa / William Roberto
Cereja, Thereza Cochar Magalhães. — 7. ed. reform. — São Paulo :
Saraiva, 2012.

Suplementado pelo manual do professor.

Bibliografia.

ISBN 978-85-02-15786-6 (aluno)

ISBN 978-85-02-15787-3 (professor)

I. Português (Ensino fundamental) I. Magalhães, Thereza Cochar.
II. Título.

12-00902

CDD-372.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Português : Ensino fundamental 372.6

Português: linguagens

6º ano

Gerente editorial: Lauri Cericato

Editor: Noé G. Ribeiro

Editoras-assistentes: Paula Junqueira/Thámará Veríssimo

Preparação de texto: Célia Tavares

Revisão: Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Elza Gasparotto/

Eduardo Sigrist/Luciana Azevedo/Maura Loria

Pesquisa iconográfica: Cristina Akisino (coord.)

Licenciamento de textos: Cristina Akisino (coord.)/Érica Brambila/Stephanie Santos Martini

Gerente de arte: Nair de Medeiros Barbosa

Supervisor de arte: José Maria de Oliveira

Adaptação de projeto gráfico: Cristina Nogueira da Silva

Capa: Commcepta Design

Imagens de capa: Monkey Business/LatinStock, Nicole Hill/Rubberball

LatinStock, Jupiter Unlimited/Image Plus, Laerte

Ilustrações: Avelino Guedes/Eliana Delarissa/Evandro Luis/Filipe Rocha
Lie Kobayushi/Marcelo Martins/Marcos Guilherme/Patricia Lima/Ricardo Dantas

Diagramação: Setup Bureau

Assessoria de arte: Maria Paula Santo Siqueira

Encargada de produção e arte: Grace Alves

Coordenação eletrônica: Sílvia Regina E. Almeida

Propostas de textos e atividades: Ariete Fernandes Moreira/Ciley Cleto/
Liete Maria de Amorim Machado/Norberto Lourenço Nogueira Júnior/Rosineide de Melo

Impressão: Log&Print Gráfica e Logística S.A.

O material de publicidade e propaganda reproduzido nesta obra está sendo utilizado apenas para fins didáticos, não representando qualquer tipo de recomendação de produtos ou empresas por parte do(s) autor(es) e da editora.



ANEXO 3 – segunda obra analisada

Dileta Delmanto

Licenciada em Letras (Português e Inglês)

Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

Laiz B. de Carvalho

Licenciada em Letras e Mestre em Literatura Brasileira pela

Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP)

Professora das redes estadual e particular de São Paulo

JORNADAS.port

Língua Portuguesa

Manual do Professor

6

2ª edição | São Paulo | 2012 **6º ano**

 **Editora Saraiva**

Jornadas.port - Língua Portuguesa - 6º ano (Ensino Fundamental)
© Dieta Delmanto, Luz B. de Carvalho, 2012

Direitos desta edição:
Saraiva S.A. - Livreros Editores, São Paulo, 2012
Todos os direitos reservados



Foto de capa
Reprodução de uma das obras de Ziraldo, de criação
Zélio. O Zélio são uma série bem-humorada de autor à
perfeição das super-heróis da história em quadrinhos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Delmanto, Dieta
Jornadas.port - Língua Portuguesa, 6º ano / Dieta Delmanto, Luz B. de
Carvalho. -- 2. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2012.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia
ISBN 978-85-02-17076-4 (aluno)
ISBN 978-85-02-17077-3 (professor)

I. Língua portuguesa (Ensino fundamental) I. Carvalho, Luz B. de.
II. Título.
CDD-372.6

Índice para catálogo sistemático:
I. Língua portuguesa : Ensino fundamental 372.6

Gerente editorial M. Esther Negr
Editor Olívia Maria Neto
Editores assistentes Maria Cecília Fernandes Vannucchi,
Silvia Cunha
Revisão técnica Vânia Regina Gomes
Coordenador de revisão Camilla Christ Gazzari
Revisores Lucila Scott Nicolai Jenc, J. Márcia Eliza Rodrigues,
Patrícia Rocca, Regiani Marcondes, Renata Fatemo
Assistente de produção editorial Rachel Lopes Comadini
Coordenador de iconografia Cristina Akisino
Pesquisa iconográfica Mariana Valeiro, Denise Kremer
Licenciamento de textos Érica Brambila, Marina Murphy
Gerente de artes Ricardo Borges
Projeto gráfico e capa Homem de Mello & Tross Design
Imagem de capa Ziraldo
Produtor de artes Niagara Lara
Coordenador de artes Wagner Castro dos Santos
Diagramação R52 Comunicações
Ilustrações André Fauvino, Bruno Brasil, Jorge Zebit,
Maurício Souza, Mauro Kawasuti, Pedro Paulo Sotti,
Quenta Estúdio de Artes, Robson Moura,
Rodrigo Matias, Rogério Borges, Tatiana Moes Spinelli
Cartografia Mario Yoshida
Assistente de arte e infografia Daniela Di Credito Máximo
Tratamento de imagens Bernard Rodrigues Fuatelli
Impressão e acabamento Prof Editora Gráfica

Impresso no Brasil - 2012
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

© Material de publicação e propaganda reproduzido neste livro eletrônico somente a partir do sistema
de gerenciamento de conteúdo de propriedade da Saraiva S.A. e não pode ser utilizado sem a autorização da Saraiva S.A.



Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270 - Cerqueira César - São Paulo/SP - 05413-009
Fone: (11) 3613.3000 - Fax: (11) 3611.3308
Telex: (11) 3616.3666 - Fax Vendas: (11) 3611.3258

Atendimento ao professor: (11) 3613.3030 - Grande São Paulo
0800 0117875 - Demais localidades
atendprof@editorasaraiva.com.br